BIZZ

FAITH NO MORE
NO BRASIL!
Roddy Bottum
dá uma
prévia da turnê

GUNS ao vivo
mais...
SOFT CELL
PARALAMAS
KRAFTWERK
LENNY KRAVITZ
SEPULTURA

SUPER
ENTREVISTA
SKID ROW
- O NOVO DISCO
- A TURNÊ COM O G N'R
- A BRIGA COM JON BON JOVI

AS PÁGINAS MAIS IMPORTANTES DO ANO... MODÉSTIA À PARTE.

Seis anos após o revolucionário "BROTHERS IN ARMS", o DIRE STRAITS volta às lojas com "ON EVERY STREET". Poucas vezes na história, um disco chega tão amadurecido, trabalhado, ensaiado. Mais de 300 músicas foram compostas por Mark Knopfler, até que a banda chegasse a uma conclusão final. Ao longo dos últimos 6 anos, o DIRE STRAITS decidiu fazer não só um disco, mas um épico. Por isso, usou todo o seu talento, aliado aos melhores instrumentos, estúdios e mesas de mixagem do mundo. Valeu a pena. "ON EVERY STREET" é um marco e consagra o DIRE STRAITS como a melhor banda de rock do mundo.

Afinal, Mark Knopfler sempre disse que tem um compromisso com a história e não com instantes. A prova disso está em toda a discografia da banda (relançada em CD no Brasil), que some das lojas todos os dias. "ON EVERY STREET" é tudo o que a genialidade do século 20 pode dar à música. Sem exageros. É uma questão de justiça!

Em LP, MC e CD

PolyGram

PolyGram do Brasil Ltda.

COMPRE ESSE DISCO.

E SE PREPARE PRA OUVIR SEU PAI E SUA MÃE.

EM CD, LP E K7

ESSE É O NOVO ÁLBUM DO SKID ROW. METAL PURO. UMA AVALANCHE SONORA PRA AGITAR A MESMICE QUE ANDA POR AÍ. SÓ PRA VOCÊ TER UMA IDÉIA, LOGO NA PRIMEIRA SEMANA DE LANÇAMENTO NOS ESTADOS UNIDOS "SLAVE TO THE GRIND" ARREBENTOU NO 1º LUGAR DA TOP 100 ÁLBUNS. GARANTA LOGO O SEU. E SE A SUA MÃE MANDAR VOCÊ ABAIXAR O SOM, PONHA O TOCA-DISCOS NO CHÃO.

O 1º DISCO É O MAIOR SUCESSO. OUVIU?

WARNER MUSIC

Muita gente tem bronca do novo hard rock. Dizem que é glamourizado, comercial, baladeiro demais. Mas nem tudo é pose: por baixo da maquiagem e do lamé, algumas bandas têm garra e rebeldia comparáveis aos grandes nomes do passado. O SKID ROW **está tentando provar que faz parte desta seleto grupo. Vai indo bem. Com seu segundo disco, *Slave To The Grind*, eles conseguiram um feito aparentemente impossível: estrear em primeiro na parada da *Billboard* (a primeira vez que uma banda de heavy metal consegue isso), sem fazer concessões melosas. O disco é uma porrada só, convenceu boa parte da crítica e promete polêmica. E se alguém ainda duvida de que Sebastian Bach e cia. são real bad boys, a turnê conjunta com o Guns N'Roses vai liquidar o assunto. O novo Skid Row está na pag. 28 .**

Outro grupo adepto da estética batom-e-pancake é o SOFT CELL**, um dos fundadores do tecnopop do início dos 80. Entrevistamos Marc Almond , que relembra os velhos tempos e comenta sua carreira solo na pág. 56**

Com seu novo disco, os PARALAMAS **entram na reta final de seu salto internacional; o álbum é perfeito para isso, garante Ana Maria Bahiana na pag. 40**

E é claro que a gente não ia ignorar a superturnê que aporta esta semana no Brasil. Roddy Bottum fala da tour, do Brasil e do novo disco do Faith No More no *Showbizz*; e o ex-menudo Robbie explica o seu Maggie's Dream no *Fast Forward*. Daqui a trinta dias tem mais BIZZ; nesse meio tempo, vá preparando seu coração. Estão programados para outubro novos lançamentos de Legião Urbana, Prince, Dire Straits, Michael Jackson, Titãs... e U2.

Ronaldo Kohn Arai

DISCLO

Steve Douglas-Fatima

6 **SHOWBIZZ**
Notícias do fim do mundo

14 **FAST FORWARD**
Metal moderno, rap, Marcelo Nova

36 **NWA**
Por trás do rap barra-pesada

43 **ENTREVISTÃO**
Kraftwerk, os reis do eletro-rock

52 **IRA!**
Doze anos depois

62 **JUKEBOX**
O herdeiro de Buddy Holly

64 **CONEXÃO BRASIL**
Os filhotes do Barão Vermelho

66 **DANCE MUSIC**
Divas vocais

68 **AO VIVO**
GN'R, Skid Row, Pixies, RxDxPx

73 **DISCOS**
KLF, Urban Dance Squad, Shabba Ranks

83 **LETRA**
"Always On The Run", Lenny Kravitz

84 **PARADA**
Faith No More de novo! Chega!!

86 **CARTAS**
Tiros, socos, tijoladas

90 **DISCOTECA BÁSICA**
The Kinks (64)

FNM NO BRASIL

ÀS VÉSPERAS DE DESEMBARCAR, O TECLADISTA RODDY BOTTUN CONTA COMO É O NOVO DISCO DO FENEME E RELEMBRA O RIO

Se você já chegou ao ponto de não ter nenhuma unha sobrando para roer, temos as últimas sobre o disco do FNM, um dos eventos mais aguardados do ano, mas que permanece sem título. O produtor é o mesmo de *The Real Thing*, Matt Wallace.

"As coisas estão indo bem, mas ainda estamos compondo. O disco só deve sair no começo de 92. Acho que vai ser meio parecido com os anteriores. É bem misturado. Tem umas duas faixas bem pesadas, mas também há um country, e uma outra que parece Madonna *(isto NÃO é um erro de impressão)*. É bem variado, e queremos que continue assim. Quanto mais variedade, melhor." Será que o público brasileiro será o primeiro a provar as novidades? "Talvez."

Quem for ansioso demais pode ir atrás da trilha do filme *Bill & Ted's Bogus Journey* (importado), em que o FNM contribui com uma faixa inédita, "The Perfect Crime", sua primeira em dois anos. O guitarrista Jim Martin inclusive aparece no filme.

Quanto ao Brasil, não faltaram elogios. "Tivemos tanta sorte de ter tocado no Rock In Rio. Adorei o lugar: as pessoas são supersimpáticas, bonitas e amigáveis." A reação da banda toda ao sucesso da performance no Maracanã foi de surpresa total. "Não esperávamos nada disso. Imagine só, tocar no maior estádio de futebol do mundo... e os outros artistas naquela noite eram bons. A maior parte do público estava lá pelo Guns N'Roses. E, ao tocar antes deles, estávamos na posição perfeita. E também, não sei por que, o show foi bom do começo ao fim. E tudo aconteceu do dia para a noite!"

Um recadinho para os fãs: "Espero começar a aprender português em breve, para poder me comunicar com eles. Até lá!"

"Uma das faixas parece Madonna"

POPSTARS COM MUITA GRANA

★ Madonna desembolsou oito milhões de doletas *à vista* por sua nova casa de três dormitórios em Bel-Air, Califórnia. A casa, isolada em cima de seu próprio morro, será reformada ao custo de mais de cinco milhões.

★ Vanilla Sorvetão pagou 300 mil dólares por um Porsche conversível exclusivo. Tem um som poderoso o suficiente para ser ouvido com a capota abaixada em alta velocidade, e é um dos modelos mais caros já construídos.

PREJUÍZO

A ultra-extravagância dos shows da última turnê dos Pet Shop Boys bateu no vermelho. Parece que os prejuízos chegam a quase um milhão de dólares. Também, vejam os custos: só os cenários, coreografias e ensaios chegaram a dois milhões de dólares, mais quase o mesmo em hotéis, e mais quinhentos mil de passagens. Os ingressos esgotaram no mundo inteiro totalizando seis milhões de dólares — soma insuficiente, porém, para cobrir os gastos.

CANTÃO DO GUNS N' ROSES

E agora as últimas sobre a turma de Axl. Eles voltaram sua fúria corporativa contra a vídeo-revista *Hard'N'Heavy*. Uma das últimas edições da publicação traz 25 minutos do show do GNR no Rock In Rio, incluindo faixas do novo *Use Your Illusion*: "Pretty Tied Up" e "Double Talking Jive".

A banda pediu pela apreensão e alteração das cópias que ainda não foram para as lojas, já que não quer que o público conheça material do disco novo antes de seu lançamento.

E o azar continua rondando a banda. Axl Rose machucou seu pé esquerdo depois de um desastrado salto de cima de uma caixa de som num show em Nova York. Mas a dor só veio para valer em Milwaukee. O cantor foi levado para um hospital. Aí, um *designer* de tênis foi convocado para fazer um modelo com uma tala embutida para que nenhum show tivesse que ser adiado. O detalhe é que o cano do "tênis" vai até o joelho (no fim parece mais uma bota de motoqueiro).

O ex-baterista Steve Adler está processando o GN'R sob a alegação de que foi incentivado a consumir heroína *(leia mais na coluna Los Angeles)*.

E tem mais: Vince Neil, vocalista do Motley Crue, se escheu de ouvir Axl Rose falar mal de sua banda. Desafiou Axl para uma luta de boxe em público. Que vença o melhor.

EM TEMPO No início de agosto foi expedido um mandado de prisão contra Axl Rose por causa de sua participação no tumulto de Maryland Heights, subúrbio de St. Louis

TITÃS

Depois de limar Liminha e passar a produção para suas dezesseis mãos, os Titãs continuam na saga de terminar o "difícil" sétimo álbum, produzido por eles mesmos. Sai em outubro, e fontes confiáveis garantem que vem rock'n'roll porrada, com muitas guitarras, por aí.

POUCAS E BOAS

MICHAEL SEMINAL Corre um boato que Michael Jackson fez uma doação anônima para um banco de esperma. Michael e sua irmã Janet farão rápidas aparições no novo filme de Steven Spielberg sobre Peter Pan, *Hook*.

SUPER-RAPPER Seguindo a melhor tradição do pop (Jackson 5, NKOTBlock), chegou a vez do MC Hammer lançar seu desenho animado. A série para TV, **Hammerman**, traz as aventuras de um rapper super-herói.

Divulgação

ABORTO ELETRICO Mulheres engajadas do rock se reuniram num anúncio de trinta segundos na TV americana pela permanência do aborto legal nos EUA. Surpresa, nada de Sinéad O'Connor! Quem participou da campanha foi Lady Miss Kier, do Deee-Lite; Kim Gordon, do Sonic Youth; Kate Pierson, do B-52; Tina Weymouth, do Tom Tom Club; a rapper MC Lyte e as cantoras Crystal Waters e Corina.

REM & TROGGS O novo álbum dos antológicos Troggs, **Wild Thing**, terá participação do REM, compondo e tocando. O REM planeja há anos um disco só de covers dos Troggs. Peter Buck é lá.

CARIDADE? Contabilidade final: o megashow **The Wall**, aquele do Muro de Berlim, custou tanto que a caridade quase dançou. Dos 12 milhões de dólares esperados, no fim só sobraram 1,2 milhão para fundos assistenciais.

Sirlo

GEORGE APELA? George Michael foi visto num restaurante londrino em conversas muito sérias com Alex Keshishian, diretor do controverso filme de Madonna. Será que vem um **Na Cama Com George Michael** por aí?

POISON ACABOU? O grupo de hard foi premiado pela sua gravadora por ter ultrapassado a marca de um milhão de autógrafos concedidos. E será que eles estão mesmo se separando? Após o cancelamento repentino de alguns shows, os rumores começaram a pipocar. A banda nega tudo.

O SILÊNCIO DE MARINA

Sua sensibilidade foi ferida de morte com as palavras ásperas que o cara André Barcinski usou para falar de seu show. Resultado: ela se recusa a dar uma entrevista para nós, privando *vocês*, fãs e interessados, de saber o que ela tem a dizer. Sua empresária não quis nem dar informações para nossas inocentes *Fichas*. Depois, se a gente colocar que ela nasceu em 51, vão reclamar.

Divulgação

BARULHO! MULHERES! FAMA! AUTÓGRAFOS!

Essas quatro palavras sintetizam a turnê européia do

SEPULTURA

Um dos momentos de maior intimidade da excursão está registrado nesta foto (*Na Cama Com Max?*). Os (as) leitores (as) podem atestar se foi merecido o título dado a Max pelo público da revista inglesa *Metal Hammer*: segundo artista mais sexy do ano (só perdeu para Dave Mustaine, do Megadeth).

Mas as atenções da imprensa estrangeira não pararam por aí: entre outras, NME e Melody Maker (que chamou Belo Horizonte de "uma favela cloacal pertinho de São Paulo") deram matérias de página inteira com chamada de capa e a metaleira *Kerrang!* mandou capa mais quatro páginas. Abaixo alguns trechos:

"Estamos deixando o Brasil por falta de condições, e não por falta de grana." **Andreas** sobre a mudança da banda para os EUA.

"Vai ser melhor para a banda viver na América." **Igor**

"Nossos fãs gostam de nós porque não somos estrelas. Não somos pelo glamour como os Guns N'Roses. Não agimos como deuses. Estamos nisso pela música, não por drogas, dinheiro ou mulheres." **Max**

"A loucura, no Brasil, é real. É um lugar violento, há muito crime, muita violência, por isso sempre haverá verdade na nossa música." **Max**

"Não falamos sobre política porque não gostamos de misturar. Sabemos sobre política, mas não colocamos na música." **Igor**

"Música é para escapar." **Andreas**

"A maior banda de death metal do mundo... uma extraordinária história de sucesso, uma banda brasileira que tem tudo para se tornar grande — talvez maior que o Slayer, seu único concorrente real." **Melody Maker**

"O novo disco vendeu 160 mil cópias na Europa em menos de dois meses. Um fenômeno jamais experimentado por outra banda de thrash." **Revista Thrash**

Eric des Hauts Arts

Max ao natural em Zioolle, Holanda

NME

Kerrang!

Melody Maker

LOS ANGELES

Steve Adler, ex-baterista do Guns, entrou com um processo na Justiça, reclamando indenização (sem especificar quantias) pelo fato de a banda tê-lo forçado a usar heroína, para depois demiti-lo do grupo por não conseguir abandonar o vício. O texto do processo diz que o grupo "continuamente lutou para corresponder às expectativas de sua má reputação. Ao fazê-lo, os integrantes do GN'R apresentaram Adler às drogas, chegando a fornecê-las a Steve". Entre os acusados do processo estão todos os músicos da formação original do GN'R, mais seus advogados e empresários. Caso seja dado ganho de causa a Adler, a banda será forçosamente desfeita, para que seu patrimônio seja avaliado e repartido igualmente entre cinco. ● Completou quinze anos de existência a revista americana *Musician*. Para celebrar a ocasião, chamou para a capa seu mais assíduo "freguês", Sting, que compareceu ao lugar de honra pela quinta vez. ● Os Talking Heads voltam à ativa... pelo menos em disco: sairá uma antologia de dois CDs contendo três faixas inéditas. ● Chama-se *Pimps Players & Private Eyes* a coleção de clássicos do soul e rhythm'n' blues dos anos 70 organizada em parceria por Ice-T e Jorge Hinojosa. Estão no álbum "Theme From Shaft" (Isaac Hayes), "Across 110th Street" (Bobby Womack and Peace), "Pusherman" (Curtis Mayfield) e "Blowin' Your Mind" (O.C. Smith). ● Roger Waters, ex-cérebro do Pink Floyd, está trancado num estúdio de Los Angeles gravando seu novo álbum solo *Amused To Death*. O produtor é o mesmo Pat Leonard que trabalha habitualmente com Madonna. O disco sai no primeiro semestre de 92.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

MONDO MÍDIA

DISCOS Frank Zappa **Beat The Boots** é uma série em CD com versões recondicionadas de faixas de Zappa solo e com os Mothers Of Invention, que antes só estavam disponíveis em pirata • Happy Mondays **Baby Big Head Bootleg Album** Lançamento oficial de uma gravação pirata ao vivo **Tame Yourself** Coletânea que inclui Erasure, Pretenders, B-52s, Indigo Girls e Michael Stipe, Belinda Carlisle. A renda é em prol de melhor tratô para os animais • Ramones **All The Stuff And More Vol. 2** Coletânea dupla em CD com quatro faixas inéditas **The Very Best Of Dexys Midnight Runners** Excelente banda do início dos 80, que unia soul, pop, rock e folk **VÍDEO** **Mental Floss For The Globe** clips do Urban Dance Squad • Pop Will Eat Itself **Unspoilt By Progress** é a trajetória da banda pelos clipes **Jimi Hendrix At The Isle Of Wight** contém imagens do último concerto do guitarrista, dezoito dias antes de sua morte **The KLF Stadium House — The Trilogy** Fantasia viajandona em cima de três músicas (incluindo "3 AM Eternal") que o grupo classificou como "house de arena" **CINEMA** Estrelando o rapper Ice Cube, ex-NWA, **Boyz N The Hood** é mais um sucesso do novo cinema negro americano. A fama, infelizmente, vem de várias formas: uma gangue metralhou a platéia de uma das pré-estréias, em Chicago, causando dezenas de feridos. **LIVROS** **The Clash Before And After** Pennie Smith Finíssima coleção de fotos da banda **SELOS** O Sugarhill, famoso pioneiro no rap, está de volta. Pretende relançar diversas coletâneas de seu já clássico catálogo.

K. Cummins (LFI)

Clain E. Friedman (LFI)

OUÇA ESSA

"Eu prefiro o U2 Cover ao original."
A presidente do fã-clube do U2 Cover quando crescer vai preferir uísque paraguaio ao escocês.

"Toda manhã eu me olho no espelho e, se tem alguma coisa de que não gosto, eu vou para uma clínica arrumar."
Cher

"Esses caras compram um boné, viram e usam ao contrário!... Bem, por que não comprar um boné redondo?"
James Brown não entende a moda dos rappers.

"Eu nem sequer tenho um disco dos Doors, eu odeio o som do órgão do Manzarek. Agora eu tenho garotas de 12 anos vindo até mim e falando sobre Jim Morrison, e isso me deixa puto."
Michael Hutchence

Roberto Valverde (Azul)

"Estou apaixonada... mas continuo virgem."
Angélica continua desperdiçando os melhores anos de sua vida.

"Sinéad O'Connor é tão sexy quanto uma persiana."
Madonna

"Madonna não é referência, não é nada. Ela jamais me influenciou e eu já fazia sucesso antes dela."
Paula Toller querendo confundir a gente.

ESTRANHOS NO PALCO

Você conhece turnês esquisitas? Não? Então aí vai:

- Excursionando juntos nos EUA estão Sisters Of Mercy, Public Enemy, Gang Of Four e o metal freak Warrior Soul.
- O festival itinerante Lollapalooza reuniu Jane's Addiction, Siouxsie And The Banshees, Nine Inch Nails, Ice-T e Butthole Surfers.
- O Faith No More vai abrir para o Cramps no Festival de Reading, na Inglaterra.

E S T Ú D I O

BOWIE E TIN MACHINE Em outubro lançam seu segundo álbum, **II**, gravado na Austrália. A formação é a mesma. O lançamento inaugura o selo JVC - Victory Music, distribuído mundialmente pela PolyGram.

LEGIÃO URBANA Continua ruço! A moçada continua trancafiada a sete chaves no esforço de desovar o novo álbum.

LOU REED Seu novo disco já estava em fase final e deve sair ainda este mês.

BOB DYLAN Está gravando nos EUA material novo. Sigilo absoluto a respeito de datas.

CURE A banda de Robert Smith anunciu para os próximos doze meses o lançamento de dois álbuns.

NEW ORDER Garante que até fevereiro aparece com um trabalho novo.

LONDRES

Depois de um show arrasante no Hammersmith Odeon, o Sepultura passou alguns dias em Londres, onde deu para ver o show dos Bad Brains e o *godfather* em pessoa, James Brown. • Os Black Crowes deram um show totalmente acústico no templo do jazz, Ronnie Scott's. Estavam lá aplaudindo: Dan Reed, Bob Geldof, Liam O'Maonlai do Hothouse Flowers e Nicko McBrain do Iron Maiden. Alguns dias e muitas entrevistas canceladas depois, o vocalista Chris Robinson "desmaiou de exaustão e teve que voltar para casa, em Atlanta. • No show dos Pixies: os irmãos Reid do Jesus And Mary Chain e vários membros do Lush e Sundays. • Enquanto isso, no show do ZZ Top no Milton Keynes Bowl, John Taylor e Simon Le Bon curtiram uma tarde de rock e blues. • Começou a guerrinha — pelo menos de um lado — entre o Bros e o EMF. Luke, um dos gêmeos do Bros, declarou: "Os caras do EMF estão se esforçando tanto para darem uma de rebeldes, é de dar pena". Derry Brownson, do EMF, arrasou ao responder, claro: "Não gostamos da música do Bros. Nem estamos interessados". • No show do INXS no Estádio de Wembley — com Jesus Jones, Deborah Harry, Hothouse Flowers, entre outros — Alianah Currie e Tom Bailey (os Thompson Twins, lembra?) passeavam pelos bastidores exibindo o filho de três anos, Jackson. • A última para quem curte colonices divertidas são os shows do Bjorn Again, uma réplica perfeita do ABBA. As perucas, os solaques secos falsos e versões quase perfeitas de hits como "Supertrouper" têm atraído vários adoradores do kitsch.

ANAMARIA G. DE LEMOS

CARAS NOVAS

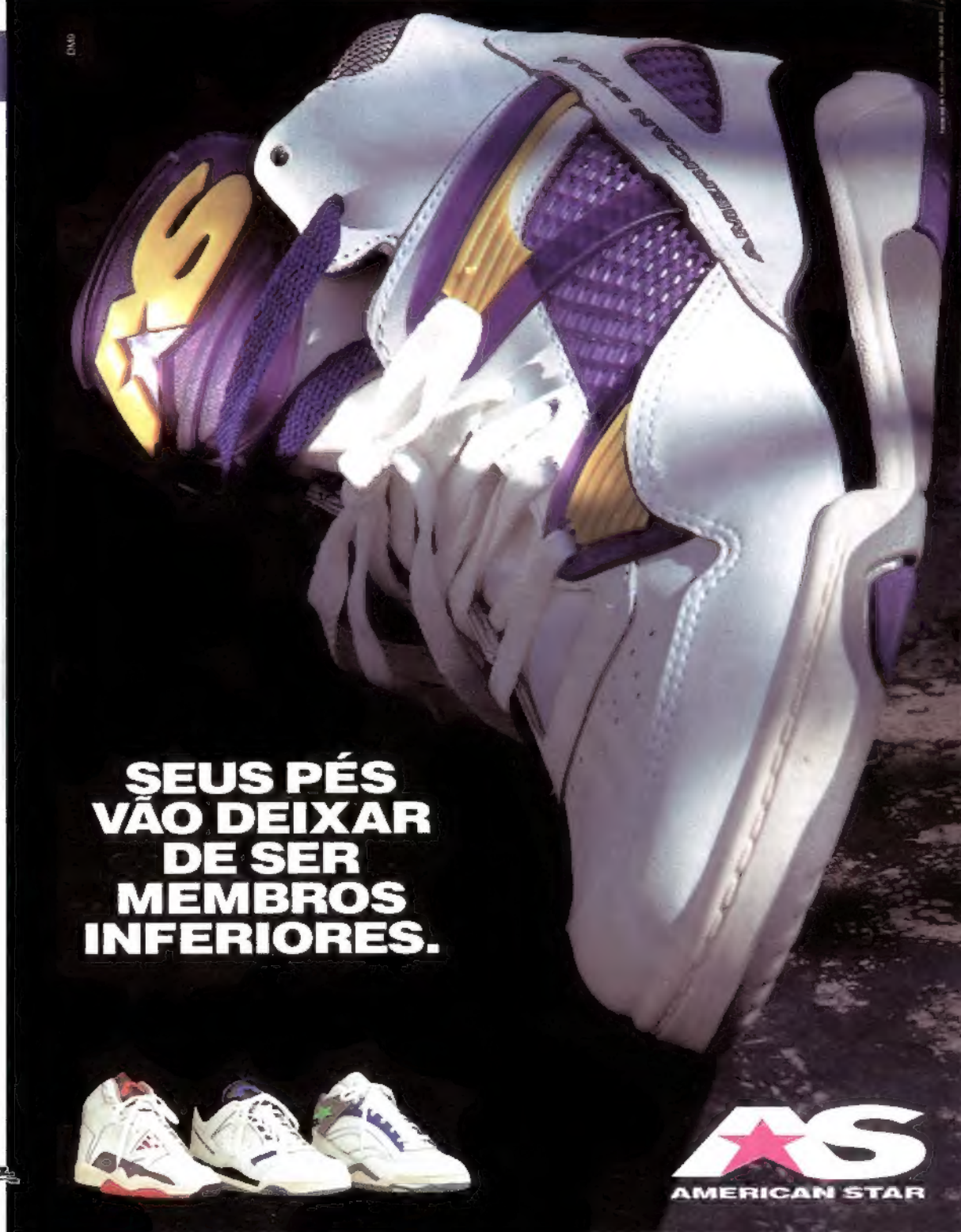
JESUS JONES

Talvez a grande sorte dos ingleses do Jesus Jones foi ter caído nas graças da gravadora SBK, hábeis em catapultar novidades para o topo das paradas (vide Technotronic, Wilson Phillips e Vanilla Ice).

Mas talvez eles sejam bons — e as mais de 500 mil cópias (N.º 1 na Inglaterra, Top 30 nos EUA) vendidas de seu segundo LP, *Doubt* (o primeiro é *Liquidizer*, de 89), sejam merecidas. Pioneiros pouco creditados da fusão rock e dance, o estouro de fato veio com o single "Right Here, Right Now" alcançando o segundo posto do paradão americano — enquanto o EMF, da mesma praia, ocupava o primeiro. Para completar, o vocalista, Mike Edwards, está virando sex-symbol *indie* nos EUA. Um futuro promissor, sem dúvida.

*

Viva o skate! É o que tem a declarar SKATEMASTER TATE, um americano que lançou uma nova modalidade: o skate-rap. Seu primeiro álbum, *Do The Skate*, é hip hop californiano relax que mistura jazz, latinidades e funk. Fazendo coro estão os STONE-FUNKERS, um bando de funk-rockers suecos enlouquecidos, que amam Jimi Hendrix e skate. Seu primeiro disco chama-se *Harder Than Kryptonite*. Do mundo do heavy metal, duas coisas hilárias THE WALTONS e seu híbrido country-metal. Os integrantes, como não poderia deixar de ser, chamam-se John-Boy, Jason e Jim-Bob, sobrenome Walton. Procure o elogiado LP *Thrust Of Vile*. Os FREAKY FUNKY WEIRDOZ são metal-funkers alemães completamente chapados. Entre os integrantes um hipongo debilóide e um garotão de bonezinho ao contrário. Confira o LP *Weirdelic*.



O De La Soul, fundador do hip hop desencanado, só fala papo sério em seu novo disco. Tudo bem, porque o rap risonho já tem herdeiro: é o Digital Underground

DIREÇÕES

DE LA SOUL

O De La Soul foi formado há quatro anos em Amityville, um subúrbio classe média em Long Island, NY. Trugoy The Dove, Posdnuos e Pasemaster Pase, com seus badulaques bicho-grilo e roupas de inspiração africana, foram descobertos por Prince Paul, do Stetsasonic.

Foi Paul também quem produziu o primeiro álbum do trio, *3 Feet High And Rising*, eleito pela crítica um dos melhores — quando não o melhor — disco de 89. Tinha grandes débitos com George Clinton, margaridas na capa, muitas piadinhas, descontração e uma lista de samples inusitadíssima (Turtles, Otis Redding, Steely Dan, Daryl Hall & John Oates etc.). O conteúdo de seus raps era repleto de ideais hippies: paz e amor, consciência interior, desencanação, liberação geral etc.

Para embalar tudo, inventaram o conceito da *daisy age* ("era das margaridas") e também a sigla *Da Inner Soul Y'All* ("a alma interior, vocês todos"). Pode-se dizer que eles abriram o caminho para toda uma nova geração de rappers, que inclui A Trible Called Quest, Monie Love e PM Dawn.

Passaram a ser encarados levianamente por gravadora, público e mídia como um bando de hippies viajandões. O que, segundo eles, decididamente não era o caso. Eles até admitem várias coisas em comum com a cultura hippie dos 60, só que não suportam ser rotulados.

O grupo vinha remando em vão contra o rótulo. Mais fácil é mudar o rumo do jogo: De La Soul, como o conhecemos, está morto. A capa de *...Is Dead* — lançado lá fora em maio — traz um vaso com margaridas espatifado no chão. "A molecada devia estar achando que éramos bundões, só porque havia margaridas no nosso clip." Eles agora pretendem ser mais sérios, falar mais da realidade cruel que nos cerca... endurecer um bocado. "Chega uma hora em que uma banda tem que crescer, espero que o público aceite isso."

A quantidade de matérias, dos dois lados do Atlântico, provou que todo mundo se interessou pela mudança de atitude. Mas o tom das críticas é quase unânime: *...Is Dead* não se compara ao primeiro. No paradão americano o disco bateu no 26.º posto, e o single "Ring, Ring, Ring" foi um hit por toda a Europa.

E, recentemente, o trio foi convidado a deixar a turnê que fazia junto com LL Cool J por... incitação à violência! Quem diria...

OPOSTAS

DIGITAL UNDERGROUND

Eles vieram de várias partes da América, mas foi em Oakland, perto de San Francisco, Califórnia, que a trupe alucinada do Digital Underground surgiu. É difícil saber quantos são.

Há os membros originais, como Shock G, Money B, Chopmaster J, que assumem personalidades diversas. Para "The Humpty Dance", por exemplo, Shock G põe um nariz de plástico, um terno de *nerd* e se transforma em Humpty Hump. Além dos quatro a posse DU reúne músicos, dançarinos, rappers, DJs, chegando a mais de trinta pessoas, todos considerados membros do grupo. O líder é o fundador Shock G. Segundo diz, mantém controle sobre o grupo através da distribuição de "sex packets".

A droga que dá nome ao disco do grupo é uma história à parte. De acordo com Shock G, os "sex packets" foram desenvolvidos para a NASA com o objetivo de satisfazer as necessidades sexuais dos astronautas no espaço. Tomou, deu cinco minutos, escuridão e PAF!!!, orgasmo no ato. A coisa vazou dos laboratórios para as ruas de San Francisco. Shock G garante que é a droga do momento na região.

Mas parece que o DU não precisa muito dessas coisas. A música e os vídeos sugerem sexo à vontade, festas onde não há uma alma se comportando normalmente e tiração de sarro que faz o De La Soul parecer três gerentes de banco — "Dowutchyalike" é sobre uma festa onde a ordem é "fazer o que se tem vontade". Podem até falar de algum assunto sério, mas a perspectiva é sempre a de trás do nariz do palhaço.

A inspiração maior é novamente George Clinton, só que esta vez ela tem mais credibilidade — quer dizer, é mais ensandecida — com o título P-Funk. Clinton declarou sobre o DU: "São a coisa mais funky e engraçada que já vi ou ouvi".

É difícil entrevistá-los e pinçar declarações com um mínimo de seriedade. Eles costumam soltar absurdos do tipo "nos conhecemos na época da Segunda Guerra Mundial. Como a maioria das pessoas que queríamos samplear não tinha nem nascido, resolvemos cometer suicídio e renascer em outra época".

Sex Packets foi lançado no exterior em abril do ano passado e está saindo aqui agora. Este ano o grupo reapareceu com um EP de material novo, *This Is An EP Release*, puxado pela música "Same Song". Só que acabou entrando na parada de LPs da *Billboard* (provavelmente pela soma do tempo das faixas), atingindo o 29.º posto.

E então para onde aponta o destino do hip hop? Farra e deboche ou cara séria? Testas franzidas ou línguas-de-sogra? A decisão descansa em suas mãos, ouvinte.

CAMILO ROCHA

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

Mesmo quem não suporta a jecaria country deve procurar este **ABSOLUTE TORCH & TWANG**, de **k.d. Lang & The Reclines**. Depois do tributo a Cole Porter, Lang continua transgressora. *A.C.M.*

Kitsch, couro, perversão, neon, tecnopop, cabaré, **MEMORABILIA!** Retrospectiva de grandes singles de **Soft Cell** e **Marc Almond** solo. O único problema são alguns frouxos remixes 91. *C.R.*

COLLECTION, do **New Model Army**, parte para o pau: condensa o melhor dos dois últimos álbuns (pondo fora o que eles tinham de chatinho) com a parte de estúdio de *White Coats* e o hit "51st State". *A.A.*

Qualquer lançamento de **João** "Número 1" **Gilberto** é sempre bem-vindo. Ainda mais quando se trata de **LIVE AT THE 19th MONTREAUX FESTIVAL**, um duplo com uma seleção divina que inclui a obra-prima "Retrato Em Branco E Preto". *M.A.O.*

CARECA CABEÇA

O Dan Reed Network transforma seu funk-metal em música de protesto contra o mundo malvado

"Um dia estávamos tocando em pequenos clubes no Oregon, nossa terra natal..., e de repente estávamos abrindo shows para os Rolling Stones! E ao mesmo tempo estávamos encontrando jovens soldados, depois dos shows, nos dizendo que estavam a caminho do Golfo, que talvez fossem morrer."

Dan Reed deve ser o único líder de uma banda heavy que segue os ensinamentos de Gandhi. O Dan Reed Network talvez seja "o" grupo heavy para os 90.

Para começar, é uma das bandas mais multirraciais que existem. Dan descende de mãe havaiana e pai alemão. O baterista Dan Pred é judeu russo, o guitarrista Brion James é jamaicano/porto-riquenho; o baixista Neilvin Brannon II, africano; Blake Sakamoto, que comanda os teclados, é metade japonês, metade chinês. "Musicalmente, essa interação de músicos de culturas diferentes foi o que criou a nossa música", explica Dan Reed.

O primeiro LP, *Dan Reed Network*, produzido por Bruce Fairbairn (Bon Jovi/Aerosmith/Poi-sonetc.), foi bem. Mas foi o segundo, *Slam*, produzido pelo gênio do funk, Nile Rodgers, que chamou a atenção de Jagger e cia. Foi então que Dan raspou sua cabeça. Adeus aos lindos e longos cabelos negros. Explicação: "Eu estava ficando preso demais a essa coisa de ser um rock star".

O que nos leva ao funk-rock relevante do novo LP, *The Heat*, novamente produzido por Bruce Fairbairn. Ele traz músicas sobre a guerra ("Mix It Up", "Let It Go"), sobre as decisões que os homens tomam pelas mulheres ("Blame It On The Moon"), sobre relacionamentos ("Love Don't Work That Way") e até uma versão de "Money" do Pink Floyd. Dan: "Como se dizia nos anos 60, se você não é parte da solução, é parte do problema".

ANAMARIA G. DE LEMOS

VALE TUDO

Entra jazz, hip hop, música clássica e o escambau na feijoada heavy do Scatterbrain

Quatro marmanjos vestidos de mulher estão tocando "Sweet Transvestite", um dos temas do filme cult *Rocky Horror Show*. O vocalista, cujo nome de cena é Tommy Christ, veste um hábito de freira.

Minutos mais tarde, o quinteto está atracado com um jazz cambaleante, contando a triste história de um leiteiro que morre dirigindo bêbado. Sem pausa para o público respirar, o guitarrista Paul Nieder engatilha a "Sonata N.º 3", de Mozart.

Bem-vindos ao mundo maravilhoso do Scatterbrain, a banda que resolveu chamar-se "Desmiolada".

Nascido dos estilhaços do Ludichrist — uma banda radicalmente hardcore da costa leste dos EUA —, o Scatterbrain é um liquidificador de informações recheado o suficiente para dar um tilt na cabeça. *Here Comes Trouble*, o álbum de estréia do grupo, é um grande salão de festas onde se encontram Jimi Hendrix e Pateta. O próximo LP sai até novembro nos EUA.

O Ludichrist estava "entediado, sem a menor vontade de continuar tocando thrash. Queríamos experimentar, tocar coisas mais rock'n' roll. Arrumamos um novo baixista (Guy Brognal), um novo baterista (Mike Boyko) e começamos a compor. Cada um de nós tem uma formação distinta, então juntamos tudo. O que pintar, pintou".

Um exemplo é "Down With The Ship", uma música antiga do Ludichrist que aparece no álbum *Here Comes Trouble* em nova versão, com enxertos de um monte de hits alheios — de Led Zeppelin e Phil Collins ao conhecido trinado do Pica-pau.

Outra canção, "Drunken Milkman" (aquela sobre o leiteiro bebum), exemplifica o processo de criação do Scatterbrain. "Estávamos fazendo um show quando o amplificador do guitarrista, Glen Cummings, pifou. Paul começou a improvisar os acordes e eu inventei a letra na hora."

"Agora é assim: dá vontade de botar uma pitada de country? De funk? De punk? Metal? Blues? Então misture tudo. Mas que o resultado seja divertido — senão não vale a pena." *JOSE EMILIO RONDEAU*

Sony

METAL

HARD
HEAVY
THRASH

David Lee Roth se deu mal com a censura norte-americana. Autoridades da Geórgia proibiram que os dois diabões que ladeiam o seu set urinassem barris de Jack Daniel's sobre a platéia, conforme estava previsto em sua performance megalomaníaca. A acusação é de que é inconstitucional distribuir bebidas alcoólicas para menores de idade... A bichona não se fez de rogada e mandou ver uma chuva de chá gelado sobre a rapaziada. ● **Mickey Harris**, baterista do Napalm Death, tirou o time e já está de banda nova. Chama-se Scorn e é chegada ao industrial. ● O Gwar e o Dread Zeppelin já têm concorrência ao trono de palhaços-mores do rock. Trata-se do Gargleblud, uma cambada de escoceses paus-d'água fantasiados. ● Saiu lá fora, exclusivamente em CD, *Live 1983*. Uma gravação ao vivo do Motorhead, fase Lemmy-Philthy-Brian Robertson. Fiquem babando. ● Tudo é possível. O Celtic Frost, de disco novo, juntou-se a Jesse Johnson, guitarrista do The Time (os habituais vilões dos filmes do Prince). ● Tyla, vocalista do Doga D'Amour, voou de peito aberto sobre uma garrafa quebrada durante um show em Los Angeles. Só essa rendeu quarenta pontos. ● Bogeymen, a nova banda dos caras do Masters of Reality, está com disco novo na praça, chamado *There's No Such Thing As*.

EVIL OTTO

São três gerações da música negra brasileira: o clássico setentista Luiz Melodia volta à ativa; a cantora da banda Reflexu's, uma revelação dos 80, assina um contrato internacional; o sambista/fã de Van Halen Ivo Meirelles quer colocar o soul-funk carioca nos 90

Ricardo Souza/Abril

"Essa facilidade com que deixam qualquer pessoa gravar, essa coisa é idiota demais. É o que me deixa louco neste país — gravam Sorvetão... Não tem uma menina chamada Sorvetão? Pelo amor de Deus, tinham que me pagar um cachê para *ouvir* essa gente..."

O homem tem razão. Afinal, só num paisinho xexelento que nem este para um camarada com o talento de Luiz Melodia ficar quatro anos sem gravar um disco. E olha que não se trata de um artista cabeça nem nada. É um compositor popular, que já teve hit em trilha de novela ("Lava roupa todo dia/ Que agonia"..., lembra?) e inscreveu dois clássicos no repertório de Gal Costa, "Pérola Negra" e "Magrelinha". Pois Melô está de contrato novo, na PolyGram em que iniciou sua carreira — com o estupendo *Pérola Negra*, de 73.

E prepara seu sétimo álbum, em vinte anos de carreira... *Pintando O Sete* vai ser produzido por Fábio Fonseca (Fernanda Abreu, Claudio Zoli). Doze faixas, entre elas uma regravação de "O Mistério Do Planeta", de Moraes e Galvão, originalmente gravada no *Acabou Chorare* dos Novos Baianos.

"Estou pensando em fazer um disco romântico — não exatamente romântico, mas mais calmo. Onde eu possa explorar o lance da voz, o lance do blues."

Os primeiros acordes foram tirados em um violão do pai — com quem, aos doze anos, já fazia uma gravação na rádio Mauá. O pai, Osvaldo, aliás, é outro que comparece com uma composição, "Maura", no disco novo. A proximidade com o samba de Ciro Monteiro, Jorge Veiga, Geraldo Pereira forneceu a munição necessária ao seu talento natural de compositor e intérprete.

"Eu era um bom sambista, mas nunca me convidaram para samba de terreiro nem para compor samba-enredo para a Estácio. É uma reclamação. Sou um remanescente, um aprendiz da velha guarda de Ismael Silva. Tomara que um dia ainda aconteça, eu adoro a minha escola."

Rock, samba, MPB ou o quê? É exatamente o ecletismo de Melodia que parece perturbar as coisas. "Logo no início da minha carreira, o Sérgio Cabral falou: 'Como pode um negro descer do morro e não fazer samba?' Nem tem o que comentar." O que dizer, então, da parceria Melodia/Frejat que dá título ao último disco do Barão? Ou da regravação que ele fez para "Codinome Beija-Flor", de Cazuza?

"Eu era amigo do Cazuza, e gosto da letra. Sou amigo da rapaziada dos Titãs e do Barão, a gente se cruza bem. Só a música que eles fazem é que não me agrada muito. Acho xerox da rapaziada lá de fora. Já discuti isso com o Frejat. Eu gosto é do Alceu Valença, um cara original, que faz o rock nordestino. O Lobão faz música, só que ele berra para cacete. O Cazuza também berrava. Eu gosto do Itamar. É muito sofisticado, não fica na repetição. E gosto da Rita Lee. Ela era danada, era quem chegava mais próximo. Não é crítica, não, é só que o rock brasileiro não me entusiasma."

LUIZ HENRIQUE ROMANHOLLI

Blues. Esse é o ponto, feeling. Ou se tem, ou não se tem. Não adianta decorar todos os *licks* do John Lee Hooker. Luiz Melodia é o maior bluesman brasileiro — ou seja, o que melhor mistura essas duas palavras. Ele faz a música de quem nasceu e cresceu em São Carlos — um morro do Estácio, no Rio, onde surgiu a primeira escola de samba carioca —, mas ouvindo Nat King Cole, foxtrot e hully gully nos 78 rotações do tio.

Luigetta Conejo/Abril

Quando se fala em Reflexu's a primeira lembrança que vem à mente é a de uma bela voz feminina. Para quem não se lembra, a voz em questão pertence a Marinês, a vocalista principal do grupo, que prepara agora o lançamento de seu primeiro disco solo.

A notícia provocou, claro, os boatos de sempre. Seria o fim do Reflexu's? "Pretendo desenvolver o trabalho com o grupo e a carreira individual", adianta Marinês, acrescentando que a banda baiana atravessa um de seus melhores momentos.

A grande novidade é que eles acabam de assinar um contrato internacional com a Island Records. Durante os próximos quatro anos, o selo se encarregará de produzir os LPs do grupo, juntamente com a EMI-Odeon — além de responder pela distribuição no exterior.

"Conexão Rastafari" (já gravada por Lazzo) e "Pata Pata" (o sucesso de Manu Dibango na voz de Miriam Makeba) são duas das faixas confirmadas para o LP, que deve mostrar uma face desconhecida da cantora — o repertório inclui blues, funk e reggae. Não se sabe ainda qual selo bancará o lançamento, disputado por duas grandes gravadoras.

LUÍS CLÁUDIO GARRIDO

Ivo Meirelles mistura no seu som o melhor de seus dois mundos — o de sambista consagrado e o de apaixonado por rock/soul/funk. Nascido há 29 anos no Morro da Mangueira, Zona Norte do Rio, o cantor e compositor, parceiro de Lobão em músicas como "Cuidado" e "Tudo Pose", cresceu em meio à nata do samba, tocando repique, enquanto em casa ouvia soul music.

Em seu segundo LP solo, *Desafio Da Navalha* (lançamento EMI Odeon previsto para este mês), Ivo mistura samba, rock, funk, charm, reggae e sabe Deus lá o que mais. "Pequenininho ainda, eu pulei o muro do Maracanãzinho para ver o Jackson Five. Estava duro e não queria perder. Quase fui preso, mas ainda peguei três músicas. Lá em casa, disco de samba não tem quase nenhum. É Van Halen, Janis Joplin e Jimi Hendrix."

Mas se quase não ouvia samba, Ivo fazia samba. Com apenas 19 anos, ele já era diretor e presidente da ala da bateria da Estação Primeira de Mangueira. Em 85, Ivo entrou para a ala de compositores da Verde e Rosa e com Paulinho e Lula compôs "Tem Ximxim E Acarajé", um sucesso.

Desafio Da Navalha mostra nas suas letras parte da realidade dos morros cariocas, onde uma população abandonada por todo e qualquer governo vive entre a proteção/agressão dos traficantes e a proteção/agressão da polícia.

"Para falar do morro tem que ter coragem. Eu ainda não tive essa coragem, só botei a cabecinha. É uma covardia de ambos os lados. Do bandido que mora na favela e da polícia que invade. E quem não tem nada com isso e mora lá porque não tem dinheiro, dança."

L. H. R.

Mariano Costa/Abril

BRASIL BLACK

RAIZ

COUNTRY
FOLK
BLUES

Só pelo fato de ter participado da banda de Chuck Berry, o pianista Loonie Johnson já inscreveria seu nome nas páginas de honra do rock'n'roll. Todavia, só agora ele chega ao primeiro disco solo, ainda sem título (que será lançado pela Elektra/Nonesuch). Keith Richards, que recentemente participou das gravações de um álbum de John Lee Hooker, não poderia deixar de dar uma canja. • Damn Right, I've Got The Blues (Silvertone) é como se chama o novo petardo do guitarrista Buddy Guy. Entre os convidados especiais para a bolacha, encontram-se Jeff Beck, Eric Clapton, Mark Knopfler e Memphis Horns. Detalhe: a homenagem a Stevie Ray Vaughan, "Rememberin' Stevie". • Fundado em 71 por Bruce Iglauer em Cincinnati, o selo Alligator foi se convertendo num grande celeiro de valores do blues ao longo do tempo. Agora, ao comemorar duas décadas de atividades, foi lançado o CD duplo *The Alligator Records 20th Anniversary Collection*. São 35 faixas que apresentam um bem cuidado painel da Alligator, desde a canção "Give Me Back My Wig", na interpretação de Hound Dog Taylor (a música que fez o selo deslanchar), até nomes do cast atual da gravadora — entre os quais, o já conhecido por aqui, The Kinsey Report. Entre as feras estão Professor Longhair, Clifton Chenier, Albert Collins e Johnny Winter. Uma parada.

CELSO PUCCI

UM BANQUINHO E UM VIOLÃO

Marcelo Nova grava um disco acústico usando instrumentos da pré-história do rock'n'roll

Foto Marcelo Abud

Depois de dar um tempo "para botar o trem de volta nos trilhos", após a morte de Raul Seixas, Marcelo Nova deu de cara com o Plano Collor I. Vitimado pela falta de dinheiro generalizada, apelou pela simplicidade e caiu na estrada com dois violões e um acordeom.

"Paralelo a isso havia essa enxurrada na mídia de música eletrônica. Sampler, bateria eletrônica. Essas coisas que eu abomino. Resolvi purificar meu ouvido." A purificação buscada por Marcelo sugeriu a ele um disco ao vivo do show que acabou percorrendo o Brasil durante um ano inteiro. "Por que não fazer um disco radicalmente acústico? Procurei nos meus discos por alguém que já tivesse feito isso. De Jerry Lee Lewis a Led Zeppelin passando por Stones." A idéia evoluiu para um disco completamente acústico, sim, mas "cotado de violões, dobro, mandolins, pianos e baixo de pau".

O disco, que se chama *Blackout* e o mais trabalhado que Marcelo Nova já fez. Para tanto ele requisitou os serviços da Envergadura Moral — Franklin Paolillo, ex baterista do Tutti Frutti, Carlos Alberto Calazans, multinstrumentista virtuoso e o fiel Johnny Boy, que acompanha o cantor há três anos. Chamou Andre Christovam e, juntos, arrebanharam um violão Hummingbird, outro Martin, um Guild de doze cordas, um dobro de 1935, um acordeom italiano e um baixo acústico "fantástico".

"Aí começou essa coisa meio obsessiva de procurar extrair o melhor timbre de cada instrumento. Procurei me desligar dos parâmetros contemporâneos. Pode parecer pretensioso, mas para gravar um disco como esse no Brasil, em 1991, tem que ter muita pretensão", sentencia Nova, que incluiu no rol das pretensões uma regravação de "Maluco Beleza" — os fãs de Raul consideram-na como definitiva na versão do autor.

O cara que descobriu o rock'n'roll através de Little Richard aos oito anos de idade (isso foi em 1959), continua sua trilha na contramão. Admira o Sepultura por sua atitude — "É a mesma que Raulzito teve, e que eu tive com o Camisa de Vênus, de dizer 'É pelo lado de cá' e disparar contra o empastelamento cerebral. Eu nem acho nada das bandas cover. Fico impressionado e com o público que paga para ser enganado. Para gozar na punheta." Falou.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

Warner

SALADA TECNO

Tem Depeche Mode, Bad Seeds e Killing Joke no novo disco do Nitzer Ebb

O Nitzer Ebb está lançando o EP *As Is*, quatro faixas novas, mixadas por quatro pessoas bem diferentes: Alan Wilder, do Depeche Mode; Jaz Coleman, do Killing Joke; Barry Adamson, ex Bad Seeds e Flood, produtor de Nick Cave, Depeche e do próprio Nitzer Ebb.

Doug McCarthy, a metade vocalista e letrista do Nitzer Ebb, Ben Harris compõe as músicas), explica a misturança. "Tentamos fazer algo mais melódico que nossos trabalhos anteriores, e as quatro faixas saíram completamente diferentes umas das outras. Cada uma parecia pedir um mixador diferente. A do Barry Adamson é meio pretensiosa, 'Higher', a do Jaz, um rock psicótico, 'Family Man', a do Flood, bem dance ('Lovesick'), e a do Alan, bem pop, 'Come Alive'."

Com um currículo desconcertante — três LPs e o último, *Showtime*, de 90, vários hits de pista, "Let Your Body Learn" e "Join The Chant", entre eles), a reputação de queridinhos das raves e uma imagem assustadora demais para o *Top Of The Pops* —, o NE não se encaixa direito em nenhuma categoria. Da para dançar, mas não é dance, tem slogans sérios e batida eletrônica pesada, mas não é EBM.

O novo EP é bem distante do trabalho inicial do Nitzer Ebb, que Doug descreve como "uma tentativa de misturar o som minimalista e eletrônico de grupos alemães, como DAF e Malaria, com o rock gótico de primeira geração, tipo Bauhaus e Birthday Party".

E o LP que vem aí será ainda mais diferente. Segundo Doug, o próximo passo do Nitzer Ebb é "usar cada vez mais os ritmos negros".

A.G.L.

Por inadmissível desatenção, repetimos em agosto o mesmo coluna da edição de julho. Pedimos desculpas aos leitores e ao colaborador Eneas Neto. O responsável já recebeu dezenas chibatadas, apelhado no milho.

ELECTRO

TECNO POP E BM

O *single* do ano já saiu! Trata-se de "Cybertron", do ClockDVA, e precede o novo álbum do trio, ainda sem título, a ser lançado pela Interfisch • A nova coqueluche alemã é o Lassigue Bendthaus. Prova é o álbum de estréia *Matter* (Parade Amoreuse), em que finalmente uma banda eletrônica germânica abandona o eterno padrão DAF Die Krupps — afinal, estamos nos anos 90, *ja?* • Desa D é o incansável batalhador que jamais conseguiu um lugar de destaque. Contudo, se você encontrar algum disco assinado por ele, não pense duas vezes. Anote alguns títulos: *White House White Banton's Voice* e as estupendas coletâneas *Climax Productions I e II* • Se a única música que você conhece da Suécia é a dos grupos Abba e Roxette, encomende já a coletânea *Electro Revenge*, da Energy Rekords. Uma amostra de que lá também se encontra techno de primeira • O Portion Control já foi uma grande banda eletrônica, no início dos anos 80. Não se pode dizer o mesmo do filho bastardo alcunhado Solar Enemy. *Fastest Reflexes Modern Technology Has To Offer* (Third Mind) é uma tentativa fracassada de atingir o mainstream pop com clichês que comprometem o passado glorioso • O supra-sumo do cliché porém, é o grupo americano Code Industry, em *Structure* (Antler). Nunca tanta chapação provocou tamanho delete.

ENEAS NETO

CUIDADO COM A POLÍCIA RODOVIÁRIA.

XT 200

PONY

Authentic American

O SONHO DO MENUDO

Robbie tenta escapar da "síndrome de Monkees" com o lennykravitziano Maggie's Dream

"As vezes, depois de um show, pessoas vêm dizer que me conhecem de algum lugar", diz Roberto Rosa, o vocalista do Maggie's Dream, que chega ao Brasil este mês para uma tour com o Faith No More.

Pudera. Para quem ainda não sabe, em outra encarnação (alguns anos atrás) ele era o Robbie, do Menudo. "Não tenho vergonha do meu passado", diz ele, rindo. Hoje seus cabelos estão longos, ele carrega um livro de Pablo Neruda "Tenho orgulho da música que estou fazendo agora, mas não tenho vergonha do Menudo."

Rob saiu do grupo porto-riquenho em 87, no meio de uma turnê brasileira, porque "estava muito infeliz. Tive que trabalhar duro para conseguir entrar no grupo e, de repente, tinha gente como o Ricky entrando sem mais nem menos". Depois de várias tentativas solo Rob conheceu os guitarristas Danny Palomo e Rafael Hernandez, o baixista Lonnie Hillyer e o baterista Tony James, todos de Nova York. O resultado é o Maggie's Dream — nome tirado de um livro sobre a luta pela igualdade de uma mulher negra no sul dos Estados Unidos, *Maggie's American Dream*.

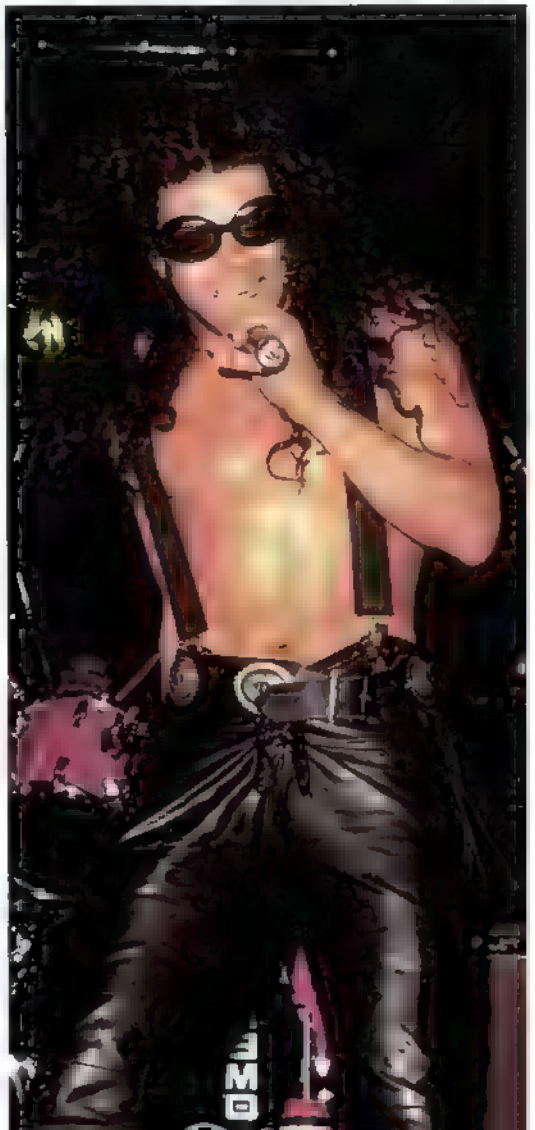
Lucinho Cavalcanti

O funk-rock da banda tem como influências gente que seus vários membros sempre amaram: Sly Stone, Prince etc. Mas a comparação mais recente é com Lenny Kravitz: "Alguns caras da banda já tocaram com ele e continuam seus amigos. Mas eu tenho minha opinião pessoal sobre Lenny Kravitz e prefiro não dizer nada."

O disco de estréia, *Maggie's Dream*, foi bem recebido pela crítica americana e trouxe turnês com o Jellyfish, Fishbone e Black Crowes. "São esses momentos no palco que me fazem aturar o resto", diz Rob. "Não gosto de viajar nem das festas depois dos shows. Já passei por tudo isso — bootes, drogas e tal — com o Menudo. As coisas chegaram em um nível inimaginável." Além disso, Rob, aos 22 anos, está casado e querendo logo ter filhos.

Quanto aos seus colegas do Menudo, Rob perdeu qualquer contato. "A última coisa que ouvi foi essa história de homossexualismo no grupo. Mas, na verdade, nunca vi nada acontecer, apesar de algumas vibrações estranhas no ar. E não há nada de errado em ser homossexual. O que me irrita é que agora somos adultos, por que criar escândalo com coisas tão antigas? Alguns daqueles garotos vieram da favela e, de um dia para o outro, viraram estrelas. É claro que isso cria problemas."

ANAMARIA G. DE LEMOS



Kristin Callahan/LFI

Polfoto

MELÔ MEGANHA

O Banderas faz pop dançável alegrinho mas melancólico. Será que vêm aí as Pet Shop Girls?

Uma é fã de country e outra de dance. Esta é só uma das peculiaridades dos Banderas, que invadiu nossos ouvidos com "This Is Your Life". Falamos com a metade "não-vocal" e dance, Sally Herbert (a cantora Caroline Buckley estava no hospital tratando da garganta).

Sally estudou violino clássico até largar, no último ano do curso. Foi trabalhar com os Communards de Jimmy Sommerville tocando violino no LP *Red* e em algumas turnês, e conheceu Caroline, que fazia backings.

Depois, Caroline e Sally tomaram seu rumo e surgiu o Banderas. "No início tivemos problemas por causa dos gostos tão diferentes. Mas é ótimo o fato de não termos nenhum estilo em particular!"

O produtor de seu primeiro disco, *Ripe*, é Stephen Hague — Pet Shop Boys, OMD, Communards e muito mais. O irônico é que o Banderas é sempre comparado aos PSB. "Uma certa falta de expressão facial — que só acontece porque estamos nervosas — e o produtor é o que temos em comum. Mas a Caroline canta muito melhor que o Neil Tennant (risos)."

Outro ponto em comum com os PSB são os temas melancólicos. "Dizemos que jamais conseguiríamos escrever uma música alegre mas não acho que nossas músicas sejam tão tristes assim. Talvez pela influência country, a Caroline tenha essa voz meio desolada, mas nossa mensagem é positiva."

"This Is Your Life" — sobre pessoas que não conseguem tomar as rédeas de sua própria vida — conta com participações de Barney Sumner e Johnny Marr. Barney ouviu a música, gostou e foi convidado para a guitarra. Marr foi junto pra o estúdio, de alegre. Ficou entediado e resolveu tocar também.

Ambas raspam a cabeça há anos e não querem saber de um centímetro de fio acima do couro. "Requer uma certa coragem, mas eu adoro! As vezes as pessoas olham feio, mas eu já estou acostumada. Só é um problema em países como os EUA, onde acham que eu sou a Sinead O'Connor. E eis não é muito popular por lá!"

A.G.L.

TAPAS & BEIJOS

GUNS... Fator mais surpreendente na enxurrada de cartas sobre o pau que o Guns N'Roses levou em julho nesta coluna: uma grande parte delas me "acusava" de homossexual. Como se vê, o preconceito ratatoeira de Axl Rose é mesmo contagioso.

...N'COVERS Dez razões porque as bandas de cover não são assim tão escrotas e perniciosas como se diz:

1) Quem faz cover ganha grana.

2) Com essa grana dá para comprar instrumentos decentes.

3) Quem faz cover aprende a tocar.

4) Quem faz cover pega indispensável cancha de palco.

5) Tocar cover compra tempo para o grupo desenvolver seu repertório próprio lenta, segura e gradualmente.

6) Muita banda de sucesso começou fazendo cover, dos Beatles aos Pistols.

7) Não é verdade que eles ocupam as casas noturnas e não deixam as "verdadeiras" bandas mostrarem seus trabalhos. As casas já estavam vazias quando começou essa covermania, por falta de grupos legais e comercialmente viáveis.

8) O público tem chance de ver gente tocando ao vivo sem pagar caro.

9) O público tem chance de se divertir, muito mais do que se visse um show de qualquer banda moderninha.

10) Os críticos, intelectuais e roqueiros-cabeça odeiam, o que sempre é bom sinal.

ANDRÉ FORASTIERI

Aime Dickens Azul

LAZZO é bom de ritmo: enfrenta qualquer gênero afro-americano numa boa. E é também numa boa que arma o disco novo, com uma mãozinha de Jimmy Cliff

Ninguém ficou mais surpreso com a notícia que o próprio escolhido: os críticos da BIZZ haviam distinguido o cantor e compositor Lazzo como um dos seis melhores vocalistas de 90, ao lado da congenere Margareth Menezes. A surpresa, no caso, não é em relação à menção. Lazzo é seguramente um dos cantores mais versáteis do país, daqueles capazes de interpretar tão bem um *gospel song* quanto um lamento africano, ou um reggae-afro-baiano. Mas para quem esteve afastado da mídia durante os últimos três anos — desde o lançamento do *Atrás Do Pôr Do Sol* (Nosso Som/WEA), em 88 — qualquer lembrança é bem-vinda. E recebida até com certa estranheza.

"Achei o maior barato. Só espero que isso represente uma abertura de novos espaços para que possa dar continuidade ao meu trabalho", diz ele com sua voz grave e encorpada, gingando de um lado para o outro, equilibrando-se nos seus 105 quilos distribuídos em 1,80 m de altura. "Existe um grande preconceito de uma certa facção da mídia do sul em relação à música moderna da Bahia, ou mesmo em relação a qualquer coisa que não é feita no Rio ou São Paulo — mesmo que esta música tenha qualidade."

Mas, a partir de agora, vai ser difícil não mencionar o seu nome como um dos mais legítimos representantes da *world music* no Brasil. Por nove semanas ele percorreu países da Europa, América Central e cidades dos Estados Unidos levando na bagagem o repertório de três álbuns e um compacto simples, lançados entre 81 e 88, além de mostrar as novidades do disco que está sendo retocado nos estúdios de Salvador para lançamento ainda este semestre. Na turnê, Lazzo fez a abertura dos shows do *reggaeman* Jimmy Cliff, que também é o produtor do seu novo LP, com previsão de lançamento simultâneo nos mercados europeu, norte-americano e japonês, possivelmente pela Island Records.

"Todo o trabalho que vem para ficar demora. Quero fazer uma música que circule pelas vias alternativas do mercado. A música da Bahia está praticamente direcionada para o Carnaval. Quero fugir disso, prefiro fazer a música da Bahia que atravesse fronteiras — não aquela feita para o sucesso, que todo mundo faz de forma igual. Quero fazer a minha música para o mundo."

LUIZ CLAUDIO GARRIDO

PULSO

REGGAE WORLD BEAT

A palavra deste mês é *zen*. Zen é sabedoria através da desencanação — um conceito fundamental para a sobrevivência espiritual neste fim de século. • Agora é que nós vamos ver David Byrne, divulgador-mor da música brasileira recente no mercado pop internacional, está lançando um disco em que promete adentrar a selva da etno-music — já a partir do título *The Forest*. Currículo para isso ele tem: já em 1980, sua parceria com Brian Eno, *My Life In The Bush Of Ghosts*, misturava vanguardisticamente música oriental, ocidental, afro e pop. • Salu lá fora uma compilação básica. *Friends, Fiends And Fronds* reúne o melhor dos três discos do 3 Mustapha 3. Riffs balcânicos, melodias árabes e muito senso de humor. • Este mês tem muita música dos quatro cantos do planeta chegando às lojas de discos brasileiras. Tem *One Blood*, do Junior Reid. Tem *As Raw As Ever*, do papa do dancehall Shabba Ranks. Tem *Este Mundo*, dos Gipsy Kings, que já tem até banda de cover própria em São Paulo. Tem new age japonesa teciadista Kitaro em *Live In America*. Tem de tudo para todo mundo — isso é o fim do milênio, ao vivo e em cores para você. • O titular desta coluna, João Montanha, continua enfurnado nos cafundós idílicos da Amazônia, dando aquele *zen out* total. Volta João!

JAH VARDO

Kibon, Kibon, Kibon, Kibon

Ki-Bon, To-bo, Ki-Bon, To-bo,

Kibon, Kibon, Kibon, Kibon

Es i-Bo, Já-Já, Es i-Bo, Já-Já,

Kibon, Kibon, Kibon, Kibon

Ki- on on, Ki- on on,

Kibon, Kibon, Kibon, Kibon

Nestes 50 anos a Kibon passou por milhões de bocas no país – com seus produtos que fazem parte dos bons momentos e com seu nome que faz tão bem falar, cantar, ouvir... saborear!

Kibon comemorar 50 anos!

Kibon. O som gostoso que faz bem!

Kibon 50 Anos!

SKID ROW

Depois de ser explorada por Jon Bon Jovi e acusada de *poseur*, a banda do sex symbol Sebastian Bach dá o troco com um disco radical, que os críticos adoraram e o público colocou no primeiro lugar da *Billboard*

A VINGANÇA DE SEBASTIAN

ria lançar *Slave To The Grind* em duas versões diferentes. Uma com outra música no lugar de "Get The Fuck Out". Outra com a música perigosa, mas com um baita decalque alertando aos pais na capa do disco.

"Esse tipo de coisa é inacreditável", lamenta-se Rachel. "Get The Fuck Out é só uma gozação com um dos nossos roadies, sobre as aventuras amorosas dele com umas peruas na estrada — e é assim que deve ser encarado, uma gozação."

"A decisão de colocar os decalques alertando aos pais foi nossa", ele admite, "mas precisávamos lançar uma outra versão sem a música ou *Slave To The Grind* seria banido das lojas no sul ou do meio-oeste dos Estados Unidos."

Qualquer que tenha sido a fricção entre o Skid Row e a Atlantic, ela foi esquecida quando *Slave To The Grind* chegou às lojas e estreou na parada da *Billboard* em primeiríssimo lugar.

Rachel, um dos principais compositores da banda, explica o peso do novo disco. "Ouço um monte de coisas, e tudo que você ouve acaba influenciando um disco. Quando escrevi 'Quicksand Jesus', por exemplo, eu estava numa tremenda fase Pink Floyd.

Quando começamos a última turnê, ouvíamos AC/DC antes de tocar. No final da turnê estávamos ouvindo mais Motorhead, Pantera, Metallica, Cro Mags e Suicidal Tendencies. Daí você entende o peso de *Slave To The Grind* [illegible]."

Agora o Skid Row está no seu ambiente: mais uma vez na estrada, mais uma vez abrindo os shows da turnê mais comentada do momento, dessa vez com o Guns N Roses.

"A diferença é que dessa vez todo mundo vem da mesma escola. Todo mundo ouviu a mesma coisa enquanto crescia. É totalmente diferente do que quando você abre para um Aerosmith, que são pessoas que você idolatrou a vida inteira."

Depois da turnê americana, o Skid Row se apresentará com o Guns N Roses em oito diferentes festivais europeus, tocará sozinho na Austrália e aterrissará na América do Sul como companheiro da turnê do Scorpions.

"Ainda não tivemos o descanso que merecemos", conclui, rindo, Rachel. "Ficamos apenas três meses fora da estrada. Ninguém teve tempo de tirar umas férias extravagantes, ninguém teve grandes mudanças de estilo ou vida. Continuamos fazendo a mesma coisa de sempre: compondo, gravando e tocando."

JOSÉ EMILIO RONDEAU

"Queríamos um som de garagem, sujo e seco"

SKID ROW

SLAVE TO THE GRIND

AS CRÍTICAS

M[illegible] poderia desejar uma banda estreante? Turnês gigantescas e [illegible] abrindo para o Bon Jovi [illegible] Aerosmith, cada noite tocando invariavelmente para dezenas de milhares de pessoas [illegible] pesados [illegible] de Motley Crue [illegible] milhões de discos vendidos somente nos Estados Unidos. Seria o paraíso em terra para um grupo que meses antes estava contente de poder trabalhar nos [illegible] muitos inferninhos de Nova Jersey. Seria a independência financeira para um quinteto cujos guitarristas [illegible] haviam acabado de abandonar seus empregos de [illegible] uma loja de instrumentos [illegible].

O Skid Row [illegible] aprendeu na marra o significado do ditado [illegible] e demais [illegible]. O padrinho Jon Bon Jovi [illegible] de Nova Jersey [illegible] o Skid Row [illegible] Atlantic Records e engatou a banda [illegible] milionária. De quebra arrumou para eles um empresário poderoso e influente — o mesmo, aliás, de Bon Jovi. Mal sabia a banda, porém, que estava praticamente entregando [illegible].

O contrato firmado entre o Skid Row e Jon Bon Jovi [illegible] de todos os rendimentos da banda [illegible]. Assim mesmo [illegible] para [illegible] após noites [illegible] da MTV [illegible] vendendo [illegible] de discos [illegible] Skid Row [illegible] Jon Bon Jovi [illegible] amigo de infância de um dos guitarristas do Skid, Dave "The Snake" Sabo. Ex-amigo, naturalmente, após as acrobacias contábeis que deixaram durante um dos maiores sucessos de 1989.

"Mas essas [illegible] passadas", diz Rachel Bolan, o baixista que fundou o Skid Row com Snake. "Já está tudo esclarecido [illegible] posição de [illegible] tudo normal." Traduzindo: após intermináveis batalhas judiciais, [illegible] e o Skid Row finalmente chegaram a um acordo [illegible] "A turnê com o Bon Jovi [illegible] ajudou e muito", explica Rachel.

O Skid Row versão 91 é uma versão mais pesada e mais amadurecida do grupo [illegible] Michael Wagener [illegible] além de Rachel e Snake, Sebastian Bach [illegible] Scotti Hill [illegible] e Rob Affuso [illegible]

Slave To The Grind [illegible] Skid Row poderia [illegible] de "A Vingança dos Guitarristas" [illegible] "O Terror da Gravadora". Baladas [illegible] o grande hit do álbum anterior [illegible] de baladas perto do Skid Row [illegible] terem [illegible] foram reduzidas [illegible] rolos-compressores [illegible] "Monkey Business", "Living On A Chain Gang", "Psycho Love" [illegible]

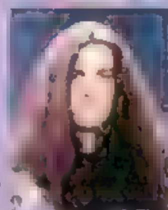
"Não queríamos ser mais uma bandinha de sucesso que se [illegible] milhões e milhões de vezes. O segundo disco [illegible] com um som mais de anos 70 do que de anos 90, nada desse som limpinho e ultraprocessado que se ouve hoje em dia, nem aquele sonzão de bateria ou aquelas guitarras de arena. Queríamos, sim, um som de garagem, [illegible] e seco."

Se para o público do Skid Row foi uma surpresa reencontrar a banda sem luvas de pelica, para a gravadora Atlantic o buraco era bem mais embaixo. Rumores [illegible] entre a banda e a Atlantic [illegible] que foi entregue não continha [illegible] "Get The Fuck Out" [illegible] dio e de [illegible]

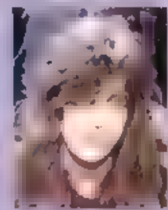
Rachel joga panos quentes [illegible] palavra final sempre foi nossa". Mas a banda concordou que algo precisava ser feito em relação a "Get The Fuck Out". Diante da opção de [illegible] retirar a música do disco, a banda prefe-

OS DONOS DA BOLA

Sebastian aparece mais, mas quem manda mesmo na banda são Rachel Bolan e Snake Sabo, seus fundadores e principais compositores.



RACHEL BOLAN



DAVE SABO

Aos doze anos, depois de ouvir *Alive*, do Kiss, virou fã de Gene Simmons e disse aos pais que queria tocar o mesmo instrumento que ele. Genocide era o nome de sua primeira banda (punk), formada quando ele tinha dezesseis anos. Foi também nessa época que ele conheceu Snake (numa loja de discos), com quem começou a compor imediatamente.

Natural de Nova Jersey, cresceu sendo ocasionalmente surrado por Jon Bon Jovi, seu amigo de infância. Em 83 passou a integrar o Bon Jovi — antes disso tocava covers de Iron Maiden, Judas Priest e Van Halen.

Deixou o grupo antes do lançamento do primeiro LP e foi substituído por Richie Sambora.

BONITINHO MAS ESQUISITO

Sebastian Bach tem cara de doce-de-coco, mas apronta baixarias horripilantes

Aos vinte e três anos, ele já construiu para si uma fama invejável. Sex symbol, racista, encrenqueiro, anti-gay, farsante, temperamental, arrogante, oportunista: todos esses adjetivos foram ou são usados com freqüência quando o assunto é Sebastian Bach.

"Minha reputação é exagerada", defende-se o vocalista, que não vê razão nenhuma para tanto barulho. Afinal, o que são uma série de quartos de hotel destroçados, algumas brigas com fãs indesejáveis ou escolhas infelizes na hora de se vestir? Até hoje ele tenta explicar por que usou, durante um show, uma camiseta com os dizeres "A AIDS mata viados" | "Faria as mesmas coisas se trabalhasse em um posto de gasolina", diz ele.

A verdade é que ele é um dos mais cotados na briga pelo posto de astro maior do pop metal. "Ele é mais limpo do que o Axl e mais bonito do que o Jon Bon Jovi", sentenciou a *Spin*. Nada mal para quem, aos dezesseis anos, era considerado pelos colegas canadenses um "headbanger seboso".

Sua popularidade só começou a aumentar depois que cantou pela primeira vez em um show no colegio. Foi o suficiente para que o jovem Sebastian Bach (seu nome real, registrado em um cartório das Bahamas, em 68) tomasse sua decisão. No mesmo ano mudou para Toronto.

Uma das suas primeiras bandas foi a VO5, que fazia covers do Motley Crue, já pelos idos de 84. Certa noite, cansado de aturar uma festa de casamento pentelha, o vocalista reuniu os amigos, apossou-se do equipamento de som disponível e começou a cantar covers de Led Zeppelin. Dave Feld, um dos presentes, foi correndo contar o que tinha visto a dois amigos seus que andavam à procura de um cantor: Snake Sabo e Rachel Bolan.

O primeiro encontro entre Sebastian, Snake, Rachel Bolan, Rob Affuso e Scotti Hill (os dois últimos recrutados por anúncios em jornais) foi memorável. "Ficamos completamente bêbados, fomos a uma casa noturna e começamos a tocar qualquer coisa. Aquele foi o teste de Sebastian", contaria Rob mais tarde. "Na hora, achamos que estava tudo genial. Mas, quando vimos o tape do show, era horrível".

Perfeccionista ao extremo ("quando erro uma nota, fico louco e começo a quebrar tudo"), Sebastian se dedica agora a uma de suas tarefas mais difíceis: mudar a imagem que o mundo tem dele. É a velha síndrome George Michael: esqueçam a imagem, ouçam a música etc. Difícil vai ser alguém conseguir pensar em Sebastian Bach como um sujeito sério, e não como o belo moleque irresponsável que ele é.

MARISA ADAN GIL

ISTO É SEBASTIAN BACH

"Não quero citar nomes, mas há muita gente nesse negócio apenas por dinheiro" (sobre Jon Bon Jovi).

"Eu não devia ter usado aquela camiseta quando alguém estava fotografando, porque os fãs levam isso muito a sério. Não quero que eles saiam por aí batendo em gays. Não acho que isso seja legal" (sobre uma camiseta usada por ele durante um show, com os dizeres "A AIDS mata viados" — *"AIDS kills faggots dead"*).

"Quando vejo seguranças hostilizando os fãs, vou lá e parto para cima deles, bem ali, na frente de vinte mil pessoas. É uma sensação de poder tão boa. Quem cresce ouvindo Motley Crue ou Dave Lee Roth aprende a não agüentar esse tipo de merda. Isso que é rock'n'roll."

"Esse novo álbum não é alegre. Não me sinto alegre agora."

"Quando você consegue tudo aquilo que sonhou quando tinha catorze anos — carro, casa, disco de platina —, vê que tudo isso é superficial. Mas o dinheiro não acaba com a sua vontade de criar."

"O mais frustrante é quando dizem que eu não sei cantar. Passei quatro anos e meio aprendendo a usar a minha voz, e não aprendendo como me divertir, usar calças justas ou arrumar o cabelo!"

RITMO

vida. Minha vida. Hoje
[illegible] acha o meu papo um
Não lembro, mas [illegible] louco louco. Mas aceita
[illegible]
ouvi na vida foi um [illegible] música e na vida. Tanto
ritmo. Tan-tan, tan-tan, [illegible] que me deu um Cartão
tan-tan. O coração de [illegible] Bamerindus Jovem
mamãe. Mesmo [illegible]

e um [illegible]
a semana, no [illegible]
certo. Ela falou
que isso vai ajudar
a tocar a minha vida no
meu ritmo. Tudo o que
eu queria ouvir.

Bamerindus Jovem. Uma geração [illegible]

NWA

BARRA PESADA

Os rappers mais escrotos do mundo estouram nos EUA dizendo que toda mulher é piranha e mandando a polícia sifu

"O fracasso da [illegible] negra [illegible] nutrida por uma política condescendente de dependência dos serviços sociais, mais [illegible] do bom exemplo paterno e o [illegible] da classe média negra conspiraram para criar uma população bru[illegible] grave ameaça [illegible]"
Mike Davis, no [illegible] *City Of Quartz*

"[illegible] Queremos vender muitos discos. Nós fazemos discos porque é divertido. Fazemos discos para ganhar dinheiro."
Eazy E, líder do N.W.A.

Na primeira semana de junho, o álbum *Niggaz4Life*, do quarteto rap N.W.A. (Niggers With Attitude), foi lançado nos Estados Unidos. Não houve execução em rádio. Nenhum clip foi exibido na MTV. Não houve promoção de ponto de venda. Numa breve resenha do jornal *Los Angeles Times*, na cidade natal do N.W.A., o crítico deu três estrelas e meia ao disco; numa coluna ao lado, *O.G. Original Gangster*, de Ice T, recebeu três estrelas. A cotação máxima é cinco, e o definiu como "provavelmente o grande disco mais inaudível desde *Metal Machine Music*, de Lou Reed".

NWA

O crítico tinha razão: em dezoito faixas que soam como uma horripilante colagem extraída do pior pesadelo urbano, em que tiros de metralhadora se dilúem em rangidos de pneus em disparada, o rat tat tat constante de um helicóptero costurando tudo, Eazy-E, Dr. Dre, Yella e MC Ren gritam, incessantemente, como é bom torturar, estuprar, fuzilar, decapitar. Mulheres são "bitches" ou "hos", cadelas ou prostitutas, que merecem apenas a curra seguida de assassinato, para não contar nada". Homens negros são *niggers*, o pior epíteto racista que existe; homens brancos são o inimigo, a polícia é o principal inimigo, e o único estado possível entre este concerto de inimigos é o de guerra, e guerra sem tréguas, sem compaixão e sem prisioneiros. Guerra até a morte, não importa a cor. Até porque eles anunciam logo na primeira faixa: "os crioulos só sonham com isso, eles só sonham em morrer o tempo todo".

Em uma semana o álbum *Niggaz4Life* estava em sexto lugar na parada da revista *Billboard*. Mais uma semana e ele estava no primeiro posto. Hoje, seis semanas depois, ele continua entre os dez mais vendidos do país, em sétimo lugar na *Billboard*, com quinhentas mil cópias vendidas. Isto significa que, em sua brevíssima carreira de menos de quatro anos, o N.W.A. já vendeu um total de 1 milhão e 650 mil discos: meio milhão de *Straight Out Of Compton*, lançado em 89; 650 mil de *Eazy-Duz It*, o álbum solo de Eazy-E, lançado no mesmo ano, quinhentas mil de *Niggaz4Life*. E isso sem contar os quase 600 mil vendidos de *Amerikkka's Most Wanted*, o álbum solo de Ice Cube, dissidente do N.W.A. em 1990.

O que está acontecendo?

"Nós dizemos a verdade. Nós dizemos como as coisas realmente se passam nas ruas", é a explicação de Eazy-E, aliás Eric Wright. "Existe tanta mentira por aí que a verdade salta aos olhos como uma ferida".

Seria interessante extremamente fácil e até certo ponto confortador imaginar que essa é a explicação — a única explicação. O rádio e o mercado estão inundados de babe. Os velhos temas do amor perdido, da festa animada e da juventude incompreendida são reciclados pela milionésima vez. Eis que surge uma gangue de Compton, South-Central Los Angeles — UMA GANGUE DE VERDADE! — e descreve, explicitamente, como é o dia-a-dia nas ruas, abandonadas de uma América que a América faz questão de esquecer. Esta é a explicação que melhor cai no paladar da crítica de esquerda, aquela que colocou N.W.A. entre os melhores do ano em 1989 — em última análise, Eazy-E e companhia just ficam suas melhores teorias, são a voz do gueto dizendo "a verdade" e encontrando ressonância "nas ruas".

É claro também que esta é a explicação que coincide melhor com a propria biografia oficial do N.W.A., segundo a qual Eazy-E, membro de gangue em Compton e enriquecido por tráfico de crack e roubo de automóveis, resolve "fazer alguma coisa mais segura" com seu dinheiro e em 86, investe seu excesso de caixa numa produtora, a Ruthless Records. "Eu não queria fazer rap, queria só dar uma folga no dinheiro e ajudar uns caras amigos meus, que já tinham seus grupos", disse ele ao *Los Angeles Times*. "Mas quando os grupos que eu tinha em vista me deram o cano, eu resolvi tentar rapear".

Com o auxílio de um mestre DJ, Yella, e o apoio de uma *posse* nasceu o N.W.A. Mais tarde a Ruthless veio a assinar mais três bandas locais: as rappers J.J. Fad e Michel'le, e Bobby Jimmy And the Critters.

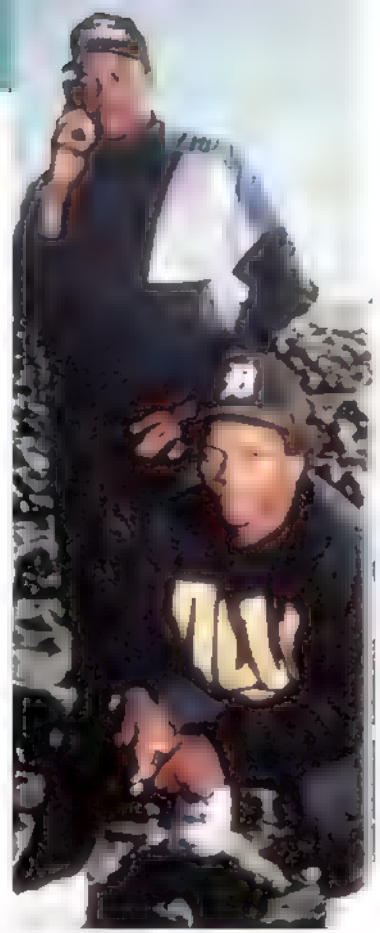
Importante na biografia oficial do N.W.A. também é a celeuma criada em 90, quando *Straight Out Of Compton* ganhava as paradas e o FBI nervosíssimo emitiu um comunicado, seguido de uma carta enviada à Ruthless Records, afirmando, sem rodeios, que o grupo era uma ameaça à segurança nacional por desafiar e incitar o conflito com as autoridades constituídas.

O fato é verdadeiro — mas cai como uma luva no cuidadoso construto, que, afinal de contas, é a imagem pública do N.W.A.

Porque se a indústria fonográfica, no passado, já descobrira como fazer dinheiro a partir da repressão sexual (Elvis e rock'n'roll), da insurreição política (Dylan e quase tudo nos anos 60), da contracultura (idem, ibidem, mais quase todos os anos 70), do anarquismo punk (Sex Pistols, Clash e companhia) e, mais recentemente, estava fazendo gosto em reciclar estes temas com a mesma finalidade, por que cargas d'água haveria de parar agora, na fronteira do gueto, dizimado, esquecido, pela falência da farra dos anos 80? E no futuro mais absoluto que Johnny Rotten algum poderia imaginar: não recolher até o último centavo os dividendos de mais uma subcultura rebelde?

Eis uma biografia mais provável do N.W.A. e uma explicação para seu sucesso com um pouco mais de profundidade de foco.

Em 1986, O'Shea Jackson, um estudante-modelo de uma dessas escolas fardas típicas da tragédia do gueto americano, descobriu subitamente, no meio de uma aula de datilografia, que sabia por suas idéias no papel sob a forma



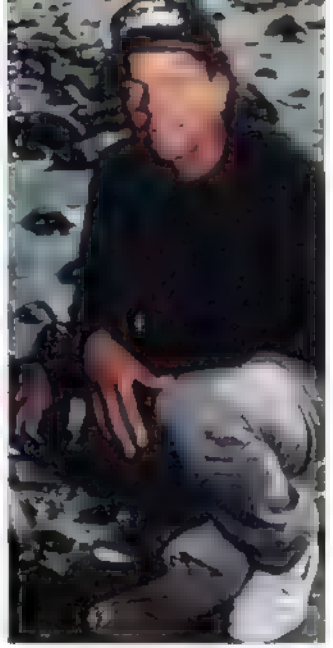
de rap. Jackson nascera em Compton, mas, exatamente por ser bom aluno, se viu inscrito no programa de "busing", pelo qual "crianças em desvantagem econômica mas com potencial escolar" são remetidas para escolas melhores em bairros mais ricos. No caso, Jackson se viu na West San Fernando Valley High School, nos subúrbios brancos a noroeste de Los Angeles, e numa dessas classes de "treinamento funcional" para qual são desviadas as "crianças de cor" enquanto as brancas são, obviamente, preparadas para a universidade.

Animado com sua descoberta, Jackson mostrou o rap datilográfico para uma amigo que, com o codinome Dr. Dre, animava um ringue de patinação em Compton. Dr. Dre ficou mais empolgado ainda e convidou Jackson para animar as sessões de patinação com rap ao vivo. Mas, e aí seu amigo, era melhor ele tentar fazer algo "bem comercial, até com palavrões, satirizando alguns raps conhecidos" para ganhar a atenção da galera. Recém-batizado Ice Cube, Jackson passou a ser a atração dos fins de semana no ringue, fazendo paródias apimentadas de raps alheios.

Através de Dre, Ice Cube conheceu Eazy-E, que queria fazer rap mas não tinha material. Ice ofereceu suas idéias: "Os raps da época não tinham palavrão. Tocavam no rádio, mas a galera de Compton não gostava. Eu falei que nós tínhamos que, por palavrões no lance. E falar das coisas que aconteciam lá no bairro. Todo mundo conhecia alguém que traficava drogas, né? Então eu escrevi 'Dopeman'. Foi legal. Era legal escrever sobre coisas que as outras pessoas evitavam. Não ia tocar no rádio mesmo, mas a galera do bairro ia se amarrar". Em 1987, um outro homeboy de South-Central, Los Angeles Ice T saiu com um álbum — *Rhyme Pays* — expressando exatamente as mesmas idéias. No rastro que se seguiu, Ice T se tornou um sucesso e um novo subgênero, o *gangsta rap* — o rap narrativa do dia-a-dia das gangues — tornou-se a coisa mais quente na praça.

Um ano depois, o N.W.A. — Ice Cube, Eazy-E e companhia —, oferecendo uma versão ainda mais pesada e radical do *gangsta rap*, começou a fazer o circuito de clubes em South-Central. Em 89, com distribuição da independente mas poderosa Priority Records, *Straight Out Of Compton* mostrava que era possível ser mais explícito, mais chauvinista e mais violento que a concorrência.

A direita apertou o botão de pânico: excelente instrumento promocional. A esquerda abriu o binário: num universo onde a *hipness* era cada vez mais escassa, que coisa mais *hip* que o rap bandido? O N.W.A. — Eazy-E em especial, dono que é da Ruthless Productions — abriu o caixa onde, no passado — na época dos Panteras Negras, por exemplo, de onde agrupamentos militantes como o Public Enemy são diretamente tributários — havia articulação política, os efetivos combinados da ganância Reagan e da erosão social do gueto colocaram um cinismo imediatista e prático. Despachos da frente de batalha". Sim — mas, sobretudo, uma bela conta no banco, que rir de longe é melhor que sofrer de perto, quem gosta de miséria é intelectual e a única saída garantida de Compton é uma casa nas colinas de Hollywood, como Ice T.



É óbvio que a indústria do disco, cujos objetivos não são diferentes dos destes novíssimos *entrepreneurs* do gueto, aprendeu rapidamente a fazer caixa em cima deste novo segmento de mercado. (Uma foto que circulou numa edição de junho da *Billboard* é absolutamente exemplar: lá estão Eazy-E e companhia com suas caras de mau, cercados por sorridentes, brancos e enfatiotados executivos da Priority Records, seus distribuidores.) Nesta nova estratégia, o rádio não tem a menor importância. *Niggaz4Life* (como *Straight* antes dele) circula prioritariamente nas chamadas *inner cities*, os bairros "de cor". Caminha em espirais cada vez maiores, a partir de um núcleo real de gangues (que acredita que o N.W.A. está glorificando seu estilo de vida), engolfando jovens negros, asiáticos e latinos que não estão em gangues mas se sentem como se nelas estivessem só por ouvir o N.W.A., e atingindo enfim — e aqui está o grande achado mercadológico que explica o primeiro lugar das paradas — o público branco, ginasiano ou universitário, de classe média predominantemente masculino. Que, como nos anos 50, 60 e 70, sempre encontra *hipness* em incorporar elementos da cultura dominada e marginal, a negra (mas não foi assim que nasceu o rock'n'roll)? E que, agora, de saco cheio com pais e autoridades (como sempre), sem causas pelas quais lutar, e ameaçado pelos ganhos do feminismo encontra prazeres inenarráveis em ouvir o N.W.A., dizer que quer "entrabar os canas até dar hemorróida" e "meter uma bala na cabeça dessas putas todas".

À luz disto é significativo, por exemplo, que o N.W.A. tenha concordado sem hesitação em colocar versões "abrandadas" de seus raps em edições especiais de *Straight Out Of Compton* para, nas palavras de Eazy-E, "vender mais discos, porque é isso que nos queremos, só". Isto não foi necessário com *Niggaz4Life* — a barra pesada estava funcionando às mil maravilhas. E que Ice Cube tenha desertado por razões de partilha: "Eu escrevia os raps, e o disco vendeu para burro, mas eu ainda estava morando na casa dos meus pais e isso não tem graça". E sobretudo significativo que, em *Niggaz4Life* — em cuja capa estão estampados todos os subprodutos disponíveis ao fã, tais como camisetas a doze dólares e bones a 9,95 —, o N.W.A. mande pedradas também para cima de todos os grupos de rap politicamente articulados dizendo em "Real Niggaz Don't Die": "estou cansado dessa merda que vocês botam nos seus discos/a criançada não entende essa merda".

É significativo e trágico, também, que nesse mesmo poço sem fundo esquerda e direita se entrelacem. A direita porque N.W.A. encarna seus piores pesadelos e preconceitos — os crioulos ignorantes, sádicos e autodestrutivos; a esquerda porque acha que ao abraçar a "causa" (que causa?) do N.W.A. está abraçando forças de mudança social — quando a mudança social é a última coisa em suas mentes, e a extrema crueldade de seus raps soa inequivocamente como uma glorificação daquilo que é mais destrutivo, monstruoso e alienante na vida do gueto.

Entre uma coisa e outra está o N.W.A. O que eles dizem é a verdade — é a verdade, na América pós-Reagan, é horrenda. Não deixa de ser irônico que eles estejam se vingando desta maneira: enchendo os bolsos ao vender, a bom preço, a horrenda verdade que nem a TV quer mostrar de graça.

ANA MARIA BAHIANA

PARALAMAS

impacto fulminante

Tem Beach Boys, samba, dub, Led Zeppelin, maracatu e até rock em *Os Grãos*, o novo disco dos Paralamas

O estúdio já é difícil de achar — sem o número certo, então, é quase impossível. Roda-se meia hora pelo famoso e decadente Hollywood Boulevard, passa-se por uma sucessão de casas de massagem, lojas de bebidas, bilhares e mercadinhos coreanos até que uma porta eletrônica, gradeada, parece suspeita o suficiente.

Uma breve tocaia confirma os piores astrais. Pela porta, num carro alugado, não tardam a passar os três Paralamas do Sucesso mais dois amigos: Carlos Savalla, co-produtor do novo disco, e Simon Fuller – que, estranhamente, trabalha para a concorrência, a Warner. "Ah, ele está aqui para espionar...", Herbert brinca, antes de acrescentar: "Não, ele está aqui pegando uma carona, porque é meu padrinho."

Esta é a história: os Paralamas estão em Los Angeles por meros cinco dias, mixando seu novo disco, *Os Grãos* — mas a mixagem é apenas uma parada intermediária numa viagem maior, que acabará em Londres e no casamento de Herbert e Lucy. "Nós vamos junto para garantir que ele não vai fugir na hora H", diz João Barone.

De volta ao Brasil, em agosto, restará ainda preparar o lançamento do disco, em setembro — e começar a pensar no grande desafio que será traduzir para o palco o mural sonoro que faz de *Os Grãos*, nas palavras de Herbert, "o melhor disco que já fizemos. O disco mais diferente dos que já fizemos. Cada faixa é uma coisa tão diferente da outra que quem ouvir uma só não terá a menor idéia de como é o restante do disco".

Brasileiros e brasileiras estão ouvindo uma faixa de *Os Grãos* desde julho — "Tendo A Lua", um reggae *soft* que Herbert define como "um tanto meio Marti Priest reggae soul, charme" e que teria ido parar exclusivamente na trilha da novela das oito se os outros Paralamas não a tivessem interceptado e sequestrado para o LP.

Não que houvesse escassez de material, muito pelo contrário. Após quase dois anos de turnês incessantes – no final das quais, segundo Herbert, "a gente estava supercansado, tinha feito um total de 138 shows só no ano passado... É muita coisa. É um show de 2,7 em 2,7 dias" —, a banda havia decidido, por unanimidade, só retomar qualquer tipo de trabalho em agosto de 91.

Mas, como em geral acontece — o R.E.M. havia feito a mesma promessa solene pouco antes de mergulhar de cabeça em *Out Of Time* –, musas e circunstâncias conspiraram contra os planos de descanso. "Eu ficava em casa o tempo inteiro", Herbert conta. "Aí remontei o meu estúdio de oito canais e comecei a trabalhar, trabalhar, trabalhar... Quando a gente percebeu, tinha uma grande quantidade de música." "As músicas ficaram prontas", Barone completa. "E aí deu aquela coceira..."

A "coceira" até poderia ter sido adiada se um outro projeto não tivesse aguçado os apetites dos Paralamas. Com vistas ao mercado latino-americano, onde a banda já desenvolveu uma significativa carreira ao vivo — mas, como diz Herbert, "sem nunca ter um desdobramento por causa desse negócio da língua, que é mesmo uma barreira. Não tinha um trabalho dirigido" —, os Paralamas entraram no estúdio Nas Nuvens para gravar o que deveria ser a única faixa inédita de uma compilação destinada àquele mercado. É "Trac Trac" do argentino Fito Paez, cuja base os Paralamas produziram sozinhos, deixando para Liminha "o acabamento, as guitarras, as coisas mais pesadas". "Ficamos superfelizes com o resultado", diz Herbert. "E com a possibilidade de continuar gravando. A gente ficou entusiasmado com o estúdio de novo."

Daí em diante as decisões foram rápidas e rasteiras. Liminha já era o produtor escolhido, mas estava comprometido com projetos para Marina e Titãs. "Nós driblamos os Titãs e a Marina", diz Barone, rindo. "O Liminha acabou não fazendo nem um nem outro, veio trabalhar com a gente mesmo", Herbert completa.

Entre maio e junho, com as tarefas de produção divididas entre Liminha, Carlos Savala e os Paralamas, a banda gravou treze das 23 novas músicas compostas por Herbert durante as férias, que, afinal, não foram. Parece um feito extraordinário numa era em que nove ou dez músicas já são consideradas um álbum. Mas, mais que isso, essas treze faixas levam os Paralamas a dimensões nunca antes tentadas. Se *Selvagem?* foi a guinada que impulsionou, redefiniu e acelerou sua carreira; se *Bora Bora* foi a pausa para reflexão e *Big Bang* foi o caderno de rascunho; *Os Grãos* é o resultado de todas essas experiências. Mostra uma banda aventureira chegando à maturidade, permitindo-se tudo, explorando todo o seu potencial.

"Fazer este disco é um sintoma de sanidade mental — ou de insanidade. A gente é cego mesmo"

O espectro é amplo. Vai de bossa nova, "30 Anos", composta por Herbert no dia em que deu adeus aos 20 ("mas estou legal, não tem nada demais, não, 30 anos era só uma boa rima"), ao rock quase pesado de "Trac Trac", que tem Fito Paez na guitarra e Fernanda Abreu nos vocais.

Inclui "diversas experiências em dub", como a faixa-título surgida de um improviso no estúdio, uma brincadeira que envolvia uma batida *one drop* de Barone na bateria, sobre a qual o trumpetista Demétrio Bezerra desenvolveu uma linha melódica; e "Tribunal De Bar", em que Herbert comenta o famoso incidente durante o show no Jazzmania onde ele mostrou a bunda para a platéia (e concluiu "e o veneno que salve te faz o pior entre os iguais nos tribunais de qualquer bar".

Vai do samba rasgado de "Carro Velho", gravado com bateria do bloco Vai Quem Vem, de Salvador, ao reggae ensolarado de "Sábado", em que Beach Boys e Led Zeppelin se encontram casualmente numa esquina da canção — o Zeppelin sampleado de "Good Times, Bad Times", os Beach Boys repercutindo nos vocais ("Beach Boys em *Pet Sounds* e Fito Paez são as coisas que eu mais ouço e gosto ultimamente", diz Herbert. "Essa coisa de fazer vocal, por exemplo. Neste disco eu tenho dezoito vozes somadas para um segundo de música").

Chega ao soleme maracatu de "Vai Valer", que tem uma letra propositalmente vaga sobre as delicadezas e percalços da criação e uma seção de cordas deslizando ao fundo — num tributo tão claro a Guerra Peixe que a música, durante muito tempo, foi chamada simplesmente de "Guerra Peixe". "O Herbert ouviu muita coisa étnica, bumba-meu-boi, maracatu", diz Barone. "'Vai Valer' é exatamente isso — essa coisa misturada, a coisa tipicamente brasileira misturada com coisas mais pop. São as evoluções de 'Alagados', se você for ver no microscópio eletrônico."

Ainda sob o impacto da maratona criativa pela qual se enveredaram nos últimos três meses, Herbert, João e Bi se deixam ficar no chão do estúdio, ouvindo ainda mais uma vez suas criaturas, eles mesmos admirados com a amplidão do seu universo de referências. "Não tem explicação, não", Bi oferece. "São diferentes por acaso. Saiu assim. Como sempre. Nunca tem muita teoria", Barone completa. "É mais ou menos o que a gente já fez nos outros álbuns, mais aperfeiçoado."

Que um álbum assim possa ainda ser lançado num mercado como o brasileiro, que, visto à distância, lembra muito a terra devastada de Los Angeles do *Exterminador Do Futuro*, parecerá ao observador um ato de bravura inaudita. Herbert sorri. "Numa hora dessas, fazer um disco como este é um sintoma de sanidade mental", ele diz. "Ou de insanidade, quem sabe. O que é que a gente vai fazer? Vamos atrás da música. A gente é cego mesmo. Desde o início somos assim, podia acontecer tudo, a banda terminar, o mundo cair, que a gente não se importava. A procura era da música mesmo. E isso vai continuar sempre."

"Quem vai entrar no estúdio hoje vai ter que correr atrás do padrão que estamos estabelecendo com este disco", conclui Herbert Vianna. "Foi a mesma coisa que a gente sentiu depois de ouvir *Ô Blésq Blom* — a gente pensou: 'Caralho, para fazer um disco depois desse vai ser uma responsabilidade'. A gente quer esse tipo de reação, mas nossa maior competição é com a gente mesmo. A gente quer fazer as pessoas pularem mais. E fazer um disco melhor, sempre, fazer uma coisa mais estapafúrdia. A gente nunca foi a música mais tocada no país, mas sempre foi a banda que pôs mais gente nos shows — tirando a Legião, mas a Legião é um negócio religioso, não é musical mais. Nós somos uma banda de carreira, mesmo, de trabalho."

ANA MARIA BAHIANA

Fotos: João Azul

TREVISTA O

Já faz mais de duas décadas. Em Düsseldorf, Alemanha, no ano de 68, um grupo vestido de terno e com a maior cara de quadradrão não sabia que estava destinado a mudar para sempre a face da dance music com sua turbina reluzente de som eletrônico.

Às vésperas da primeira turnê do Kraftwerk em dez anos, RALF HUTTER — um de seus membros fundadores — rompeu o silêncio nesta entrevista, publicada originalmente no semanário inglês *New Musical Express*.

A cobertura do show você encontra no *Ao Vivo* desta edição.

KRAFTWERK

No coração do *nightclub* londrino Rage, nas primeiras horas do fim de semana, o principal tecno-teutônico do mundo balança discretamente de um pé para o outro. Seu rosto exibe um sorriso de contentamento enorme e justificável.

Ralf Hutter — que, junto com Florian Schneider, é o Kraftwerk — ouve a música que ele passou mais de vinte anos polindo, refletida no ambiente metálico do Rage, e isso o agrada infinitamente.

"Você sabe!", ele grita, inclinando-se para o meu ouvido e gesticulando na direção dos monitores de vídeo com sua luz trêmula e dos dançarinos que em transe ignoram tudo à sua volta. "Se, há vinte anos, estivessem fazendo um filme sobre o inferno, teriam imaginado algo assim."

Ele provavelmente está certo. Se alguém sabe desse tipo de coisa é Ralf Hutter. "Fazíamos coisas assim no começo", continua. "E um crítico escreveu que o Kraftwerk era a morte da música."

Não demorou muito para as pessoas se deixarem cativar pelo som do Kraftwerk, mas ninguém naquela época poderia prever a extensão de sua influência sobre o futuro da música pop. Surgidos no reinado "cabelos comprados, bocas de uva e purpurina" do glam rock, eles apareceram de terno, cabelos curtos e a cara limpa para se tornar o grupo branco mais influente na história da dance music e precipitar uma revisão radical do status de pop star.

Todos aqueles heróis da guitarra dos anos 70, destruidores de hotéis e colecionadores de mulheres, que riam da visão kraftwerkiana de músicos "robóticos" — trabalhadores livres de ego na fábrica do som —, deveriam dar uma olhadinha nas paradas dos anos 90, cheias como estão de músicos anônimos, cujas roupas e opiniões importam muito menos para o público do que os ritmos e texturas marteiados pelo equipamento eletrônico. O culto à personalidade pode sobreviver em algumas vizinhanças, mas isso não tem nada a ver com o Kraftwerk, que, já há dez anos, não deixam ninguém tirar suas fotos.

"Gostamos de ser tão auto-suficientes em relação ao nosso visual quanto somos com a nossa música", Ralf explica. "E, de qualquer jeito, posar é um grande tédio para nós. Nossos robôs são muito melhores nisso, eles têm mais paciência."

Para quem é a engrenagem central no grupo mais impiedosamente moderno do pop, Ralf Hutter é uma figura inesperadamente suave e quarenta e poucos anos, ele veste um terno de lãs finas em preto e branco. As ondulações de sua echarpe de seda preta separam sua camisa Nehru preta de seu pescoço, e o cabelo bem penteado, com estrias grisalhas, cobre uma cabeça que parece estar eternamente sorrindo. Um charme quase prosaico, bem pouco tecno em meio à hipnose hardcore do Rage — bizarra. Magro, de aparência saudável em seus

Ralf e Florian em 73, antes do sucesso de *Autobahn*

A semifinal turnê do grupo (81)

Isso não quer dizer que ele não tenha uma queda pelo hardcore. Um outro *nightclub* que visitamos mais tarde, na mesma noite, é baleárico demais para seu gosto. "Me sinto como se estivesse na Itália ou na Alemanha", resmunga, "com todas essas pessoas balançando as mãos no ar. É tão tranquilo, tão suave. Eu me lembro de uma energia muito mais delinqüente em Londres."

Ralf está em Londres para quebrar o sólido silêncio do grupo em relação à imprensa, proclamando o retorno do Kraftwerk à vida pública. Em julho passaram pela Grã-Bretanha, como parte de sua primeira turnê mundial em dez anos, precedida pelo lançamento de *The Mix*, um álbum duplo de clássicos radicalmente regravados, abrangendo a obra do Kraftwerk nos últimos quinze anos.

Uma fabulosa atualização do repertório do grupo, *The Mix* cria uma ótima desculpa para se falar do passado, mas uma compilação não seria um gesto estranhamente retrô para quem sempre esteve olhando para a frente?

"Estávamos trabalhando nas faixas para sua execução ao vivo", Ralf explica, "gerando sons digitais e sampleando nossas velhas fitas multipistas, quando decidimos colocar tudo num disco. Por isso não são *remixes*, são gravações completamente novas."

Vocês pularam clássicos atmosféricos como "Hall Of Mirrors" e "Neon Lights" favorecendo *grooves* dançantes, mas as pessoas se surpreenderão com a ausência de "The Model", o compacto que fez de vocês a primeira banda alemã a chegar ao topo das paradas britânicas.

"Trabalhamos apenas com as faixas que combinavam. Talvez daqui a dois anos façamos outro disco como esse, e aí poderemos incluir 'The Model' de uma forma totalmente diferente. Escolhemos as faixas que saltaram nas nossas caras. Não havia nenhuma lógica, exceto o fato de cobrirem o período entre *Autobahn* e hoje. Não colocamos nada dos três primeiros álbuns, porque desde *Autobahn* não tocamos esse material ao vivo."

O que podemos esperar do show?

"Traremos nosso estúdio Klang Klang, mais efeitos visuais. Teremos filmes e computação gráfica, além de nossos robôs articulados. Eles aparecem durante a canção 'The Robots' e fazem

Guitar Player Press

ÁUDIO E VÍDEO
gradiente

"Gastamos vinte anos nisto. Como poderíamos voltar a usar violões?"

um balé mecânico em perfeita sincronia, pois estão todos ligados ao mesmo computador. Todos os audiovisuais são baseados nas canções, mas muito mais desenvolvidos do que os da última turnê, em 81."

O show pode variar de uma noite para a outra?

"Sim. Podemos sempre brincar com os computadores, chamar os programas e alterá-los, dependendo do clima do momento. Hoje em dia o equipamento musical está chegando perto do que sempre tivemos em mente quando começamos. Antes havia limitações técnicas. Também substituímos nossos percussionistas, Karl Bartos e Wolfgang Flur, por um engenheiro eletrônico que sempre trabalha conosco no estúdio e um músico adicional. Por isso temos agora mais som, mais eletrônica, mais programação e mais engenharia de som acontecendo."

Assim como "Trans Europe Express" foi seu melhor single e *Man Machine* seu melhor álbum, *The Mix* é o melhor ponto de entrada para principiantes em Kraftwerk. Mas, enquanto seu estilo e suas atividades pareciam extremamente radicais — comparados ao que os outros estavam fazendo —, hoje eles foram adotados pelo *mainstream*. Seus métodos viraram lugar-comum. Eles se sentem confortáveis com isso?

"Como poderíamos mudar agora? Gastamos vinte anos neste tipo de trabalho. Não podemos dizer amanhã que o negócio é voltar a usar violões."

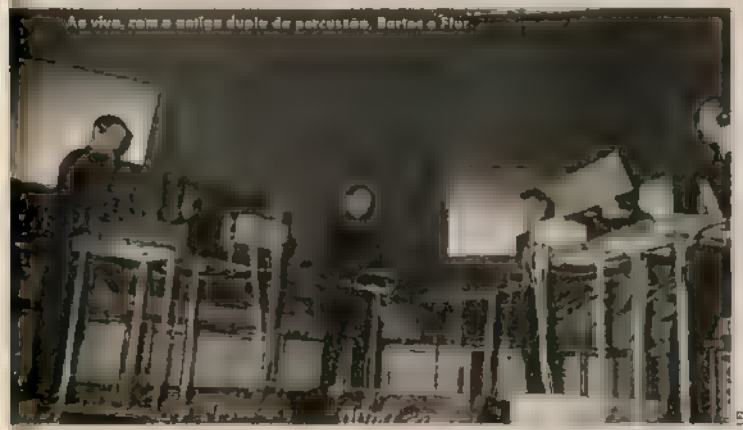
"Para nós é muito estimulante ver a popularidade do tipo de música em que pusemos tanto esforço. Quando previamos que nossos aparelhinhos eletrônicos iam acontecer com tudo, ninguém acreditava na gente."

O que o Kraftwerk realmente significa é algo que só foi totalmente compreendido no contexto da cultura alemã, mas, mesmo destituída de significado e simbolismo, sua música exibe uma pureza sonora nunca igualada. É uma turbina reluzente, limpa de bagagem sentimental ou floreios pomposos, sua tecnologia descarada nunca oculta por trás de cautelosos, confortadores painéis de madeira metafóricos.

Um dos segredos do som do grupo é que eles costumavam se infiltrar nas maiores companhias de computadores e estimular seus pesquisadores com o desafio criativo de conceber e adaptar equipamento especialmente para o Kraftwerk — aparelho em que, obviamente ninguém mais podia pôr as mãos.

Seus ritmos e texturas únicos, combinados a melodias eternas, assim como a execução inacabada de uma ideologia realmente radical, reapareceram desmembrados e fora de contexto como tema recorrente em cada cenário dance regional dos negros americanos na última década. Levando em conta sua aura de "caretice" — rigidez até, mesmo para uma banda de brancos —, isto não surpreende ou diverte Ralf?

"É difícil dizer, vem acontecendo há tanto tempo, desde 'Trans Europe Express'. Lembro



Ao vivo, com o reforço duplo de percussão, Bartos e Flur.

ÁUDIO E VÍDEO
gradiente

Florian, Karl Bartos, Wolfgang Flur e Ralf.

Foto: Jean Yves Lagrée

que estávamos uma vez, bem naquela época, num *club* em Nova York, e o DJ tinha prensado seu próprio disco, utilizando nossas fitas de 'Metal On Metal', mas estendendo-as mais e mais. Era o começo dessa coisa de DJs fazerem seus próprios discos e ficamos fascinados."

Vocês têm consciência dos discos que são influenciados por vocês?

"Nos *clubs*, sim, porque costumo sair para dançar. Vou aos *clubs* em Düsseldorf, Frankfurt, Paris ou onde quer que passemos quando viajamos. Passamos por fases, não é tão rígido assim. Não é possível sair cinco noites por semana na Alemanha, é preciso trabalhar, mas eu vou dançar mais ou menos uma vez por semana para manter as pernas em forma."

Você sabe de quem são esses discos?

"Na maioria das vezes, não. Reconheço os sons, mas geralmente os discos são indefinidos. Obviamente conheço coisas como 'Trouble Funk Express', 'Planet Rock' e o cenário techno de Detroit."

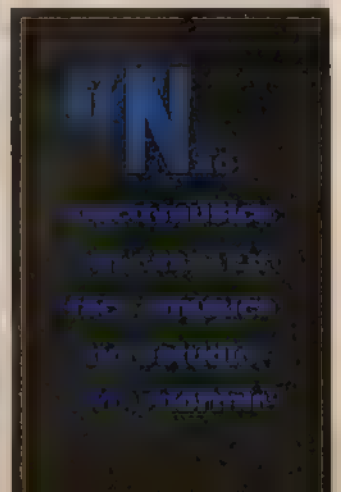
Que tipo de música vocês escutam?

"Não temos escutado muita coisa ultimamente, tentamos reduzir os estímulos externos para evitar um excesso de exposição. O alemão médio ouve cinco horas de rádio por dia, enquanto nós ouvimos nenhuma. Gosto de sair perambulando e ouvir a música que o ambiente oferece ao acaso, saindo de uma caixa acústica num café ou num *nightclub*. Não ouço música em casa, eu faço música no estúdio."

O que você faz quando não está trabalhando com música no Klang Klang?

"Fazemos música o tempo todo, aí dormimos. É um trabalho de período integral."

O Kraftwerk nasceu quando Ralf Hutter conheceu Florian Schneider num curso de improvisação musical no conservatório de Düsseldorf



em 68. Em 74, após três álbuns de música eletrônica instrumental sem estrutura muito definida, arrombaram a banca com "Autobahn", uma magestosa celebração em 22 minutos do ato de passear de carro pelas estradas, que incluía, pela primeira vez, letras.

Se sua música inicial era composta de poemas tonais inspirados pelos sons ambientais do parque industrial de Düsseldorf, "Autobahn" fundia ruídos de carros tratados eletronicamente, uma melodia clássica e o ritmo mecânico formado por barulho de tráfego sintetizado para criar uma nova música folclórica industrial. "Autobahn" foi um hit nas *discothèques* americanas e o Kraftwerk se tornou objeto de apadrinhamento em grande escala por parte de David Bowie, que mais tarde incorporou elementos do visual e da iluminação do grupo.

"Isso foi muito importante para nós porque estabeleceu um elo entre o que estávamos fazendo e o *mainstream* do rock. Bowie costumava dizer a todo mundo que éramos seu grupo favorito, e, no meio da década de 70, a imprensa se apoiava nas palavras dele como se fossem os dez mandamentos. Nós o conhecemos quando ele se apresentou em Düsseldorf, em uma de suas primeiras turnês européias. Ele viajava de Mercedes, escutando 'Autobahn' o tempo todo, não ouvia nada além disso."

Se a aparência do grupo e o fato de cantarem em alemão (quando 75% do material executado na rádio alemã era cantado em inglês) já eram esquisitos, seus temas soavam ainda mais deslocados na Alemanha dos anos 70. No momento em que nascia o Partido Verde, eles celebravam a rede de autopistas com que Hitler havia desfigurado o campo. Quando todo alemão pensante estava paranóico sobre as carteiras de identidade e o computador central da polícia em Flensdorf, eles estavam abraçando e festejando o mundo computadorizado. Eram gestos radicais dentro da Alemanha, sem nenhum sentido fora dela.

"Isso faz sentido em outros países", protesta Ralf. "Converse com pessoas da França ou da Itália que têm uma compreensão quase xenófica."

As traduções das letras para o inglês certamente não funcionam. Não só as originais em alemão soam mais poéticas como carregam diferentes reasonâncias culturais. A necessidade da rima força nuances de sentido completamente diferentes, assim uma canção como "The Model" — captada em toda sua ironia no alemão — no inglês acaba soando como rabiscos simplistas de uma criança de cinco anos.

"Isso é difícil de julgar para mim, mas recebemos muitas respostas e reações em toda parte, por isso acho que estamos nos comunicando."

As pessoas costumavam dizer que havia apenas três grupos que entendiam a música eletrônica: vocês, a Yellow Magic Orchestra e o Yello. Você sentiu alguma vez afinidade com estes grupos?

"Certamente havia esse sentimento. Encontramos com o pessoal da Yellow Magic Orchestra quando tocamos em Tóquio, mas não conheço muito bem a música deles, nunca me tocou realmente. Me parecia muito mais piadista, meio para o jazz rock. O novo estilo de Detroit me parece muito mais próximo do nosso enfoque, hipnótico, engrenado."

Como na base rítmica composta de sons de respiração em "Tour De France", o uso de sons ambientais pelo Kraftwerk é sempre adequado. Eles não vão atrás de samples maluquetes — arrancar fita adesiva de uma mesa, bater com uma vara num balão etc. —, mas falaram uma vez em gravar o som das estrelas, a energia liberada pelos pulsars (fontes radioestelares emissoras de impulsos que têm a duração média de 35 milionésimos de segundo e se repetem a intervalos extremamente regulares, de cerca de 1,4 segundo). Chegaram alguma vez a fazer isso?

"Não, mas sei que existem fitas disso. Nós não temos. Não quero falar demais e dar fatos errados, mas sei que quatro anos atrás alguém traduziu essas ondas em freqüências e então botou um computador para tocá-las. Há até outro computador trabalhando sobre as escalas e harmonias, traduzindo as ondas para o equipamento eletrônico, e o som é bem legal. Não é um tom constante, muda o tempo todo."

Depois da guerra, houve um vácuo cultural na Alemanha durante cerca de vinte anos quando os jovens — envergonhados de sua herança — rejeitaram sua cultura e passaram a se mirar na Inglaterra e nos E.U.A. A sua emergência, junto com gente como Faust, Can, Tangerine Dream e Giorgio Moroder simalizaram uma revitalização da cultura popular alemã, que continuou com a Neue Deutsche Welle ("Nova Onda Alemã") no começo dos 80. Como está o cenário hoje em dia?

"Bem quieto. Também estamos atravessando mais um período morto no cinema, e não tenho absolutamente nenhuma idéia por quê. Não há nenhuma razão óbvia. Com a queda do Muro era de se esperar uma verdadeira explosão de atividade.

Você diria que a sua música continua etnicamente alemã, que não poderia ter saído de nenhum outro lugar?

"Ela se tornou uma linguaguem mais internacional, mas ainda acho que é bem alemã. Talvez isso soe um pouco nacionalista — digamos que seja européia em sentimento, isto sim, definitivamente. Se você colocasse uma banda americana em nosso estúdio e pedisse a eles para fazer um disco sobre a Tour de France (*competição ciclística realizada na França que inspirou a música homônima do Kraftwerk*), o resultado seria diferente."

Como grupo, vocês sempre preferiram olhar para o futuro ao invés do passado. A idéia do futuro ainda o excita?

"Sim. Nem mais, nem menos do que antes. É uma coisa constante. Estamos sempre pensando no que estamos trabalhando, nos shows que estamos preparando, por isso não temos tempo de pensar no passado. O futuro, em termos de possibilidades não realizadas, é algo que sai deste processo."

Eu estava pensando no futuro em termos mais amplos gerais.

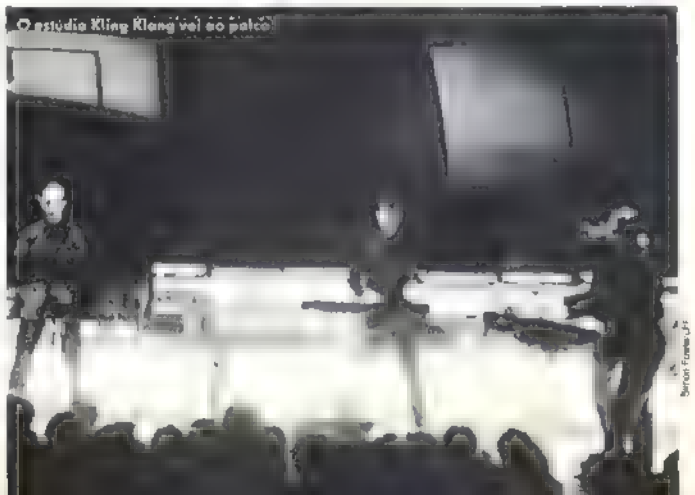
"Você quer dizer em relação à sociedade? É claro que penso nisso, e meus sentimentos são ambivalentes. Estou preocupado com o que os alemães chamam de *Fernsteuerung* da sociedade, controle remoto, ditadura das massas. Não falo daquele sistema clássico de um homem controlando todos, como uma figura paterna, porque acho que isso não existe mais. Acho que há algo em forma de massa, como avalanches, que tem sua própria dinâmica e que poucas pessoas entendem."

Coisas como eleições não fazem sentido. O fato de 99% das pessoas votarem em algo não diz nada sobre a qualidade do que estão votando, e este tipo de ditadura demográfica... Ainda é cedo demais em minha mente, mas deverei compor música sobre isso. Há um culto ao apelo de massa que eu não compartilho. Como ter quarenta estações de rádio, todas tocando as mesmas 'Quarenta Mais'. Ninguém fala do controle exercido sobre o que aparece na televisão. Essas são as coisas em que penso, índices de popularidade e ditadura demográfica, por que alguém deve ser presidente só porque tantas pessoas votaram nesse boneco que faz poses?"

Existe algum plano a longo prazo para o Kraftwerk? Alguma colaboração inesperada?

"Não sei. Vamos ver só o que acontece quando tocarmos em Detroit. Estamos numa situação bem aberta no momento e gosto muito disso. É bem curioso. Estivemos conversando aqui sobre vinte anos de nosso passado, e havia me esquecendo de certas coisas que eu talvez devesse repensar, mas permaneço apaixonado sobre como entraremos na próxima etapa. Nunca perdi um pouquinho do interesse."

SIMON WITTER


O estúdio Kling Klang vai ao palco

VOE ATÉ A SUA LOCADORA

Memphis Belle

A FORTALEZA VOADORA

A partir de agora, pilotar seu vídeo será uma aventura emocionante
Voe até a sua locadora, assista o vídeo MEMPHIS BELLE, A FORTALEZA VOADORA e prepare-se para vestir sua jaqueta exclusiva MEMPHIS BELLE, um presente da OP, Warner Home Video e Revista Bizz. As 3 melhores respostas recebem a jaqueta MEMPHIS BELLE e outras 10 cartas recebem um kit MEMPHIS BELLE, contendo uma camiseta e um poster
Envie sua carta com nome e endereço completos para WARNER HOME VIDEO - Caixa Postal 20589 - CEP 01498 - São Paulo - SP - Promoção "A FORTALEZA VOADORA", até o dia 30 de outubro de 1991, respondendo as seguintes perguntas
1. Para você, qual o momento mais emocionante de MEMPHIS BELLE, A FORTALEZA VOADORA?
2. Quantas pessoas formavam a equipe do MEMPHIS BELLE, A FORTALEZA VOADORA? Que nome você daria a essa corajosa equipe?

O resultado será publicado na edição de novembro da Revista Bizz e os ganhadores serão comunicados através de telegrama

Jaquetas

Posters

Camisetas

PROMOÇÃO:
OCEAN PACIFIC
WARNER HOME VIDEO
BIZZ

T6M

IRA!

REJUVENESCENDO

Missas para jovens e festivais de rock do Salão da Criança... Desde as suas origens insuspeitas, a banda de Edgard Scandurra persegue a inocência das canções. E dez anos de carreira não vão impedir

Como vários grupos brasileiros que estouraram nos anos 80, eles estão comemorando dez anos de estrada. Ao mesmo tempo em que lançam seu quinto álbum, *Meninos da Rua Paulo* — título tirado de um romance adolescente que já foi leitura ginasiana obrigatória. Com uma ou outra atribulação desembocando às vezes em projetos paralelos, eles atravessaram a década em uma posição digna — porém, no Brasil, desconfortável. Uma banda de médio escalão, com público fiel e constante, mas sem nenhuma vocação para queridinha da mídia ou das paradas.

Este é um disco maduro, no sentido de que já sabemos fazer melhor as coisas. Mas também, de algum jeito, é o nosso disco mais juvenil", constata Nasi. "Descomprometido", arrisca Edgard. "Menos desenxabido", completa Gaspa. *Meninos da Rua Paulo* parece que veio para resgatar a unidade do grupo. André: "A gente retomou o caminho dos primeiros, mais uma dúzia de canções".

E o primeiro disco deles produzido em São Paulo, um dos fatores que contribuíram para um estado de espírito bom", de acordo com a banda. A palavra-chave agora é harmonia. Colaborou para isso a dupla de produtores, Pena Schmidt e Geraldo D'Arbilly. Eles conseguiram conciliar algumas idéias radicalmente diferentes entre os membros do grupo — coisa que travava o trabalho e criava animosidades. "Talvez sem um juiz no ringue a gente não conseguisse encontrar pontos em comum", diz Edgard. Segundo Nasi: "Sacrificamos as idéias geniais de cada um em nome da música".

A história do Ira! na verdade começa há bem mais que dez anos. Edgard se aproximou do rock através das dominicais dançantes e dos bailinhos. "O Salão da Criança já tinha festival de rock, mas meu primeiro contato com instrumentos elétricos foi mesmo na missa para jovens. Tinha uns caras que tocavam guitarra e bateria. Eu sentava na frente, bem pertinho".

Depois de comungar com o rock'n'roll, Edgard arrumou ainda na escola uma banda chamada Suburbio. Estava plantada a semente do Ira!. Tocavam covers de Sabbath e Hendrix e com a martelada punk incorporaram ao repertório Ramones, Clash e Pistols. "O punk rock foi importante na minha cabeça. Antes o som era só de virtuoses. O punk deu outra visão da guitarra".

O Ira! ainda sem ponto de exclamação surgiu em 81, em 83 lançou o compacto com "Pobre Paulista" já pela Warner. Mas a formação definitiva, com a entrada de André na bateria (trocado pau-a-pau pelo Charles, com os Titãs) e Gaspa no baixo, só se reuniu em 84, antes da gravação do primeiro LP. Nasi tem impressões precisas do seu ascenso no rock tupiniquim. "Nem tudo aconteceu ao mesmo tempo. O sucesso para a gente só veio em 86, a partir de "Núcleo Base". Fizemos um show na Praça do Relógio da USP para lançar o segundo disco, que juntou trinta mil pessoas".

Com a pretensa maioridade, o Ira! começou a achar que estava fazendo alguma coisa séria. Hoje já estão convencidos de que a seriedade tem duas faces. "Ajuda você a aprender e se desenvolver, mas também da uma baixada na bola", filosofa André. Agora eles já se sentem capazes de conciliar isso com o prazer e o bom humor.

A fase do disco seguinte, *Psicoacústica*, foi bem prolífica. "A gente quis negar a simplicidade. Foi uma fase de diversificação, de estilos espontânea e natural", lembra Nasi. Mas essa diversificação conduziu os integrantes do Ira! a um mergulho em projetos individuais e a um conseqüente afastamento pessoal. O processo se traduziu em música no quarto disco, *Clandestino*. Um álbum que a própria banda qualifica como "necessário". "Serviu para dar uma esvaziada no baú", Edgard), ou para mostrar "um lado pianinho feio" (Nasi).

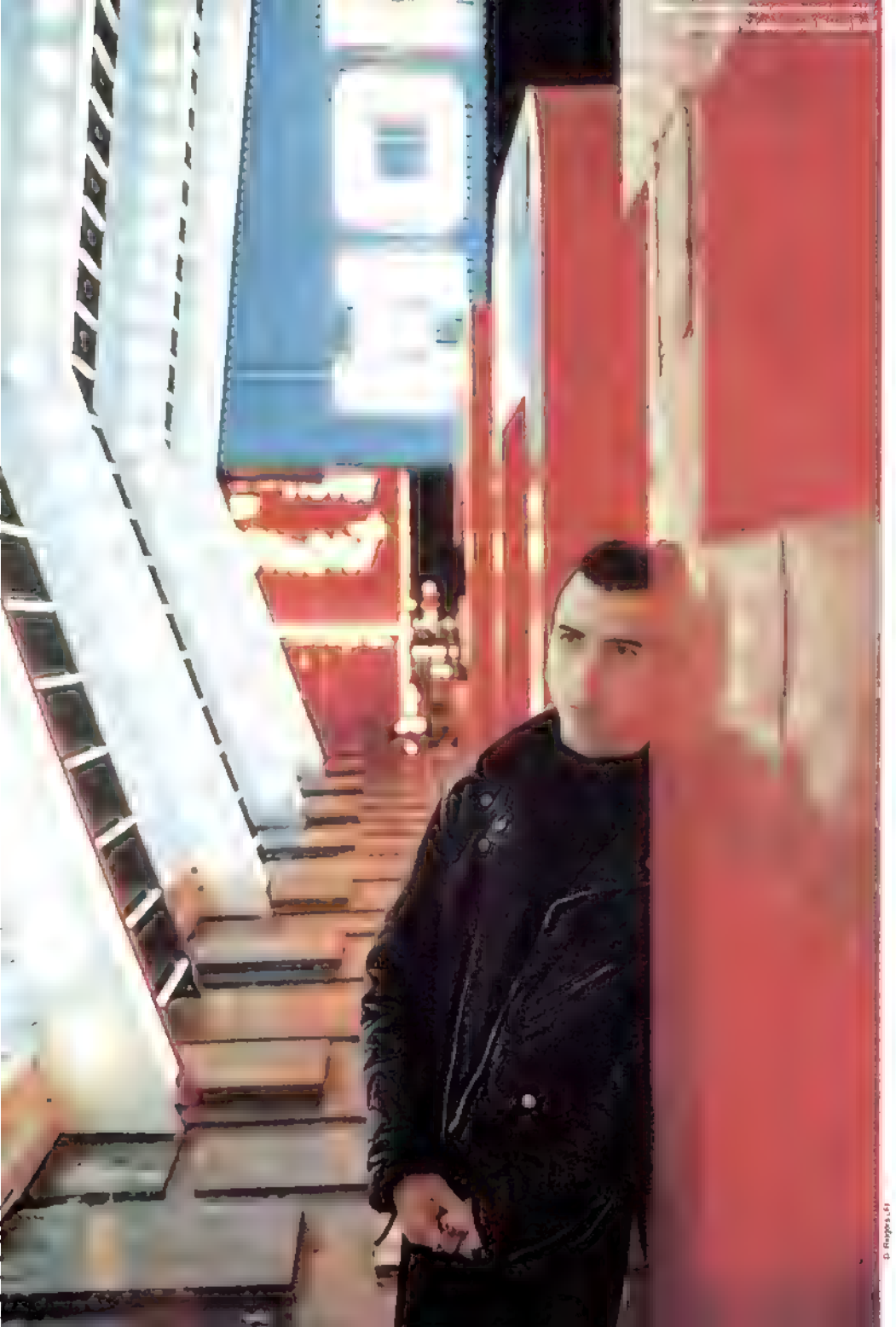
Também serviu para alimentar uma polêmica que se espalhou pelas seções de cartas da BIZZ. Foram meses de réplicas, tréplicas e até a visita de um advogado da banda à redação, com uma ameaça de processo... A coisa vinha de uma entrevista do grupo à revista, que a edição do Ira! considerou insuficiente, esquentou com a crítica de André Forastieri ao disco, e prolongou-se com uma carta acusatória de Nasi aos textos de Alex Antunes. Edgard diz hoje que achou "divertido" o rolo todo, um "exercício de democracia". A banda concorda, à exceção de Nasi: "Me senti agredido. Quase fiquei com uma úlcera".

Uma boa fatia de *Meninos da Rua Paulo* já chegou ao estúdio arranjada e ensaiada, mas outra parte considerável chegou em aberto. Noventa por cento das faixas têm apenas três ou quatro meses dando sentido real ao adjetivo "novo" que o grupo pretende para o trabalho. É basicamente baixo, bateria e guitarra — mesmo lançando mão de um quarteto de violoncelos, participações especiais de Miguel Barella, Fábio Golfetti e Marco Scandurra, irmão de Edgard, teclados utilizados com sutileza por Dino Vicente e até uma sanfona, detonada por Nico Nicolaiewsky.

Inclui também uma refrescada versão de "Lucy In The Sky With Diamonds", dos Beatles, com letra vertida para o português por Raul Seixas, e "Tales Of Majestic Men", do Status Quo, com letra adaptada pela própria banda. No fim das contas, André matou a charada. "Nesse tempo de convivência a gente já passou por momentos de crise interna, falta de horizontes. Agora a gente sai leve do estúdio, pronto para fazer show todo fim de semana num clima legal".

CARLOS EDUARDO MIRANDA

TRINOMIC
QUEM DISSE QUE
O HOMEM
NÃO FOI FEITO
PARA VOAR?
PUMA
TRINOMIC VISION
Trinomic Vision é o novo tênis da Puma. Ele foi feito exclusivamente pra quem pratica jogging. Por causa do seu sistema Trinomic, você vai ter mais estabilidade, mais flexibilidade e muito mais aderência ao solo na hora de decolar. Fora que provavelmente você vai ter o tênis mais bonito da pista. A gente não vai pedir pra você ir voando comprar um. Mesmo porque você não vai conseguir voar com esse seu tênis aí. Mas bem que você podia vir correndo. Trinomic Vision vai ficar pouco tempo nas lojas.



SOFT CELL

A VOLTA DO QUE NÃO FOI

Dez anos depois, eles ainda infeccionam as pistas e as ondas do rádio... no Brasil!

Dez anos separam o primeiro lugar que "Tainted Love" ocupou no mundo inteiro (81) e a sua presença nas listas de mais pedidas de varias FMs e pistas brasileiras (91). E "Torch"? Um single de 83 ocupando o topo das mais requisitadas em uma das radios mais ouvidas de Sao Paulo, em junho de 91.

Isto não é revival e nem jabá — quem esta ouvindo é muito novo e o Soft Cell não tem disco em catalogo no Brasil desde 83. É um daqueles desvios na ordem cronologica do pop, quando uma musica e descoberta por uma nova geraçao. E quantas diferenças entre os dois periodos.

Na Inglaterra de 81, a androginia e a maquiagem em excesso do *new romantic*, o tecnopop com influencias de soul, funk e disco eram o forte. Foi aí que, junto com Culture Club, Spandau Ballet, Duran Duran, Depeche Mode, surgiu o grupo de Dave Ball e Marc Almond.

Quando "Tainted Love" (uma versão para um clássico soul de Gloria Jones, de 74) bateu no primeiro lugar, o publico pop recebeu um pacote esquisito junto com a musica. Um cantor passional que usava quepe preto, roupas de couro e fazia *A Gaiola Das Loucas* parecer uma palestra da TFP. Letras que incluiam temas como "Sex Dwarf" ("Duende Do Sexo"), cabare fuleiro as quatro da manhã, glamour cafona, dor-de-cotovelo, submundo da noite e coisas que muita gente associaria com a decadencia do mundo ocidental.

O Soft Cell seguiu com mais sucessos, brilhou e em 84 encerrou atividades. Marc Almond e Dave Ball prosseguiram com instáveis carreiras solo.

O Brasil de 90 é outra história. Sem nenhum glamour, tendencia ou "cenario", apenas uma vasta moçada cuja unica fuga semanal do cotidiano chato e suar numa pista de dança. A dance music, já bem popular, é consumida junto com o tecnopop de beats dançantes e vozes pouco alegres de Depeche Mode, Erasure, Pet Shop Boys... e o veterano Soft Cell. O fato e que certas pistas nunca pararam de tocar seus hits, o que lhes garantia uma adoraçao *cult*. Mas quando uma radio paulistana resolveu incluir "Torch" na sua programação, criou um monstro. DJs, programadores e publico adotaram em massa Soft Cell.

Agora, finalmente, a nova multidao de fãs terá acesso a um lançamento nacional: a compilaçao *Memorabilia*, onde singles do Soft Cell e Marc Almond solo aparecem em remixes frequinhos, exceto "Torch", "Soul Inside" e três outras, nas versoes originais, pelas maos de Julian Mendelsohn e do Grid — o novo projeto de Dave Ball.

Nas próximas paginas, uma entrevista exclusiva com Marc, feita em Londres por Anamaria G. de Lemos, e uma discografia completa, banda e solos.

CAMILO ROCHA

No Brasil, seu trabalho solo não é muito bem conhecido, apesar do sucesso do Soft Cell. Então, queria que você falasse do passado...

Bem, onde eu começo? Saí da escola aos 17 anos, e estudei arte durante os cinco anos seguintes. Foi nessa época que comecei a me interessar por música. Conheci o Dave Ball e formamos o Soft Cell em 79... Nunca pensei que ainda estaria aqui depois de dez anos. Mas acho que ainda não atingi o ápice da minha música. ...E a verdade é que ainda me divirto bastante com ela.

Como você vê o Soft Cell agora?

Acho que nunca nos exploramos como banda. Nunca abrimos mão de nada. Mas nunca realizamos nosso potencial completamente. Acho que fomos inovadores, estávamos adiante do nosso tempo. Muitos grupos depois exploraram o que nós...

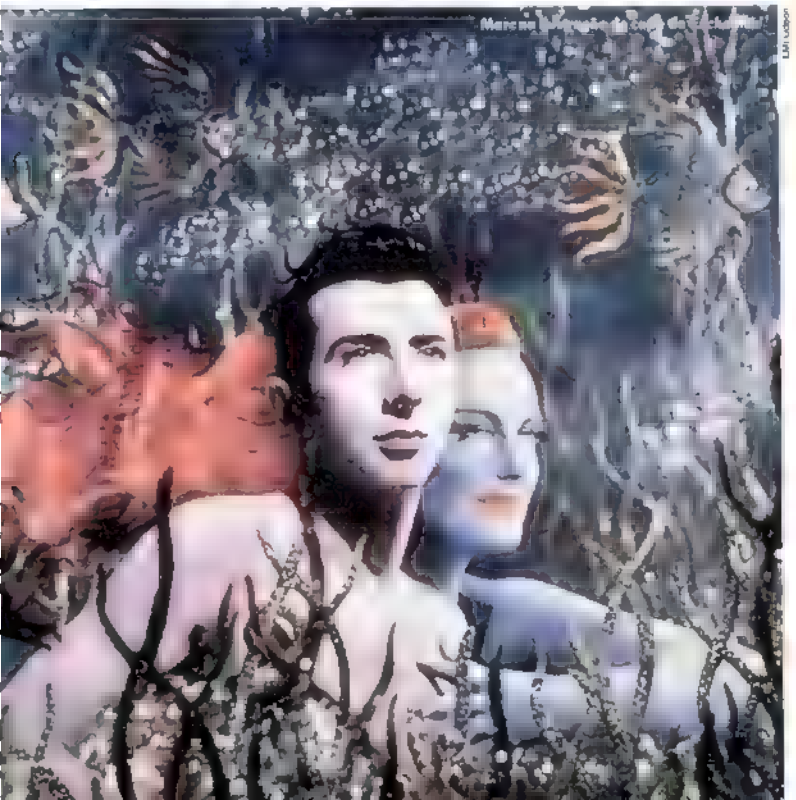
Você está falando de quem?

Prefiro não dizer (risos). Deixe que as pessoas preencham os espaços em branco... Outras bandas usaram o formato: o tecladista silencioso e o cantor teatral, com letras sobre... a vida, as cidades, o que acontece por trás das portas... Hoje há um público novo ouvindo nossas músicas, e fico feliz em saber que elas sobreviveram ao teste do tempo. Nosso sucesso começou cedo demais. Começamos com um grande sucesso e nunca conseguimos mantê-lo. Foi o que nos destruiu. De repente todo mundo queria um outro "Tainted Love", um dos singles mais vendidos de todos os tempos!

Como foi voltar a trabalhar com Dave Ball?

Ele mixou meu single "Waifs And Strays", do album *Enchanted*. E no *Memorabilia* alguns remixes são dele. Tenho trabalhado com a mulher dele (a violinista *Gini Ball*), mas Dave e eu não tínhamos nos encontrado direito. Não temos

"Outras bandas exploraram o formato depois de nós: o tecladista silencioso e o cantor teatral"



DISCOGRAFIA

SOFT CELL
Some Bizarre
(uma faixa, 79; compilação apresentando nomes do selo Some Bizarre. Inclui Blancmange, Depeche Mode, The The)
EP sem nome
(79; "Memorabilia" é a faixa principal)
Non-Stop Erotic Cabaret (81)
Non-Stop Ecstatic Dancing
(EP: seis remixes de faixas do primeiro album; 82)
The Art Of Falling Apart (83)
[illegible]
The Last Night In Sodom (84)
Soft Cell — The Singles
(coletânea; 87)

MARC ALMOND & SOFT CELL
Memorabilia (coletânea; 91)

MARC ALMOND
[illegible]
(86; covers de vários artistas)
Singles 1984-1987 '87
[illegible]
The Stars We Are [illegible]
(89; só covers de Jacques Brel)
Enchanted (90)
— Como Marc And The Mambas
(com Matt Johnson do The The)
Untitled (83)
Torment And Toreros (83)
— Como Marc Almond
And The Willing Sinners
[illegible] *Ermine* '84
Tenderness Is A Weakness (EP '84)
Stories Of Johnny (85)
Mother Fist And Her Five Daughters '87
— Como Marc Almond e Bronski Beat
"I Feel Love"
(single; 85; versão do clássico de Donna Summer)

DAVE BALL
In Strict Tempo
(83; com Genesis P-Orridge, do Psychic TV)
— Com Ronald Biggs e May East
"Prisoner Of Rio" (single '88)
— Como Jack The Tab
(Ball e Genesis P-Orridge)
Jack The Tab (89)
— Como the Grid
(Ball e Richard Norris, jornalista da Melody Maker)
Electric Head (90)

Arrepie!

Se além de arrepiar um som da pesada, você tá a fim de um futuro legal, tudo bem.

Venha no maior pique até a banca mais próxima pegar o seu GUIA DO ESTUDANTE.

O Guia traz dicas das 214 profissões mais transadas.

Endereços superatualizados de 5 mil cursos.

Como descolar bolsas ou manter intercâmbio com outros países.

Tudo em matéria de orientação profissional para você arrepiar um futuro bem-assumido.

Editora Abril

Nas Bancas

Se você quiser maiores informações sobre o Guia do Estudante, escreva-nos:
Redação do Guia do Estudante
Cx. Postal 05998
CEP 04575 - São Paulo - SP

Estudante

O duo na TV inglesa, no *Top Of The Pops*

nenhum plano de ressuscitar o Soft Cell, mas acho que gostaríamos de voltar a compor juntos.

Você parece ter paixão por tudo que é latino.
Sempre passei muito tempo na Espanha, quando queria fugir de Londres. Amo Barcelona com aquela mistura de estilos e atmosferas. É um ótimo lugar para trabalhar, cheio de inspiração.

O que aconteceu com aquele disco que você gravou de músicas e poemas franceses?
Fiz um álbum com músicas do Jacques Brel e ao mesmo tempo esse outro, de baladas e poemas franceses musicados. É claro que foi tudo traduzido para mim, cantei em inglês. Só não sei quando vai sair — levou tanto tempo para lançar o disco do Jacques Brel, imagine esse.

"É bom para mim estar no mainstream. Donas de casa vieram me dizer: 'ouvi e adorei'..."

Mas sempre me interessei por culturas diferentes, sempre quis olhar para além da Gra-Bretanha. Não sou espanhol, e não posso fazer música autenticamente espanhola. Mas posso dar à minha música um sabor, uma cor, uma influência. Quando comecei a usar esses elementos, na época do *Torment And Toreros*, as pessoas aqui, na Inglaterra, riram. Agora, é claro, a world music está na moda, e isso é uma coisa mais aceitável, o que eu acho ótimo. Minha inspiração sempre veio da música étnica, do cabaré ou baladas francesas. Nunca do pop e do rock.

Fale um pouco do disco do Brel, então.
Bem, fiquei tão feliz com a aceitação que ele teve na Europa. Principalmente nos lugares onde Brel viveu, Bélgica, França, Holanda. A viúva disse que foi uma das melhores interpretações do trabalho dele que ela tinha ouvido havia muito tempo.

O que te atrai no trabalho de Brel?
É essa mistura do real e do romântico. São quase músicas pop, mas têm letras poéticas, profundas... E há em seu trabalho um grande amor e respeito pela vida, apesar de muitas músicas serem sobre a morte.

Você acha que o mainstream é lugar para fazer coisas "estranhas"?
Estar no mainstream é uma posição maravilhosa. Gosto de estar em shows na TV. Um artista como eu, que já criou controvérsias, que as pessoas amam ou odeiam, que diz o que pensa, de coração. É bom para mim ou para o Nick Cave, estar no mainstream. Eu nunca quis ser um artista exclusivamente cult para sempre. Adorei o sucesso de "Something's Gotten Hold Of My Heart", que gravei com o Gene Pitney. Muitas donas de casa vinham me dizer: "Nunca teria ouvido seu disco se não fosse pela música com o Gene, mas ouvi e adorei". É gratificante alcançar gente nova. Quando lancei o disco do Jacques Brel, havia gente ouvindo e que detestava o meu trabalho, e vice-versa.

Quais foram as mudanças principais nesses seus dez anos de música?
Quando comecei a compor e cantar, não sabia nada sobre música, sobre canto, sobre técnica de estúdio. A música daquela época tinha um certo charme por causa dessa ingenuidade... mas seria loucura esperar que eu permanecesse ingênuo depois de dez anos.

Como isso tudo (aponto para o escritório luxuoso em que nos encontramos, na EMI) te afeta?
Tento ficar longe. Só venho aqui quando preciso. Não é nada contra a indústria... Só não quero deixar que ela afete minha vida. Não vou a festas, a lugares onde "devo" ser visto. Detesto autopromoção. Gostaria de estar numa posição melhor, em que não tivesse de justificar o que faço e sorrir e encontrar pessoas.

Mas você gosta do palco.
Adoro! Só me arrependo de não ter tido a chance de tocar ao vivo tanto quanto eu gostaria.

Você gostaria de tocar no Brasil?
Adoraria. Estou esperando que me convidem.

Você conhece a música brasileira? Fora "Garota De Ipanema", é claro (risos)!
Ouço bastante, está ficando bem popular por aqui. Tem muita gente com influências brasileiras em seu trabalho. Gosto muito da música latino-americana, é cheia de fogo e paixão. Estive no Carnaval do Rio alguns anos atrás. Só que fiquei muito doente e tive que voltar para a Inglaterra, então perdi a melhor parte. Sempre foi um dos meus sonhos... Navegar o rio Amazonas, ver o Carnaval do Rio... Parece maravilhoso.

ANAMARIA G. DE LEMOS

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO DA REVISTA

REF 256 REF 263 REF 264 REF 244 REF 249 REF 251 REF 258 REF 259 REF 257 REF 250
REF 249 REF 248 REF 239 REF 252 REF 246 REF 260 REF 247 REF 243 REF 260 REF 261
REF 240 REF 241 REF 242 REF 228 REF 090 REF 200
REF 193 REF 183 REF 226 REF 220 REF 221 REF 203
REF 215 REF 175 REF 217
REF 174 REF 201 REF 184 REF 178
REF 216 REF 182 REF 161 REF 208 REF 224 REF 032
REF 189 REF 214 REF 213 REF 236 REF 237 REF 211
REF 180 REF 222 REF 106 REF 202 REF 229 REF 008 REF 223 REF 018 REF 125 REF 188

FAITHEMORE
LANÇAMENTO
CALÇA DE MOLETON (CL)
NEW ROCK
PREÇOS
AS CALÇAS DE MOLETON ESTÃO DISPONÍVEIS NAS CORES BR E PR. TAMANHOS M E G. E NAS SEGUINTES REFERÊNCIAS
REF CL1 METALICA
REF CL2 GUNS N' ROSES
REF CL3 FAITH NO MORE
REF CL4 IRON MAIDEN

Como comprar: Sedex a cobrar (entrega urgente)
- Envie o cupom ao lado corretamente preenchido para NEW ROCK. Rua Capote Valente, 242 CEP 05409 São Paulo SP
- Junto do seu pedido, deve ser enviado um "cheque nominal à NEW ROCK no valor de Cr$ 1.500,00 (preço médio das despesas de Sedex). Esse valor varia de acordo com o peso, localidade e valor de compra.
- O Correio mandará um aviso de chegada entre 8 e 15 dias, após o envio de sua carta.
- Você tem o prazo de 7 dias corridos para retirar a encomenda no Correio, após receber este aviso.
- A encomenda só é paga no ser retirada no Correio.

SÓ ATENDEMOS

Total da Compra Cr$
Nome
End
Nº
CEP
Fone
Cidade
Est
RG
Assinatura

TAMANHOS P M E G

JUKEBOX

BOBBY VEE

O rock'n'roll não morreu naquela manhã de 3 de fevereiro de 59. Já tinha morrido quando Buddy H[illegible] separar-se dos [illegible] de Bobby [illegible] música de P[illegible] Anka [illegible] pelas cordas de Dick Jacobs.

[B]obby Vee ocupou o [espaço] que Holly deixou vago e [illegible] que [illegible] não teve chance de [illegible] adulada [illegible]

Invertendo esse conceito, não fosse Holly, Bobby Vee jamais existiria. Seu grupo amador The Shadows foi um dos que preencheram as ausências de Holly, Richie Valens e Big Bopper [illegible] Dakota do Norte, um dia depois do acidente que [illegible] daquela manhã de fevereiro.

A partir daí [illegible] em toda a carreira de Vee que — depois de gravar "Suzie Baby" pelo selo Soma [illegible] contratado por Snuff Garrett da Liberty. Três [illegible] depois [illegible] sua série de hits em [illegible] outros, "Devil Or Angel", "Rubber Ball", "More Than I Can Say", "How Many Tears", "Run To Him" e "Walking With My Angel". O primeiro LP foi gravado no Texas no estúdio de Norman Petty, produtor de Holly, mas ele, talvez ressentido e enciumado, sabotou a gravação e Garret teve de regravar tudo em Nova York.

Com o sucesso, os singles e LPs de Vee passaram a ser editados [illegible]. Pagando tributo à sua devoção a Holly, Bobby juntou-se aos Crickets para editar, em 62, o espetacular *Bobby Vee Meets The Crickets* — de longe sua melhor performance registrada em disco. Em 63 repetiria a feliz idéia com *Bobby Vee Meets The Ventures* [illegible] uma idéia do que seriam os Ventures se contassem com um crooner. Vee [illegible] desdobra [illegible] rado pelo som da melhor banda [illegible].

No ano seguinte viria sua [illegible] homenagem ao artista que [illegible] o LP *I Remember Buddy Holly* [illegible] repertório de Holly [illegible] canção escrita pela mãe de Buddy especialmente para Vee, "Buddy's Song".

Constantes temporadas pela Europa deram a ele a certeza de que um novo [illegible] de rock se espalhava pelo mundo. Vee antecipou-se editando em 64 nos EUA o álbum *The Vee Meets (?) England*, um esforço [illegible] para se modernizar. Nos anos seguintes fez o que pôde para não ser esquecido, até gravar com seu nome verdadeiro — Robert Thomas Velline [illegible] dos anos [illegible] mente [illegible].

No início dos 60, no auge do sucesso, Bobby apareceu [illegible] em três [illegible] musicais ingleses *[illegible] Along*, *[illegible] Dad* e *Play It Cool*. Em 67, nos EUA, atuou como ator ao lado de Jackie DeShannon, no filme *C'mon Let's Live A Little*.

Bobby Vee não pode ser classificado entre os *college boys* do rock de sua época. Tinha estilo, criatividade e provou amar o rock'n'roll. Merece muito mais credibilidade e respeito do que tem.

RENÉ FERRI

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Bobby Vee Meets The Crickets **(Liberty, EUA, 62)**
Bobby Vee Meets The Ventures **(Liberty, EUA, 63)**
The Singles Album **(UA, GB, 80)**

No Brasil, apenas um LP foi editado: *Hits Of The Rockin' 50's*, em 62, pela RCA.

CONEXÃO BRASIL

RIO DE JANEIRO

Das entranhas do Barão Vermelho surgem duas novas bandas: **Cruela Cruel**, com o guitarrista Fernando Magalhães (que não abandonou Frejat & Cia.), e **Telefone-Gol**, novo endereço musical do baixista Dé.

A esta altura, acompanhado pelo ex-Ultraje Serginho Serra (ex-Nani guitarra e Cadu (bateria). Dé já deve estar começando os preparativos para gravar o primeiro LP.

O impacto da sua primeira apresentação no Teatro Ipanema (RJ), foi imediato: o Telefone-Gol toca forte, com guitarras pesadinhas, baixo funkeado e pancadaria técnica nas peles e nos pratos.

Para as letras, o grupo faz questão de escolher bem os parceiros: Fausto Fawcett, Cazuza, Sérgio Britto etc. Nas criações exclusivamente internas, Serginho se sai bem, com um estilo despretensioso.

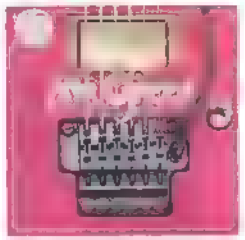
Surpreendentemente, ele, Dé e até Nani se saem bem nos vocais, arriscando até arranjos mais criativos. Não é difícil prever: o Telefone-Gol chegou para ficar.

No caso do Cruela, que tocou na mesma noite, o futuro é incerto. A banda — formada por Fernando Magalhães (guitarra), Luiz Henrique Romanholi (baixo, ex-Picassos Falsos), Cesar (vocais, ex-Finis Africae) e Pedro Serra (bateria) — pode até estar extinta quando estas linhas forem publicadas. Era o que se podia depreender do clima que sucedeu a apresentação, considerada por eles "precipitada".

A verdade é que o som (que lembra o Jam) não deixou a desejar, mas a performance de Cesar — afetada e blasé — desandou a receita. Ainda assim, o Cruela tem chances de ir em frente, se conseguir driblar o desagradável status de segundo emprego de Fernando.

PEDRO SÓ

DISCOS



Mais uma vez, invadimos a seção aí do lado para comentar alguns lançamentos independentes.

Entre todos os LPs que chegaram para o *Conexão* nos últimos tempos, dois merecem um destaque maior. O **Mr. Green**, de Santos, mostra em seu álbum de estréia que aprendeu as lições dos virtuosos da guitarra Joe Satriani e Steve Vai. Para quem gosta, um prato cheio. Contatos: (0132) 35-9150.

A outra novidade vem de Florianópolis, terra adotada pelo gaúcho **Orosko**. Pelo menos duas faixas de seu primeiro disco, *Urubus Em Ascensão* — "Perversos" e "Urubu Ilhéu" —, combinam irreverência e frisson com boa dose de originalidade. A verificar. Contatos: (0482) 24-0.59.

De resto, temos o pop "Roupa Nova" do mineiro **Beijo de Lingua**, possíveis sucessores para o Capital Inicial (**Invasão Basica**, de Curitiba) e Barão (**Gentinho Lima**, mais um das Gerais).

MARISA ADAN GIL

★ *Wilde Side* é o nome do fanzine que pretende passar informações para o "povo bundo" de Maringá (PR). Bem-humorado, sacana e anárquico. Colaborações, demos e pedidos para Andhye Icre, Rua Luis Messias Simino, 88, CEP 87040, Maringá, PR.

★ Os metaleiros podem correr atrás de mais um bom zine: é o *Munchenet*, de Americana (SP). E também um ótimo veículo para bandas iniciantes, que podem ter seu trabalho divulgado por uma FM local, associado ao fanzine. Contatos: Rua José Verissimo, 590, CEP 13470, Americana, SP.

★ Uma preocupação excessiva com o "ângulo político-social" quase tira o prazer de ler *Ecos Do Nada* — um fanzine que pode crescer muito. E aí, Belém, vamos melhorar esse humor? O endereço para contato é Travessa Lomas Valentinas, 1839, CEP 66240, Belém, PA.

GUNS N' ROSES - USE YOUR ILLUSION I

GUNS N' ROSES - USE YOUR ILLUSION II

NAS LOJAS EM SETEMBRO

INCLUINDO YOU COULD BE MINE
DO FILME EXTERMINADOR DO FUTURO II

DOIS ÁLBUNS DUPLOS • TAMBÉM EM CD E K7

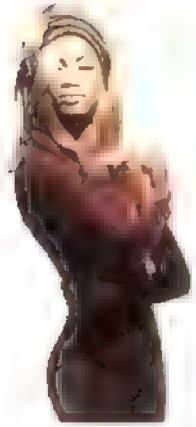
RESERVE JÁ OS SEUS

GEFFEN

DANCE MUSIC

VOCÊ CONHECE A MINHA VOZ...

DIVAS VOCAIS



Independe de ser italo house soul garage house seja o que for. Estamos observando na dance de 93 um forte retorno das imponentes vozes femininas, além de melodia, muita melodia. Se não a música inteira, pelo menos o refrão tem uma máquina pulmonar dando — ou melhor, berrando — seu recado. Divas, vamos a elas.

MARTHA WASH Eminencia parda vocal da dance music. Ex-backing de Sylvester, ex-Weather Girls, cantou em hits do C + C Music Factory e Seduction e em todo o LP *Dreamland* do Black Box. Era fotogênica mas, com exceção do C + C, não ganhou crédito. Talvez tenha sido combinado, talvez não. De qualquer forma, quando vai todo mundo fazendo sucesso, foi reclamar na Justiça uma fatia maior do bolo. Seu mais novo processo é contra os austríacos do Bingo Boys que no hit "How To Dance" sampleiam sua voz.

ZELMA DAVIS Grandes curvas nos videos do C + C Music Factory e belos trinados nos hits, ao lado do rap de Freedom Williams e do reforço de Martha Wash.

CRYSTAL WATERS O hit mundial "Gypsy Woman", aquele do "la ra ri la ri ra", pode ter dado no saco, mas esta técnica de computação de Washington oferece muito mais no seu primeiro álbum, *Surprise*. A produção é de uma dupla de Baltimore com o toque de Midas, os Basement Boys.

ULTRA NATE Uma das primeiras divas lançadas pelos Basement Boys, ainda em 89. Toda mirradinha mas com um respeitável fole vocal. Alguns hits cult, "It's Over Now" e "Is It Love?". Também outra produção dos Basement Boys. Those Guys, merece uma conferida. Seu hit "Tonite" é cantado por **Eleanor Mills**.

KYM MAZELLE Uma das musas originais da deep house de Chicago, lançada pelo semideus da house Marshall Jefferson. Cantou em "Missing You", do Soul II Soul. Seu novo LP se chama *Brilliant*, uma coleção de remixes de seu primeiro *Crazy*, mais três inéditas.

SHARON DEE CLARKE "I wanna give you devotion, yeahhhhh". Ela mesma, a vocalista do Nomad, com seu porte formidável e seis quilos de maquiagem. Ela também cantou no hit italo "Going Back To My Roots", do FPI Project.

JOCELYN BROWN Uma veterana, fez backing para Deus e o mundo na época da disco. Teve um hit solo em 82 com "Somebody Else's Guy". Depois que foi sampleada pelo Snap!, em "The Power", foi morar em Londres, onde é uma figura cult. Ressurge agora participando do hit "Always There", dos jazzfunkers do Incognito.

VICTORIA WILSON-JAMES Em "A Dream's A Dream" do Soul II Soul. Vamos mandar conhecer esse maquina de soul e gospel. Nascida em Indianápolis, EUA, Victoria teve seu primeiro disco solo, *Perseverance*, produzido por Jazzie B. Adivinhe como soa.

CARON WHEELER Outra surgida na comunidade SBS (cantou nos hits "Back To Life" e "Keep On Movin'"), o que saiu brigada com Jazzie B. Seu afrocêntrico álbum solo, *UK Blak*, teve um pequeno exército de produtores para sua conjura soul-funk-reggae.

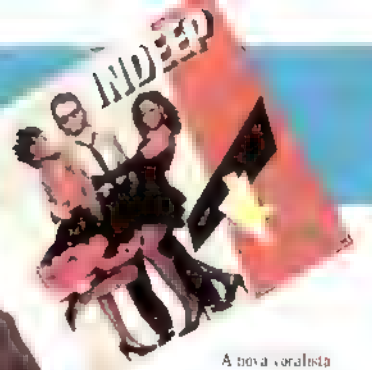
GEE MORRIS A impressionante vocalista da congregação ambient soul-house Innocence.

SHARA NELSON Participa de várias faixas do LP *Blue Lines*, do Massive Attack.

SHARON MUSGRAVE Cantora do Bass-O-Matic, o grupo do DJ e produtor William Orbit.

PARIS GREY A sorridente companheira de Kevin Saunderson no Inner City.

ADEVA A mais famosa das vocalistas da cena garage house de Nova Jersey, EUA.



O NOVO TECHNO TRONIC

A nova vocalista Reggie Magloire, porém já é velha de guerra. Em 81 já cantava no trio dance nova iorquino Indeep. Na capa do disco ela é a moça da direita.

ESPECIAL

As duas — com todo respeito da dance music nacional estão entre nós de novo. As Freneticas formação original — vem com um LP novo, *Boom Das Freneticas*, gravado em julho. Serão remixes de seus clássicos mais duas inéditas ainda sem nome. O remixador será Ed Motta, aquele que declarou profundo ódio por dance music moderna, samplers, remixes e Deee-Lite. Já que seus discos inocuos não o credenciam totalmente para o trabalho, esta coluna pressente um grave equívoco em andamento.

PARADAS

EUA 27/7 Billboard
"Let The Beat Hit'Em" LISA LISA & CULT JAM (Columbia)
"3 AM Eternal" K.F (Arista)
"Deep In My Heart" CeeBHOUSE (Atlantic)
"This Beat Is Hot" BG THE PRINCE OF RAP (Epic)
"Throw You Down" THELMA HOUSTON (Reprise)

INGLATERRA 27/7 Mixmag
"Got A Love For You" JOMANDA (Giant)
"7 Ways To Love" COLA BOY (Arista)
"Night In Motion" CUBIK 22 (XL)
"Optimistic" SOUNDS OF BLACKNESS (A&M)
"Shelter Me" C RCUIT (Cooltempo)

PAUL OAKENFOLD (DJ e produtor; varias casas em Londres)
"I'll Be Your Friend" ROBERT OWENS (selo branco)
"Don't Let It Show" ADEVA (selo branco)
"Take Me Away" MASS ORDER (Columbia)
"A Rollerskating Jam..." DE LA SOUL (Big Life)
"There Is So Much" DEE DEE BRAVE (Champion)

mais PISTAS

"Don't Go Messin' With My Heart" **Mantronix** Curtis Mantronik continua se saindo OK na sua nova trilha dance-soul ▲

"Everybody" **Cappella** *Mais* um "Everybody". Eficiente italo house cheio de metais, em cima de um sample do Earth Wind & Fire que da nome à faixa.

"The Robots" **Kraftwerk** O primeiro single da espantosa coleção de remixes *The Mix*. Cósmas estratosféricos e um flerte com o new beat.

"Feel It" **Adonis** Quem será o italiano Adonis? E quem se importa? O que conta é a sofisticação pop e o baixo que passa raspando nos chifres de Satã.

"Tonite" **Those Guys** Mais Basement Boys para você: soul-disco-house a todo vapor e vocais que dão um tilt no equalizador.

"Just An Illusion" **Imagination** Era 1982 e um particularíssimo falsete e sua robusta base disco-funk resultaram numa das músicas do ano. Redescubra já. E conheça ainda a fonte de um dos samples de "The Roof Is On Fire" do Westbam ▼

"Holiday" **Madonna** Eu odeio me repetir, mas certas coisas são inevitáveis: isso é DEMAAAAAIS! Até o piso da pista se descola e sai pulando.

GUNS N'ROSES/SKID ROW

Great Western Forum (L.A.)

Talvez tenha sido a visão de Axl Rose vestindo kilt escocês, colete à prova de balas e botinas enquanto faz a Dança da Lagartixa Escorregando no Ladrilho. Talvez o motivo fosse a locomotiva estacionaria pilotada pelo novo baterista, Matt Sorum. Não, talvez a razão para tanta surpresa — susto? — seja a banda estar tocando "Mr Brownstone" — uma diatribe anti-herói — logo nos primeiros dez minutos de show e sem o amargor que a canção evocava no passado.

Esse não pode ser o mesmo Guns N'Roses que em 89 abriu para os Rolling Stones em Los Angeles, fazendo um show carente de rock mas transbordando de chutiquel. Axl está feliz e sorrindo"! Slash está tocando fraseados coerentes com começo, meio e fim"!

Aparentemente indiferente aos encantos de Mme. H., a versão anos 90 do GN'R é uma máquina bem azeitada, um atleta rock que treinou muito bem, fez todas as dietas especiais e tomou todas as vitaminas necessárias antes de voltar ao ringue com toda a moral. Compreende-se melhor assim, os dizeres de uma das camisetas oficiais da turnê: "Cai dentro, filho da puta".

Logicamente pinta o estripulique ocasional, como quando Axl interrompeu o show em Saint Louis para exigir a retirada do recinto de um fã que o filmava com uma câmera de vídeo. O fulano não arredou o pé, Mr. Rose deixou o palco, e o público pagante, injuriado, revidou destruindo parte do ginásio! Mas ninguém é de ferro, concorda? E, como gosta de acreditar o crítico sênior de rock (uma contradição de termos) do jornal *Los Angeles Times*, o barato de assistir a um show do Guns N'Roses é a impossibilidade de se prever o estado de espírito e o humor de Axl naquela determinada noite. Ou seja, faz parte do show dele.

Mas seria simples demais atribuir o sucesso do segundo show no Great Western Forum de uma série de cinco na área de Los Angeles ao bom humor de Axl Rose. Por mais que ele seja o comandante, dando tapinhas nas costas dos músicos para demonstrar sua aprovação, um artilheiro sozinho não faz o time. E o repertório do eternamente adiado *Use Your Illusion* — pelo menos o que a banda mostra no show — indica uma visão mais ampla e aguçada das possibilidades do hard rock.

Ao traduzir para um outro idioma musical *Live And Let Die*, de Paul McCartney (elogiadíssimo, em cena aberta, por Axl Rose), o GN'R injetou perigo, violência (um dos principais ingredientes da receita musical da banda) e tensão numa canção que antes era apenas bombástica. Em seu novo e furioso arranjo, parece composta pela banda, ou no mínimo para ela. Outra grande sacada é o uso do tema do filme *O Poderoso Chefão* para introduzir "Sweet Child O' Mine". Entra as canções novas e verdadeiramente "safra GN'R", descobrem-se vestígios de complacência — como os dez minutos de "Estranged", um tema lento conduzido por Rose no piano.

Insuficiente, porém, para ofuscar "Dust And Bones" (com traços de blues e cantada por Izzy Stradlin, uma espécie de contraponto às intervenções vocais de Keith Richards nos shows dos Stones), "Pretty Tied Up" e "Bad Obsession". Num outro rasgo de empréstimo, Slash adicionou à abertura de "Voodoo Chile" a "Civil War". Com alguns meses de estrada nas costas — afinal, Los Angeles era já o meio da turnê —, as músicas novas ganharam corpo sólido.

As músicas mais manjadas, os protocolares cavalos de batalha, não cheiravam a mofo, o que é mais do que recomendável: pelo contrário, as surradíssimas "Welcome To The Jungle", "Paradise City" e até mesmo "Patience" surgiram tinindo, sem o ranço depré dos shows de 89.

Ao sobreviver a si mesmo, o Guns N'Roses Anos 90 dá vontade de saber o que reserva o futuro.

Quanto à banda de suporte, o Skid Row seria uma injustiça chamá-la de mero aquecimento para os Gunners.

Sebastian Bach e seus asseclas tem público próprio e mesmo os fãs do GN'R sucumbiram fácil ao fascínio do rock hormônico (assim mesmo, revisor, está-se falando de hormônios aqui do SR. Mais maduro — agora Sebastian joga copos de papel na platéia, não mais garrafas — e melhor entrosado do que nas turnês passadas, ao vivo o Skid Row é uma das experiências sonoras mais atordoantes que se possa imaginar. Em se tratando de hard rock, o efeito vale ouro.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

Fotos: Mariano Castro Arte

RATOS DE PORÃO/VOLKANA

Circo Voador (Rio)

"O Rio de Janeiro é o melhor publico do Ratos de Porão. Vocês são foda!" Quando João Gordo gritou isso no meio do show, não estava brincando. Os cariocas têm adoração pelos Ratos.

Por isso, os dois shows que a banda deu no Circo Voador atraíram um publico de quase duas mil pessoas, mesmo com a chuva castigando. Publico fiel e animado, onde se misturavam bangers, punks e alguns surfistas.

O pessoal estava sedento por um hardcore de primeira. Desde setembro do ano passado, quando os próprios Ratos dividiram o palco com a Dorsal Atlântica, nenhum pedal de distorção era ligado no palco do Circo. Foram dez meses de Flávio Venturini, muito reggae e Celso Blues Boy semana sim, semana não. Ninguém agüentava mais.

Show marcado, Circo cheio, Dead Kennedys e Ministry no telão. Clima perfeito para uma pancadaria. Duas horas depois do horário previsto, o Volkana subiu ao palco. A receptividade do publico foi surpreendente. Ao vivo, as meninas são muito melhores que em vinil. "Pet Sematary", tocado em uma velocidade absurda e cantado em coro por toda a platéia, foi de arrepiar. Volkana esquentou a panela de pressão, que iria explodir quando os Ratos subissem no palco.

So para variar, o show de João Jabá, Jão e o novo baterista, Mauricio, foi um massacre. Musicas do novo disco, como "Ascensão E Queda" e "Igreja Universal", já eram conhecidas do público. Mas a grande atração mesmo são as músicas de *Brasil*, o melhor disco já lançado no país homônimo... "Traidor", "Beber Até Morrer" e "Amazonia Nunca Mais" (a única música "ecologica" que não é babaca) provocaram ebulição no publico. Impossibilitados de fazer o *stage diving* por uma barreira de segurança sentada no palco, o jeito foi agitar no mosh ao nível do mar. Foi lindo.

Os Ratos aproveitaram seu aniversário de dez anos para presentear o publico com pérolas da época do *Grito Suburbano*, como "Não Não" e "Guerrear", cantadas pelo guitarrista Jão. As covers de "Work For Never", do Extreme Noise Terror, e "Commando", dos Ramones, detonaram.

A única nota destoante nesses shows foi a atitude de alguns malucos que teimavam em chamar os Ratos de "traidores" e cuspir no vocalista João Gordo. Nao dá para acreditar. Com tanta banda de cover por aí merecendo umas cusparadas, detonar logo a mais honesta, pesada e anticomercial banda do país? A galera está cuspindo no prato em que comeu. No dia em que só restarem grupos de engenheiros havaianos no mundo, esses caras vão chorar.

ANDRÉ BARCINSKI

Foto: Divulgação

PIXIES

Brixton Academy (Londres)

Esquisitice não dura para sempre. Para começar, tem aqueles picaretas prontos para pularem no trem da estranheza.

Alem disso, as coisas vão mudando e o que era esquisito para o ouvinte na segunda já é carne de vaca no sabado. O que estou tentando dizer é: os Pixies perderam seu charme. Ou quase.

Parece haver, no mínimo, umas quatro mil pessoas no Brixton Academy que não concordariam comigo. Quando Charles, Kim, Joey e Dave aparecem, entre colunas de luz, é direto para "Rock Music" e "Debaser". Logo de cara, uma coisa fica clara: qualquer música das obras-primas *Come On Pilgrim*, *Surfer Rosa* ou *Doolittle* será bem-vinda e necessaria. Qualquer faixa do LP *Bossanova*, do ano passado — como "Velouria" e "Allison" —, será apenas para matar o tempo.

Em alguns números aparece um guitarrista extra — o irmão de Joey Santiago — para dar ao som mais recheio, e a tática funciona. Mas quem acreditou nas entrevistas com a banda dizendo que o próximo disco vai ser puro heavy metal, pode esquecer. O novo single "Planet Of Sound" é cheio de redemoinhos de guitarras pesadas, mas a linguagem é outra.

Ao som de "River Euphrates", "Gouge Away" ou "Bone Machine", o show reluz. Talvez seja pura nostalgia — sabe como é, aquele verão de 89, ouvindo "Here Comes Your Man" sem parar —, mas as vozes atormentadas faziam mais sentido antes de Charles se apaixonar por OVNIs, quando a surfista se chamava Rosa e não Sal v Ann.

Alguém uma vez disse que só há duas coisas que podem ser ditas sobre musica: gosto ou não gosto. Para os Pixies, escolho as duas.

ANAMARIA G. DE LEMOS

SEPULTURA

Hammersmith Odeon (Londres)

É o Fim do mundo, com F maiusculo. E a trilha sonora está perfeita. Uma só olhada para a multidão que lota este ex-cinema e se vê que estes são os mais puros fãs de metal: garotos de cabelos curtos, tão jovens que obedecem as ordens paternas de cortar o cabelo. Ao mesmo tempo vejo adultos, vejo negros, vejo o começo de uma platéia mais misturada e saudável.

Conheço gente que detesta thrash e no entanto ficou até o último segundo deste show. Por quê? Intensidade.

"Tocar naquele lugar é estranho", Max declara no dia seguinte, mas no palco o Sepultura está mais firme que nunca, sem erros, sem hesitações. "Inner Self" e "Mass Hipnosis" já viraram clássicos, mas a garotada também vibra com as novas, "Murder", "Arise" etc.

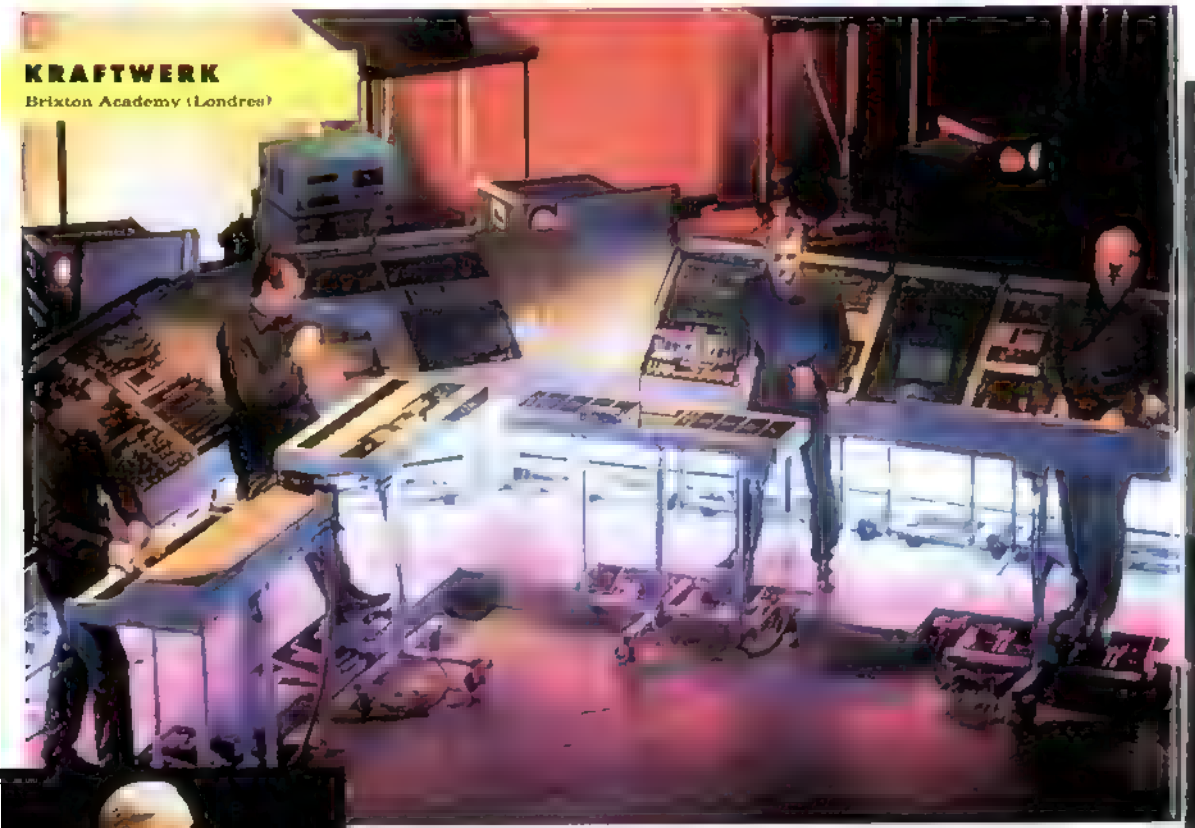
Quem ouve thrash e pensa no assunto talvez tenha percebido algo na diferença que o género vem tomando. Anthrax com Chuck D, do Public Enemy? Metallica produzido por Bob Rock (que já trabalhou com Motley Crue, Cult etc.)? A cara e o coração do metal estão mudando. Bandas como Faith No More, Suicidal Tendencies, Primus etc. (a lista é enorme e variada) mostraram que há um mundo irresistível a ser explorado. A rigidez dos ritmos e das guitarras de gente como Slayer está destinada a mudar ou morrer.

O que isso tem a ver com o Sepultura? Tudo, porque a bateria está mais solta, os ritmos mais tribais. Já dá para bater a cabeça de outro jeito.

O Sepultura ao vivo é o acompanhamento musical para o Juízo Final. Agora, armados com sua juventude e uma competência crescente, o futuro parece brilhante. Próxima parada: Wembley?

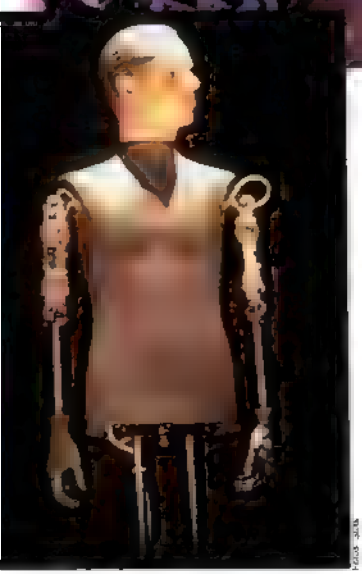
A. G. L.

Ao vivo



KRAFTWERK

Brixton Academy (Londres)



Ainda não bebi nada mas juro que estou vendo quatro agentes Cooper no palco, vestidos de preto, com os cabelos penteados para trás. Mas o que eles estão fazendo neste cenário de *Jornada Nas Estrelas*?

Ralf Hutter, Florian Schneider e dois novos membros (Wolfgang Flur e Karl Bartos saíram para formar uma nova banda, o Elektrik) quase que se escondem atrás de todo o equipamento modernissimo trazido direto do estúdio Kling Klang. É o primeiro show do Kraftwerk em dez anos.

Aqui embaixo circulam membros de todas as bandas eletrônicas, até Vince Clarke, do Erasure, parece se emocionar quando o show começa com "Nummern". Como o palco, a música é minimalista, metálica, imaculada. Este é o show perfeito: não há material novo (desde 86) e, como o recém-lançado LP *The Mix* (leia crítica em Discos) esta noite pertence ao passado. Neste caso, o passado é o futuro.

"Quando ouvi 'Trans Europe Express' pela primeira vez, minha cabeça implodiu." Human League? David Bowie? Cabaret Voltaire? Não, Afrika Bambaataa, o homem que em 82 usou esta faixa para criar — com Arthur Baker — "Planet Rock", o primeiro eletrofunk da história. A importância do Kraftwerk é profunda e abrangente.

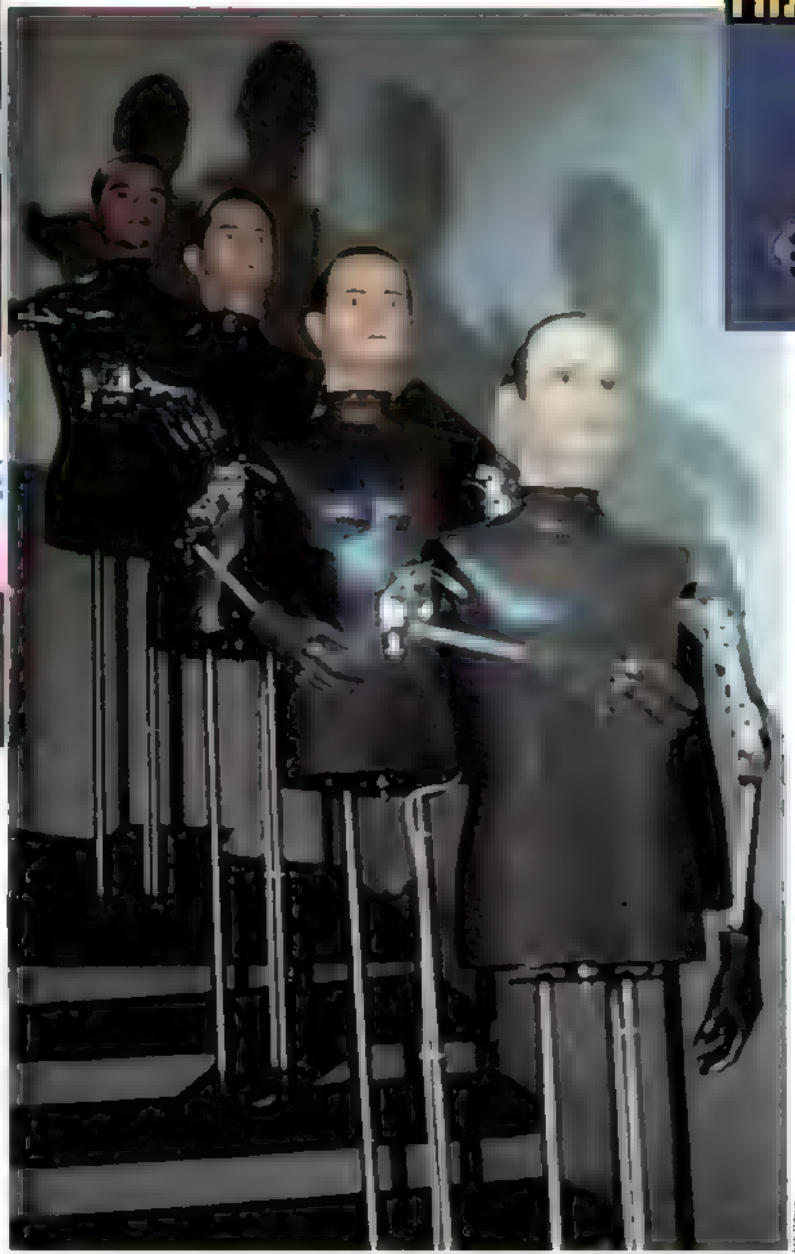
Ao som de "Home Computer" já estamos dançando. "Computer Love" é engraçada e triste ao mesmo tempo; a voz de Ralf Hutter, elegante apesar (ou por causa) do sotaque alemão. "The Model" e "Autobahn" ganham no teste de popularidade. "Tour De France" e "Trans Europe Express" são ep cas.

O melhor fica para o final. As cortinas se abrem. No palco não há sinal de vida humana — só criaturas metálicas, dançando um balé sincronizado.

Tecnologia? Sim, obrigado. Eles no palco é que sabem: esta é a verdadeira World Music.

ANAMARIA G. DE LEMOS

Discos



THE MIX
KRAFTWERK

(EMI/ODEON)

Antes que algum aventureiro metesse a mão, os próprios *herr* Hutter e *herr* Schneider escapuliram da mania do remix detonada por sua incontável legião de discípulos e "atualizaram" um punhado de suas obras-primas.

O verbo não é esse. Como, e para quê, "atualizar" a Beleza Eterna? Talvez só quisessem, depois de um silêncio de seis anos, esfregar sua perfeição nas fuças alheias. "Remixagem" também não é o caso. *The Mix* pega pesado em samplers e vocoders para uma recriação drástica, ligeiramente housificada, das faixas escolhidas. No processo, "Autobahn", por exemplo, acaba cortada em mais da metade, enquanto "Radioactivity" é estendida até o dobro da sua duração original.

Um dos milagres do Kraftwerk era soar como seqüenciadores, anos antes da invenção dos seqüenciadores. O outro milagre está no apaixonado coração das máquinas, convive com o rigor geométrico na articulação sonora, pura e limpa ao absurdo, o deslumbramento de uma criança descobrindo um brinquedo novo. Quem ainda confunde música eletrônica com rigidez, escravidão tecnológica e falta de emoção nunca ouviu o Kraftwerk. Se ouviu, merece um tapa na orelha.

Com a introdução de "Trans Europe Express" (um dos momentos de magia concentrada, recriada à altura), fica óbvio que esta dupla só poderia ter vindo da terra de Bach, Beethoven, Wagner e Stockhausen. Em linha direta, sem escalas.

JOSE AUGUSTO LEMOS

SLAVE TO THE GRIND — Skid Row
(Atlantic/Warner) ⌨ ○

No ano passado o Skid Row era um dos muitos grupelhos de meta pop que ofereciam ao público feminino adolescente doses regulares de fantasia sexual — muito torso nu, muita cara de mau, muita calça apertada. E ganhava fama através da regulamentar *power ballad* ("18 And Life") enquanto, no fundo, se via como um portento do rock pesado buscando um rosto musical seu.

O que conseguiam era soar desesperadamente derivativos de antecessores como Motley Crue e até Aerosmith, ficando no meio do caminho, entre uma banda de apelo popular e uma ovelha-negra que fez sucesso", como o Guns N'Roses no começo. Tanta esquizofrenia dota. Com uma carreira agora só da graças, a, as a excursões abrindo para os mentores acima citados — o Skid Row versão 91 pode se propor a lançar *Slave To The Grind*. Um album pesado, brutal e nervoso, um disco ocasionalmente sombrio que começa e termina falando em heroína e destruição.

Parte da identidade da banda deve-se aos guitarristas Skabe Sabo e Scott Hull, dupla entrosadíssima num universo de estrelas solitárias. E os levaram o Skid Row para a garagem, e de lá disparam saraivadas de riffs originais. "Monkey Business", "Slave To the Grind", "Psycho Love" em quantidade e qualidade suficientes para elevá-los ao pódio dos *guitar heroes*.

Por outro lado, parte do problema do grupo está nas letras e em seu porta-voz Sebastian Bach. "One In A Million", a faixa controversa do GN'R que ganhou fama por seu conteúdo misógino e homofóbico, ganhou duas primas. "Get The Fuck Out", uma brincadeira alerta a banda sobre uma ficha chata de quem um roadie quer se livrar depois de ter recebido a chupadinha protocolar e "Creep" show, fantasiosa na verdade, mas com um verso dizendo que tudo que a linguaruda merece é porrada. Apesar de o senso de humor da banda ser bem-vindo, sem dúvida haverá gente que levará a sério.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

LIVE AT THE BRIXTON ACADEMY
Faith No More
(Slash/PolyGram) ⌨ ○

Se você é daqueles que já estão de saco cheio de ouvir as rádios martelarem a voz ranhenta de Mike Patton cantando "Epic" e "Falling To Pieces", este disco ao vivo traz boas e más notícias. As más são justamente a inclusão dessas pragas no repertório. O que há de bom é que você vai perceber que mesmo essas músicas — bem como todas as outras — ganharam força e peso na interpretação, tornando-se mais do que suportáveis.

E o resto é coisa fina. Tem a versão de "War Pigs", do Black Sabbath, "We Care A Lot" (da formação antiga, e que é a nova candidata às paródias), e uma "The Real Thing" caprichada.

C.E.M.

SEX PACKETS
Digital Underground
(Tommy Boy/Stiletto) ⌨ ○

Provavelmente você já conhece esse rappers de São Francisco de dois vídeos: o órgão sem limite de "Doowutchyalike" e o show enlouquecido de "The Humpty Dance". Este disco, lançado nos EUA em abril de 90, tem esses hits e mais uma botelada de sandices do gênero. O fato de Humpty Hump rapear como se estivesse com um pregador de roupas no nariz já é hilariante por si só; melhor ainda se você entender os historinhas das letras: fascinantes bananas envolvendo festas que acabam na piscina, drogas que a gente nunca ouviu falar, mulheres que topam tudo e por aí vai. A trilha sonora é apropriadíssima. P-Funk (ou seria P-hip hop?) *bodybuilder* de honrar George Clinton e Bootsy Collins com engavetamento de samples em cada esquina. Tipóias rítmicas de mandar internar. Tenho uma proposta séria: que tal trocar cada três conjuntos de rap carroncudos mil-tolados por um com a postura do Digital Underground? *C.R.*

DE LA SOUL IS DEAD
(Tommy Boy/Stiletto) ⌨ ○

Por que morto? Porque a tia margonda achou que o De La Soul como a conhecíamos, com seu paz e amor, escracho geral, piadinhas, foi mal interpretado. E portanto precisava reciclar-se, reformular suas idéias. Então eles viraram adultos, para serem vistos "como sérios". Quem andou botando essas bobagens nas cabeças dos rapazes? Para que mudar, para lançar um disco que qualquer Boogie Down Productions lançaria? Vinhetinhas cabeça, rigidez adulta, mensagens a rodo — e a música cai para segundo plano. No fim das contas, há três ou quatro faixas legais (o prêmio de melhor sample vai para os trechos de "Grease", de Frankie Valli). De La Soul não morreu, mas está debilitado. *C.R.*

THE BEAST INSIDE
Inspiral Carpets
(Mute/Warner) ⌨

Ninguém acreditava que os Carpets sobrevivessem ao *hype* de Manchester. Um quarteto de feiosos que transformou mugidos de vaca em grito de guerra não podia ser levado a sério. Mas eles fizeram um ótimo segundo álbum, com faixas mais Doors que o filme do Oliver Stone e baixo pulsante totalmente 90.

O mesmo órgão fortista que matriza Ray Manzorek também é fã de Strawberry Alarm Clock e Electric Prunes, sem perder de vista a dança-com-atitude *indie*. Faixas como "Caravan" e "Mermeids" são hits instantâneos. Os Carpets conseguem o impossível: reunir psicodelia e rock progressivo sobre uma pista de dança. *M.P.*

FETICHE — Claudio Zoli
(Philips/PolyGram) ⌨ ○

Zoli é um *soulboy* convincente. Sacudido nas guitarras e descolado nos vocais, é um digno herdeiro das mumunhas de Tim e Cassiano. Pena que seus discos raramente atinjam um patamar condizente, comprometidos por coisinhas como a produção linear (aqui dele mesmo e de Claudio Fonseca) ou as letras bestas de Bernardo Vilhena. Mas vez por outra ele mostra o que veio, como no ótimo parceria com Antonio Cicero, "A Francesa". Já conhecido na voz de Marina, ressurge melhorada, dividida em graça e *charm* com Fernandinha Abreu. *A.A.*

SPELLBOUND
Paula Abdul
(Virgin/EMI-Odeon) ⌨ ○

Paulinha desenterrou uma preciosidade cult da América, a banda soul-funk Family Stand, para produzir e compor oito das onze faixas deste álbum. Ela é meio qualquer voz, mas o trato dos músicos rendeu uma serie de faixas inspiradas, como as baladas "Rush, Rush" e "Will You Marry Me?", o house-rock de (dóóóá) "Rock House" e o funk Prince de "Vibeology". Mas é uma contribuição do próprio Prince, "U", que é o topo aqui. Os gemidos de Paula são tão realistas que... *aarrrffff!!!* Com poucos deslizes, o disco é — pode acreditar! — um tiro pop a centímetros do alvo. *C.R.*

ELECTRONIC
(Parlophone/Warner) ⌨

Fãs de Johnny e Barney, controlem-se! Infelizmente, este *não* é o disco do decado, como andaram conclamando alguns dos meus colegas ingleses.

Basta uma audição de *Electronic* para perceber qual é o principal problema: é tudo muito simpático, bem-feito, agradável de ouvir — e chato. Entre amostras de um virtual New Order pós-*Technique* (ainda mais pop/romântico), cenas de Pet Shop Boys explícitas e tentativas de encontrar um novo som, muito pouco sai dos ouvidos. Alguns dos melhores resultados acontecem quando Marr e Sumner se atiram em novas aventuras. "Soviet", uma faixa instrumental épica e arrepiante; "Tighten Up", uma festa de guitarras — de longe, o melhor momento de Johnny no disco — e, claro, "Getting...", a fusão perfeita entre o NO e os PSB.

Esqueça a primeira decepção (inevitável), relaxe e aproveite: este ainda é um disco curtível. *M.A.G.*

JOYRIDE — Roxette
(EMI-Odeon) ⌨ ○

Não se mexe em time que está ganhando. Foi seguindo esta tese à risca que o Roxette gravou este álbum, na esperança de que o público não tivesse se consolado do podrão *Look Sharp* de sucesso. Não, não tinha. E haja saco para ouvir Per Gessle assobiando "Joyride" por meses a fio. Parece que nesta década a Suécia arrumou gente para substituir o Abba. Não nma com baba, mas da quase no mesmo. *L.E.S.*

AS RAW AS EVER — Shabba Ranks
(Epic/Sony) ⌨ ○

Finalmente, a estréia do rei do dancehall reggae no Brasil — se não contarmos a presença de "Just Be Good To Me" na compilação *Nova FM Remixes*.

Mas não se trata de material na linha das gravações radicais por selos independentes, que fez sua fama (como "Just...", citada acima). A Sony, seu novo lar, não teria a pretensão de compensar o contrato milionário do astro apresentando-o "as raw as ever" (cru como nunca), como tenta assegurar o título. Shabba diluiu-se? *Never*, seu ataque está apenas colocado de forma mais acessível a milhares de ouvintes no mundo.

O produtor principal é Bobby Digital, e os Sly & Robbie da nova geração. Steely & Clevie, também contribuem. Outros músicos nos créditos incluem o próprio Sly Dunbar, Danny Browne e Danny "Bassie" Dennis. Há convidados especiais como o rapper militante KRS-1 (produção e rap) e o veterano Maxi Priest. Isto é, um time de respeito, mas nada difícil de encontrar em inúmeras produções do gênero. Por isso a música que acompanha seus raggamuffin não chega a ser extraordinária dentre as milhares de coisas que saem todos os meses dos estúdios da Jamaica. É apenas um festival tecnológico poderoso e variado o bastante para não deixar ninguém sentado.

Mas, então, por que Shabba é tão especial nesse meio tão populoso do pop jamaicano?

Carisma — especialmente com as mulheres, por sua predileção por assuntos libidinosos — e capacidade de despejar um raggamuffin do demônio. Bem ao contrário dos primários "burrrup" e "dibidibidibi", sempre desaguando numa rapsódia previsível, que assolam nossos ouvidos por aí. Shabba Ranks rima inspirado, "inventa" sons e transforma palavras com estilo e solta a fala com uma convicção e urgência de quem parece estar tendo a última oportunidade na vida de se comunicar com o mundo. Sua voz é firme, imponente, sem vacilos.

Só posso terminar fazendo coro: *Shabba Shabba Rei!*

CAMILO ROCHA

⌨ CASSETE ○ COMPACT DISC

SEAL (ZTT/Warner)

Com sua voz tristonha e crua, Seal conquistou o mundo no hit "Killer", de Adamski, em 90. Agora Seal acontece sozinho. O single "Crazy" é tecno-blasé com uma melodia bonitinha. Já o album (como o single, produzido pelo mesmo Trevor Horn do ABC, Frankie Goes To Hollywood etc., ex-Yes) é uma surpresa. Em sua maioria acústico, cheio de guitarrinhas e teradecs! E aí fica chato demais. As poucas faixas com mais sangue correndo não pecam, mas também não vão mudar sua vida. No fim, a nova versão de "Killer" ainda é a melhor coisa aqui: alfaiate novo, mas elegância intacta. *C.R.*

UNREAL WORLD
The Godfathers
(Columbia/Sony)

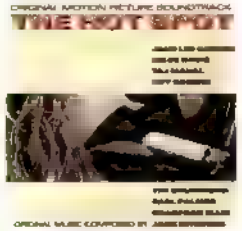
Mesmo com a morte do produtor Vic Maile e da troca do guitarrista Kris Dollimore por Chris Burrows, o quinteto londrino continua a tocar as frustrações do proletariado britânico com guitarras e vocais irritados. Neste quarto álbum eles mantêm o R&B apunkalhado dos discos anteriores. "Something Good About You", "This Is War" e a faixa-título soam as que melhor retratam essa revolta, tão subestimada pelo pop atual. Não é um disco *dance*, mas mostra que as pessoas continuam dançando... *J.J.E.S.*

ECSTASY—Varios (Stiletto)

Altos e baixos neste *display* do underground dance inglês. Os estilos são basicamente entre techno e ambient. LFO é um lindo pedaço de Kraftwerk sideral. Do Blue Pearl (do renomado Youth) temos "Naked In The Rain", só que em versão instrumental, sem a calorosa voz de Durga McBroom. "Kites", do Ultra-Violet, é particular pelo vocal gracioso. Tricky Disco é muito palhaçada para pouco chip. A viagem do Orb para o clássico "Loving You" dura dez minutos e não vai a lugar nenhum. Finalizando, Control E e a AMB são duas amostras de technohouse tão excitantes quanto uma caixa de sugestões da Bob's. *C.R.*

SUGAR TAX — OMD
(Virgin/EMI-Odeon)

The Pacific Age, de 86, comodou com a consagração internacional mas custou a eles sua identidade. A expansão de duo eletrônico para sexteto (sopros e o escambau) acabou com o grupo. Agora Andy McCluskey, a voz mais chorosa (Paul Humphreys está fora), retoma o nome e o bom tecnopop da fase 80-85 sozinho, com direito a um hit ("Sailing On The Seven Seas") e uma homenagem ao Kraftwerk ("Neon Lights"). *A.A.*



THE HOT SPOT — Varios
(Antilles/PolyGram)

Saca aquela vaga melancolia repleta de ilações cósmicas que bate depois de umas três ou quatro horas quando por uma autoestrada ensolarada e poeirenta? Pois alguem ja conseguiu transformar isso em musica. Incumbido pelo ex-easy rider Dennis Hopper de fazer a trilha sonora do filme *The Hot Spot* (insuportavel bomba de pretensões *noir* lançada aqui como *Um Lugar Muito Quente*), Jack Nietzsche, discípulo direto do arranjador-mestre Phil Spector, escreveu as bases para varias sessões de jams que reuniram John Lee Hooker, Miles Davis, Taj Mahal e Roy Rogers. As jams foram editadas, e a isso se deu o nome de trilha sonora. Este disco deve ser consumido acompanhado de uisque barato, agarros a rodo e uma dor de cotovelo monumental. Aviso: não tem letras, só um bando de negões grunhindo "that ain't right" "moanin' for you" e tal. Também nem precisa. *A.F.*

LET IT BE — Laibach
(Mute/Warner)

Por uma dessas coincidências estranhas este disco do quarteto esloveno saiu no Brasil (com um ano de atraso) exatamente quando o pau comia na Iugoslávia. Não existe trilha mais adequada para o que acontece por lá. Laibach mistura nazismo wagneriano, sadomasoquismo, viadagem, satanismo e Beatles... Este *Let It Be* é o *Let It Be* mesmo. Inteiro. Só não tem a faixa-título. E tem gente que ainda leva os caras a sério e se assusta com a violência com que perverteram os clássicos beatlemaníacos.

"I Me Mine" virou uma coisa lenebrosa, "We Got A Feeling" foi macegando a Kiss e Queen, "One After 909" pesou e agora é rockão dos bons, e "Maggie Mae", uma disco *à la* Giorgio Moroder de cara cheia numa chapeira nazista. *C.E.M.*

THE WHITE ROOM — The KLF
(KLF Communications/PolyGram)

Jimmy Cauty e Bill Drummond, o KLF são loucos de atar. Quando você ouvir este troço concordará comigo que não poderia ser concepção de alguem que paga o aluguel em dia. Mas seria este disco uma das miscelâneas mais inovadoras e brilhantes já registradas ou o equivalente sonoro da clássica brincadeira "vamos ver quantos cabem dentro de um fusca"?

Impossível saber. De qualquer forma, o ponto pacífico é este: o disco pode ser ouvido, consumido e encarado de vários modos.

Os progressivos, amantes de sons experimentais e viagens cabeça — e é importante lembrar que a coisa toda é conceitual, afinal é supostamente a trilha sonora de um filme não acabado do grupo — têm aqui atmosferas de devaneio, barulhinhos esquisitos, junções exóticas, trequinhos que voam de um canal para outro no fone de ouvido, uma faixa de mais de nove minutos... Enquanto a vertente new age tem solinhos de sax chinfrim, marés de teclados suaves e sons de vento na planície.

Para os dancemaníacos, chegados no groove supremo e na funkosidade, há projéteis house, pulsações hip hop, *breakbeats* porrada, raps espumantes, canjas de divas vocais flamejantes e até um exercício de quase-EBM em "What Time Is Love?". E esse lado energético, muitas vezes barulhento e visceral, será curtido pelos roqueiros da mesma forma.

Até os românticos têm o que pescar aqui, com algumas vocalizações soul, guitarrinhas lentas, baladas esparramadas e metais *cool*.

E ainda os ecléticos, os pós-modernos, os curiosos, consumidores de pop, os excêntricos absorvem o pacote completo: do ambient-reggae de "No More Tears" à *twinpeaksiana* "Build A Fire". Vão achar divertidos os aplausos sampleados (de shows do U2 e Doors: *todos* os samples, inclusive os aplausos, são creditados), simulando uma apresentação ao vivo, entre as faixas do lado um que o grupo definiu como "house de arena".

Fica no ar o único veredito praticável: o KLF perpetrou um abuso em todos os sentidos. *CAMILO ROCHA*

FELLOW HOODLUMS
Deacon Blue
(Columbia/Sony)

Mais uma vez o Deacon Blue se apoia nas raízes folk para rechear um álbum com baladas bem-feitas, bem tocadas... e bem monótonas. Isso é triste quando se leva em consideração todo o trabalho empenhado no disco, desde a concepção gráfica até a composição das letras, que parecem tiradas do diário de um feliz habitante de uma cidadela escocesa, repletas de fatos, ruas e personagens típicos daquele mundo.

Algumas faixas, como "Cover From The Sky" na voz de Lorraine McIntosh, o "forrozão" embalado por acordeão de "Twist And Shout", ou a swingada "Closing Time", conseguem ter identidade própria. De resto, mais uma vez o Deacon Blue tropeça nas raízes folk. *J.J.E.S.*

JUNGLE FEVER
Stevie Wonder
(Motown/BMG-Ariola)

Se não chega aos pés de seus discos nos anos 70, a trilha do novo filme de Spike Lee mostra que Stevie Wonder ainda não é carta fora do baralho black. E, pelo menos, duas faixas já valem pelo álbum: o devastador funk "Queen In The Black" e "Make Sure You're Sure", uma típica baladona "maravilha", sem resvalar para a baba.

Ele já tinha provado que não preciso da visão ao compor para o cinema e o resultado supera as experiências anteriores: o antecedente música para o documentário *Journey Through The Secret Life Of Plants* e o pop anêmico de *Woman In Red*. Agora, com exceção de um rap em "Each Other's Throat", ele anda para qualquer modismo recente do black music. Mas tudo bem: desde o definitivo *Music Of My Mind* (72), Stevie Wonder vem abrindo um caminho próprio na selva pop, impondo seu padrão pessoal e intransferível. *A.C.M.*

MENTAL FLOSS FOR THE GLOBE
Urban Dance Squad (BMG-Ariola)

Não tem chavão ideológico maior hoje em dia que dizer que o capitalismo venceu, que a aldeia global é uma realidade, que as fronteiras caíram e somos todos um único planeta e tal. Os argumentos são fortes. Gorbachev, Diet Coke, CNN, ecologia, Reebok, MTV etc.

Surpresa! É tudo balela. Não somos uma aldeia de cinco bilhões de pessoas. Estamos mais próximos de ser cinco bilhões de aldeias de uma pessoa só. Cada cabeça terrestre contem hoje simultaneamente tantas informações-realidades disparatadas e/ou antípodas, que nos tornamos jecas cosmopolitas.

Lidar com o mundo moderno virou um esforço esquizo-épico, e os resultados dessa mutação velocíssima estão nos pegando no contrapé. Pode ser tribalismo irracionalista politicamente correto — digamos o separatismo na Europa Oriental.

E pode ser um mero disco como este de estreia do Urban Dance Squad. Precisou um grupo holandês para se encontrar um som mais carnavalesco que os Red Hot Chili Peppers (favor lembrar que a California é o futuro da humanidade, se tudo der certo)!

"Deeper Shade Of Soul", aquela do clip no bowl ensolarado, é só começo. Este disco, para quem gosta de tentativas de resumo crítico, é Living Colour-Jimi Hendrix-reggae-rap-punk surf music Black Sabbath skate rock, psicodélico, hipnotizante e dançável. Para registro: os autores da façanha são Rudeboy, cantor; Tres Manos, guitarrista, DNA, o DJ, Silly Sil, baixista, e Magic Stick, o bateria. O LP foi gravado em Bruxelas no verão de 89, e portanto já tem dois anos, mas não faz diferença nenhuma.

Pensar que cinco holandeses encontraram nesta receita o melhor veículo para se expressar sobre este mundo maluco faz tanto sentido quanto imaginar que uma das bandas de heavy metal mais amadas na Polônia vem de Belo Horizonte... quando o mundo enlouquece, só os malucos se dão bem. Saudações do século 21.

ANDRE FORASTIERI

RÁPIDO E RASTEIRO

Pode não soar *politicamente correto* malhar um selo independente em início de atividade, mas a sete bancada pelo pessoal da rádio Brasil 2000 (SP) já nasceu pedindo porrada. **LORD K AO VIVO NO MINI SHOW ORGASMO CONFIDENCIAL** (Camerati/Série 2000) só pode ser definido como desperdício. De um vinil duplo (!) e bem-gravado, do bom guitarrista Emerson Villani, do corpinho em cima da vocalista/nudista Klaudia. Tudo em nome da cretinice de extração universitária do "controvertido"(*sic*) Lord K, um rapaz que ganhou notoriedade ao tocar pelado no programa da Hebe Camargo. Sub-Espírito Da Coisa pseudo-politizado, da pra imaginar? Menos odiosa mas igualmente ociosa é a estréia do **Nuno Mindelis** em **BLUES & DERIVADOS** (Origem/Série 2000). Andre Christovam nem bem acabou de superar seu complexo, e já há outro branquelo tecnicamente correto, como sempre metido a bluesman — no lugar, na época e na pele errada. "Sonhei que Memphis era Sampa. Adoniran e B.g Bul Bronzie (*sic*) O Domínguinhos, Elmore James O Tietê, o Mississipi"... É ● Por falar em pau nos independentes, da Bahia vem a coletânea **ROCK 96** (BMG-Ariola) compilada pela FM Aratu, e **INDUÇÃO HIPNÓTICA** (Avatar), primeiro LP do **Treblinka**. Desde a época do 14º Andar e quejandos, o rock baiano já levava um jeitão de filhal do rock brasiliense. Só que juntar bandas como **Elite Marginal**, **Cravo Negro**, **Grupo Suyte** e **Planeta Cidade**, *todas* soando como um Capital Inicial mais brega (as duas últimas com um toquinho de RPM) já é exagero. **Cabo de Guerra** emula Lobão, e o **Rompal 12** Barão Vermelho. Ao fim e ao cabo, só tem alguma personalidade a **Gang Bang** (uma espécie de eletro-Marcelo Nova) e **Faróis Acesos**. Muito pouco herdeiro para a verve de Raulzito. Já o **Treblinka** até soa simpático, com seu rock vigoroso e seu saxofone lembrando o Psychedelic Furs (boa fase). O diabo são as letras, de um engajamento burrinho. ● Só nos resta recorrer ao infalível **Bezerra da Silva**. Em **PARTIDEIRO DA PESADA** (RCA BMG-Ariola) ele continua o mesmo, e inscreve mais um clássico na sua galeria da pilantragem. É "Canudo de Ouro", a história do vigário cheio de *flagrante* embaixo da batina.

ROSCOE MACIEL

GRAVADORAS INDEPENDENTES: Avatar — R. Lisboa e Silva, 310, 3º andar, Salvador (BA), (071) 236-8548; Série 2000 — R. Pedro Nolasco de Almeida, 54, [illegible]

BOLSA DE DISCOS

	DESSARTRE	TUDO É PERMITIDO	GAMA TAM	RUN THE BLUES	BEAST DROPPED DOUBLE	ESCAMENTO HP
ALEX ANTUNES						
ANDRÉ FORASTIERI						
ANTONIO G. CONTO BOKETE						
CAMILO ROCHA						
DANIEL BENEVIDES						
EVIL OTTO						
FÁBIO MASSARI				●		
TÁRIK DE SOUZA	●		●			

ÓTIMO
BOM
INTERESSANTE
RAZOÁVEL
FRACO

COMPACT DISC

NOS TEMPOS DO YES

YESYEARS é a caixa que a Atlantic lá fora, dedicou ao dinossauro, flagrado em sua época áurea. Ao lado de clássicos remasterizados como "Rondabout" o box-set — quádruplo — traz faixas inéditas. Como uma versão ao vivo de "I'm Down", dos Beatles, registrada em 76 e duas demos do grupo Cinema, um Yes alternativo formado nos anos em que a banda desativou-se.

Mas pérola de garimpagem mesmo é uma gravação de 77, realizada em uma igreja suíça, e reunindo Rick Wakeman no órgão e Jon Anderson na harpa. Para o deleite dos fãs daqueles instrumentais grandiloquentes e do vocal de Anderson — que um crítico maldoso definiu como "voz de alface no rio".

Também no Brasil o progressivo é uma força no catálogo digital. Só o afã da tribo em trocar seus vinis surrados pelos sofisticados discquetes é que pode explicar o surpreendente lançamento de nada menos que cinco discos do grupo italiano Premiata Forneria Marconi (quatro deles inéditos no país).

O grupo, já em 70, revelava influências do King Crimson no álbum **STORIA DI UN MINUTO**, o que os levou à Inglaterra pelas mãos de Pete Sinfield, ex-letrista e produtor do Rei Escarlate e do Roxy Music. Entre esse e **CHOCOLATE KINGS**, já mais na praia de Yes e Genesis, os sinfônicos-spaguetti atravessaram toda uma década como banda de ponta no gênero. Comprovam álbuns como **L'ISOLA DI NIENTE**, **PHOTOS OF GHOSTS** e **LIVE IN USA**, que, apesar de datados, têm momentos envolventes. O disco de estréia e o ao vivo são uma boa introdução. E já que lançaram a filial, por que não a matriz? Robert Fripp em pessoa remasterizou, no ano retrasado, *toda* a discografia do Crimson. Alô, BMG-Ariola!

A.A.

VELVET EM CD

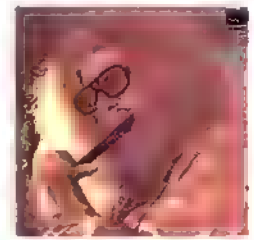
O Velvet Underground não tem mesmo sorte no Brasil. Enquanto a PolyGram, que detém o selo Verve, dorme no ponto, cabe à Warner lançar o que tem em seu catálogo — justamente os discos menos importantes do grupo, que revelou Lou Reed e John Cale. Em 85 saiu em vinil **V.U.**, que teria sido o último LP da banda, arquivado durante quinze anos e que vale só como curiosidade. Agora, só em CD, é a vez do semipirata **LIVE AT MAX'S KANSAS CITY**. O show no celebre poraõ nova-iorquino em agosto de 70 era de fato histórico, o último de Lou Reed com a banda que depois se expôs ao ridículo tentando continuar sem ele. Uma das raras fãs contemporâneas estava armada com um cassete e dois anos depois o selo Cotillion editou esta gravação (mono, mas bem razoável). No repertório, só grandes clássicos mas tocados nas coxas e na cara-dura. O duplo ao vivo **1969** é infinitamente superior mas... A falta do file velvetiano por aqui torna este lançamento fundamental, imperdível, blablablá. Alô, Warner, que tal agora **LOADED**, o verdadeiro último LP também da Cotillion?

J.A.L.

PRAGA BRAVA

Cuidado quando encontrar essa capa aí do lado. É o melhor disco do cara. **A MÚSICA LIVRE DE HERMETO PASCHOAL**, de 72, foi o primeiro disco que o "bruxo" lançou no Brasil — e tem tudo para agradar até a quem não gosta das suas descabeladas poções sonoras. Ainda por cima, estava fora de catálogo há uns dezoito anos.

Só que o magnífico presente da Philips/PolyGram, com seu lançamento digital, converteu-se em um dos piores exemplos de como a pressa e o descuido na substituição dos catálogos, vinil por CD, podem gerar problemas patéticos. Nem uma única cópia disponível da *Música Livre*, até julho, continha o



disco certo. Alguns compradores se depararam com Pepeu Gomes ao vivo, outros com uma certa "homenagem a Chico Mendes" (!). A gravadora diz que o engano ocorreu provavelmente, na Microservice fabricante das bolachinhas. Os CDs estão sendo recolhidos, e *the real* Hermeto Paschoal deve estar disponível até novembro. Enquanto isso, não leve Paulo Coelho por lebre.

A.A.

O novo furo da Folha de S. Paulo.

Se você não ficava mais surpreso com os furos de reportagens da Folha de S. Paulo, surpresa: a Folha surpreende de novo. Quem fizer uma assinatura semestral agora, escolhe entre 2 CDs para ganhar. Pode ser com as músicas mais importantes do Jorge Benjor e Gilberto Gil ou com o melhor dos Titãs, Barão Vermelho e Ira. Junto com o CD, você também ganha um livro contando tudo sobre os artistas dos CDs.

FOLHA DE S.PAULO

Se você mora no município de São Paulo ligue agora e receba o primeiro exemplar em 2 h. A Folha circula todas as segundas-feiras. Em um ano são quase 2 meses a mais de informação. Você recebe o Cartão Clubefolha que garante descontos em programas de cultura e lazer.

Você assina a Folha por seis meses e paga só 3 parcelas iguais de Cr$ 15.800.*
Na compra a vista, você ainda tem até 40 dias para pagar se usar o seu cartão de crédito.
Ligue já. A Folha atende 24 h por dia, todos os dias. Inclusive sábados, domingos e feriados.

Ligue já. 222-2000 SP - capital. Ligue grátis (011) 800-8377 demais regiões.

*Preços válidos para SP, RJ, MG e PR. Entrega sujeita à cobertura.

W/Brasil

Dinosaur Jr. foi uma das melhores bandas surgidas sob a influência do Hüsker Dü na América. O power trio original foi dissolvido por J. Mascis após a gravação em ritmo de funk metal de "Just Like Heaven", do Cure ano passado. Após várias formações, J. chegou ao ninho a **GREEN MIND**, (Sire/Warner) quarto álbum do que ainda se chama Dinosaur Jr., em que toca praticamente tudo, canta e assina a produção. Suas músicas não são sobre nada em particular, apesar do título ecológico. A melhor, "The Wagon", que abre o disco, já sai dos trilhos de cara, num choque entre vocal e base. As guitarras continuam selvagens, assim como os roubos de Neil Young — e agora até de Patti Smith.

Depois de uma década, **Butthole Surfers** o grupo texano que chocou a inabalável audiência de hardcore, lançou seu álbum mais comercial, **PIOUNGD** (Rough Trade) que quer dizer "eu te disse em dialeto indígena. Comercial? O saque pós-pós-tudo ao passado musical é o mesmo de sempre. Homenageiam/sacaneiam Jesus & Mary Chain e Sonic Youth, evocam MC5 e alucinam uma cover intera mente vibrante de Donovan – com a voz plugada no tremolo. Mesmo tentando se aproximar do pop, permanecem uma cult band para poucos — os que ainda têm saco e fôlego de sair correndo de seus fãs skinheads após os shows.

MARCEL PLASSE

A segunda lei da termodinâmica é um dos principais preceitos para o comportamento do universo. Para além da ciência, tal força entrópica atua na desintegração das sociedades, no colapso dos costumes, na falência dos sistemas econômicos e, em particular, na música do **Einstürzende Neubauten**. Registrando as ações do grupo alemão entre 84 e 90, **STRATEGIES AGAINST ARCHITECTURE II** (Mute) compila material já lançado, mais peças ao vivo e temas inéditos. Dois itens ilustrativos: "Wardrobe", em que o músico N.U. "toca" um guarda-roupa, enquanto é atiçado pela intervenção do som de correntes, latidos, tubos de ar percutidos e gotas d'água pingando sobre a chapa de um fogão, e "Intermezzo — Yü-Gung", cujo ritmo é obtido por navalhas raspadas contra um espelho. E o segundo lançamento do grupo só em 90, sucedendo a trilha sonora para a *Hamletmaschine*, adaptação que Heiner Müller fez do texto de Shakespeare.

Desde a década de 70, quando integrou a ala radical do som progressivo europeu (Henry Cow, Faust, Art Bears), até a vigente carreira solo, o guitarrista **Fred Frith** fez da ousadia e da imprevisibilidade seus grandes balizadores. **GRAVITY** (RecRec), seu primeiro LP individual, data de 80, mas foi relançado há pouco em CD com seis faixas bônus. No todo, a gravação expõe um embate subliminar de elementos de música camerística, free-jazz, atonalismo e danças folclóricas da região dos Bálcãs.

ARTHUR G. COLTO DUARTE

Eles são a banda predileta do pessoal do Faith No More, mas não espere nada parecido. Segundo a crítica gringa, o power-trio **Primus** é, na melhor das hipóteses, um descendente do King Crimson — ou, na pior delas, do Rush to que, para os progressivófobos, quer dizer mais ou menos a mesma coisa...). Mas a verdade é que em **FRIZZLE FRY** (Caroline) a comparação mais cabível é com as bandas do pós-punk californiano que trituravam com a mesma fúria rock, funk e jazz. Algo como um MX-80 Sound sem saxofone, ou o Minutemen sem engajamento político. Um grande trio de músicos, noções debilóides de dinâmica e *intermezzos* instrumentais impertinentes ajudam a animar a festinha.

A carreira solo dos membros do Japan nunca convenceu muito, apesar da insistência de David Sylvian em soar como o novo Brian Eno, de Mick Karn investir em bizarrias como a versão de "A Distância" (Roberto Carlos) ou de Richard Barbieri e Steve Jansen retomarem os antigos climas eletrônicos no projeto Delphin Brothers. Agora eles estão de volta, juntos, em **RAIN TREE CROW** (Virgin), o grupo e o disco. Com colagens sonoras calcadas no trabalho de Holger Czukay (ex-Can), eles exibem uma irresistível vocação para panoramas sonoros bucólicos e eletroacústicos.

ALEX ANTUNES

Os rumores de que o trio techno canadense **Skinny Puppy** tenha acabado continuam. Primeiro seus integrantes participaram de inúmeros outros projetos: Hilt, Cyberaktif, Ministry etc. Em seguida lançaram uma coletânea de seus compactos. Para descansar em paz faltava apenas este **AIN'T IT DEAD YET?** (Nettwerk), registro em áudio e vídeo daquela tour na qual entidades de proteção aos animais chegaram ao ponto de interromper shows em Londres, resultando na prisão do grupo. Tudo porque Nivek Ogre simulava (?) uma vivissecção de um cachorrinho...

ENEAS NETO

LETRAS

ALWAYS ON THE RUN

(Letra: Lenny Kravitz/Musica: Lenny Kravitz/Slash*)

SEMPRE CORRENDO DE UM LUGAR PARA O OUTRO

My mama said that your life is a gift
and my mama said there's much weight you will lift
and my mama said leave those bad boys alone
and my mama said be home before the dawn
and my mama said you can be rich or poor
but my mama said you can be big or small
but I'm always on the run

Minha mãe disse que a vida é uma dádiva
e minha mãe disse "muito peso você há de levantar"
e minha mãe disse "deixe esses rapazes ruins para lá"
e minha mãe disse "estejа em casa antes do sol nascer"
e minha mãe disse "você pode ser rico ou pobre"
mas minha mãe disse "você pode ser grande ou pequeno"
mas estou sempre correndo de um lugar para o outro

My mama said that it's good to be fruitful
but my mama said don't take more than a mouthful
and my mama said that it's good to be natural
and my mama said that it's good to be factual
but I'm always on the run

Minha mãe disse que é bom ser frutífero
mas minha mãe disse "não morda mais do que cabe na boca"
e minha mãe disse que é bom ser natural
e minha mãe disse que é bom ser factual
mas estou sempre correndo de um lugar para o outro

My mama said baby don't ride that crazy horse
and my mama said you must push with much force
and my mama said go get all that you're after
and my mama said that love's all that matters
but I'm always on the run

Minha mãe disse "baby, não monte aquele cavalo enlouquecido"
e minha mãe disse "você tem de empurrar com muita força"
e minha mãe disse "vá pegar tudo de que você está atrás"
e minha mãe disse que o amor é tudo que importa
mas estou sempre correndo de um lugar para o outro

* Miss Bessie Music (Direitos cedidos para o Brasil à Warner/Chappell Edições Musicais Ltda.)

PARADA

LEITORES

1 (1) *The Real Thing* Faith No More PolyGram
2 (2) *GN'R Lies* Guns N'Roses BMG-Ariola
3 (3) *X* INXS PolyGram
4 (6) *Arise* Sepultura Eldorado
5 (N) *Out Of Time* R.E.M. Warner
6 (R) *Behaviour* Pet Shop Boys EMI-Odeon
7 (4) *Appetite For Destruction* Guns N'Roses BMG-Ariola
8 (10) *LoveGod* Soup Dragons PolyGram
9 (N) *Kill Uncle* Morrissey EMI-Odeon
10 (R) *Listen Without Prejudice Vol. 1* George Michael Sony
11 (11) *Skid Row* Skid Row Warner
12 (5) *The Immaculate Collection* Madonna Warner
13 (8) *Hack* Information Society Stiletto
14 (5) *Mais* Marisa Monte EMI-Odeon
15 (16) *No Prayer For The Dying* Iron Maiden EMI-Odeon
16 (20) *Rust In Peace* Megadeth EMI-Odeon
17 (R) *Flesh & Blood* Poison WEA
18 (9) *O Papa É Pop* Engenheiros do Hawaii BMG-Ariola
19 (7) *Blaze Of Glory* Jon Bon Jovi PolyGram
20 (N) *The Doors* Trilha Sonora/Doors Warner

EMI-Odeon

LOJAS

1 (2) *Out Of Time* R.E.M. Warner
2 (19) *Live At The Brixton Academy* Faith No More PolyGram
3 (1) *Arise* Sepultura Eldorado
4 (3) *The Doors* Trilha Sonora/Doors Warner
5 (12) *Skid Row* Skid Row Warner
6 (7) *Anarkophobia* Ratos de Porão Eldorado
7 (4) *Joyride* Roxette EMI-Odeon
8 (13) *Time's Up* Living Colour Sony
9 (9) *Seasons In the Abyss* Slayer PolyGram
10 (5) *Mais* Marisa Monte EMI-Odeon
11 (N) *The Best Of The Doors* Doors Warner
12 (N) *Shaking The Tree* Peter Gabriel EMI-Odeon
13 (8) *Flashpoint* Rolling Stones Sony
14 (15) *MCMXC AD* Enigma EMI-Odeon
15 (N) *Extreme Aggression* Kreator CBS
16 (6) *Crazy World* Scorpions PolyGram
17 (17) *Painkiller* Judas Priest Sony
18 (R) *João* João Gilberto PolyGram
19 (N) *Schubert Dip* EMF EMI-Odeon
20 (N) *The Simpsons Sing The Blues* Simpsons BMG-Ariola

Para a *Parada Dos Leitores*, foram consideradas as cartas recebidas até 24.07.91. Lojas consultadas: Cândido Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte), Pop Som e Casa Coelho (Porto Alegre), Modern Sound, New Sound e Sub Som (Rio de Janeiro), Temptation Discos e Jukebox (Curitiba), 330 Volts (Campinas), Baratos Afins, Bossa Nova, Musical Box, Wop Bop e Woodstock Discos (São Paulo), em 20-08-91

EUA

LPs

1 (N) *For Unlawful Carnal Knowledge* Van Halen Warner
2 (N) *Slave To The Grind* Skid Row Atlantic
3 (1) *Spellbound* Paula Abdul Captive
4 (N) *Unforgettable* Natalie Cole Elektra
5 (3) *Efil4zaggin* N.W.A. Priority
6 (4) *Gonna Make You Sweat* C + C Music Factory Columbia
7 (2) *Out Of Time* R.E.M. Warner
8 (N) *Luck Of The Draw* Bonnie Raitt Capitol
9 (N) *Into The Great Wide Open* Tom Petty MCA
10 (N) *No Fences* Garth Brooks Capitol

Compactos

1 (7) "Unbelievable" EMF EMI
2 (2) "Rush Rush" Paula Abdul Captive
3 (N) "Right There, Right Now" Jesus Jones SBK
4 (3) "I Wanna Sex You Up" Color Me Badd Giant
5 (N) "Place In This World" Michael W. Smith Reunion
6 (9) "Rhythm Of My Heart" Rod Stewart Warner
7 (1) "More Than Words" Extreme A&M
8 (10) "Power Of Love" Luther Vandross Epic
9 (N) "Here I Am (Come And Take Me)" UB40 Virgin
10 (N) "Piece Of My Heart" Tara Kemp Giant

GB

LPs

1 (N) *Love Hurts* Cher
2 (5) *Out Of Time* R.E.M. Warner
3 (4) *Greatest Hits* Eurythmics RCA
4 (N) *Greatest Hits 1977-1990* Stranglers Epic
5 (1) *Seal* ZTT
6 (N) *Hey Stoopid* Alice Cooper Epic
7 (N) *Holidays In Eden* Marillion EMI
8 (N) *Greatest Hits* Jam Polydor
9 (8) *Beverley Craven* Beverley Craven Epic
10 (N) *For Unlawful Carnal Knowledge* Van Halen Warner

Compactos

1 (N) "Any Dream Will Do" Jason Donovan Really Useful
2 (N) "(Everything I Do) I Do It For You" Bryan Adams A&M
3 (N) "Chorus" Erasure Mute
4 (N) "Thinking About Your Love" Kenny Thomas Cooltempo
5 (N) "7 Ways To Love" Cola Boy Arista
6 (1) "I Wanna Sex You Up" Color Me Badd Giant
7 (N) "You Could Be Mine" Guns N'Roses Geffen
8 (N) "Always There" Incognito Feat. Jocelyn Brown Talkin'Loud
9 (N) "From A Distance" Bette Midler Atlantic
10 (N) "Rush Rush" Paula Abdul Captive

INDEPENDENTES GB

LPs

1 (N) *To Mother* Babes In Toyland Twin Zone
2 (N) *Chicken Rhythms* Northside Factory
3 (2) *Electronic* Factory
4 (N) *Invisible To You* Bridewell Taxis Stolen
5 (N) *Wolf Flow — John Peel Sessions* Loop Reactor
6 (N) *Shotgun Blossom* Snapper Avalanche
7 (N) *Special Kiss* Gumball Paperhouse
8 (5) *The White Room* KLF KLF Communications
9 (4) *Reggae Owes Me Money* Ragga Twins Shut Up And Dance
10 (N) *Friendly Fascism* Consolidated Network

Compactos

1 (N) "Higher Than The Sun" Primal Scream Creation
2 (N) "Flesh Balloon" Pale Saints 4AD
3 (N) "Chorus" Erasure Mute
4 (N) "Cool Breeze" Moose Hut
5 (7) "Holding Our Breath" (EP) Slowdive Creation
6 (N) "Feel So Sad" Spiritualized Dedicated
7 (N) "Keepsake" (EP) Thousand Yard Stare Stifled Aardvark
8 (N) "Please Be Cruel" Inspiral Carpets Cow
9 (N) "We Are Back" LFO Warp
10 (N) "The Last Gasp" Gallon Drunk Clawfist

Fontes: *Cash Box* e *Billboard* (EUA) de 22.06.91 a 20.07.91. *Melody Maker* e *New Musical Express* (GB), de 22.06.91 a 13.07.91

DJ SHOPPING
DANCE NOW

AS MÚSICAS MAIS EXECUTADAS NAS PRINCIPAIS PISTAS DE DANÇA NUM ÚNICO DISCO.

LANÇAMENTO POLYGRAM
LP K7 CD

DJ SHOPPING
A LOJA DOS DIS-JOCKEYS

DISCOS IMPORTADOS, ACESSÓRIOS E CURSOS PARA DJ'S.
A GRIFE DJ É A MODA QUE ESTÁ ARRASANDO POR TODO O BRASIL.
JAQUETAS, CAMISETAS, MOLETONS E BONÉS.

Loja 1 — Av. Paulista, 2001
SBL. 28 — Tel.: (011) 251-3239/289-3186
Loja 2 — Av. Paulista, 807
lj. 39 — Tel. (011) 285-0931/289-3572
Loja 3 — Travessa São Pedro, 703
Batista Campos — Belém
Loja 4 — Rua Luiz Antony, 457
Centro — Manaus — Tel.: (092) 234-9766

VOCÊ TAMBÉM PODE TER UMA DJ SHOPPING NA SUA CIDADE, ATRAVÉS DE FRANCHISING INFORMAÇÃO.

CARTAS

A MORTE DO POP STAR

Concordo com tudo que foi dito na matéria sobre a morte do pop star. Nos dias atuais, a música está mais voltada para o passado. Muitos jovens como eu, iniciando sua estrada no mundo musical, ouvem diariamente muitas canções do passado nas rádios. No meu caso, são as antigas — de 85 para trás — que mais me agradam.

Odair Viana,
Tucuruí, PA

MORRISON & MADONNA

Queria dar os parabéns a Ana Maria Bahiana pela ótima reportagem sobre Jim Morrison. Quando vi a capa, fiquei pasmo, não acreditei. Pensei que Jim nunca teria espaço na BIZZ.

Alexandre Galioti
São José dos Campos, SP

Adorei, amei, pirei ao ver a edição 71 nas bancas. Curto os Doors há cinco anos e é uma pena que só agora muitas pessoas estejam descobrindo suas músicas. Mas nunca é tarde, não é?

Eliane Martins
Mairinque, SP

Ana Maria Bahiana, meus sinceros parabéns, a reportagem sobre os Doors foi fantástica!

André Carvalho Santos
Salvador, BA

Para uma revista que estava hiperpobre em alguns dos números anteriores, a matéria sobre Morrison foi uma grande ressurreição. Parabéns, Ana Maria Bahiana.

Elisângelo de Saza
Estância, SC

Gostei mesmo dessa edição, simplesmente maravilhosa. Assisti ao filme dos Doors e fiquei muito emocionada, apesar de ter apenas dezesseis anos e saber muito pouco sobre eles, e sobre os anos 60. Fiquei encantada com o filme e com a matéria. Valeu, Ana Maria Bahiana.

Regiane Moreira do Carmo
Rio de Janeiro, RJ

Parabéns pela edição de junho, com várias reportagens sobre rock. Bastante oportuna a matéria que enfocou o líder dos Doors.

Sebastião Morais de Oliveira
São Paulo, SP

Ótima a matéria sobre o filme de Oliver Stone. Essa BIZZ está boa, embora ainda não como antes.

Marcelo Silva Costa
Taubaté, SP

Adorei as matérias sobre os Doors e "a morte do pop star".

Renato Fagundes
Rio de Janeiro, RJ

Venho parabenizar a BIZZ pela ótima reportagem sobre os Doors. E também pela matéria sobre Madonna, simplesmente sensacional!

Carlos Lacy Santiago
Belo Horizonte, MG

Quero parabenizar mais uma vez a BIZZ. Finalmente colocou na capa e em longa matéria a história de Jim Morrison, um ídolo morto mas sempre vivo para as pessoas de bom senso. Também quero elogiar a excelente matéria sobre Madonna, essa gata loura que sempre abalará meu coração.

James Gomes da Silva
Brasília, DF

Simplesmente fantástica a matéria sobre Madonna. Cada vez que ela aparece na revista, é bom demais.

Joaci Batista Gonçalves
São José dos Campos, SP

Adorei a matéria *Clamor do Sexo*, escrita pela Ana Maria Bahiana. Sexy, provocante, maravilhosa: sem dúvida, Madonna é imbatível.

Rafael Júnior
Ponta Porã, MS

Esta edição de junho está pior do que "Jornal de Ontem". Não tem quase nada que já não tenha sido divulgado por outro meio. Madonna no cinema, Jim Morrison, uma foto dos Beatles de dar nojo! O que a edição anterior teve de bom esta tem de péssimo — salvo matérias como a do R.E.M., a história do rap, *Tapas & Beijos* e, é claro, a seção *Dance Music*, que salva a BIZZ todo mês de qualquer fiasco.

Áureo
São Paulo, SP

TAPAS & BEIJOS

Não pude deixar de notar a nova coluna de detritos orgânicos e, veja só, escrita por quem?!! Nosso querido, amável e acéfalo André Forastieri. O que me chamou a atenção foi a frase filosófica: "Rock é desrespeitoso, por definição". Ridículo, não? O rock'n'roll é verdadeiro e direto, pois não tem nada a temer. Por isso sobram para ele críticas baixas, completamente incoerentes.

Luis Augusto
Campinas, SP

Congratulations, Mr. Forastieri! Que legal essa tua coluna, hein?! Já estava mais do que na (sua) hora. Todo o (doce) veneno jogado em uma página da BIZZ! Só não sei se acho o *Out of Time* tão chato assim.

Cristiano Santos
São José dos Campos, SP

Sem querer dar mais alimento para sua necessidade primitiva de estar em evidência, quero manifestar meu espanto diante da atitude da BIZZ de dar-lhe uma página inteira. Será uma compensação pela perda do cargo de editor? E o André se diz com "reputação de porra-louca"? Como diria a saudosa Claudette Poodle, isto provoca arrepios na minha rosácea e aveludada coluna vertebral.

Júlia Lins Gomes
Belo Horizonte, MG

Já não adianta mais parabenizá-lo, pois suas matérias são as melhores dessa revista há muito, muito tempo. Sua nova coluna (até que enfim!) segue a mesma trilha. Só um breve pormenor: *Out Of Time* é do caralho!

Rafael Genú Faria
Rio de Janeiro, RJ

Você classifica *Out Of Time* como "chatíssimo"? Nós, ex-leitores, temos que suportar o seu mau humor porque sua banda favorita não deslanchou? Você pisou nos tomates, André, e atolou-se na lama fétida da indecência.

Jorge Luiz da Souza
Natal, RN

Ou você anda assistindo muita MTV (aaargh!) ou sua síndrome de Angeli anda te atacando. *Out Of Time* é um disco maravilhoso. Só está cheio de "Losing My Religion" quem vive sintonizado nas Jovens Pans II da vida.

Adérico Publio
São Paulo, SP

Aproveitando sua gentil sugestão, escrevo essa pequena crítica destrutiva sobre sua coluna. O rock deve ser desrespeitoso, sim, mas pode sê-lo bem ou mal-humoradamente. O novo disco do R.E.M. é um saco? Eu não acho (nem o A.G.C.D.). O rock anda bundão e broxa? Pensando bem, todos somos meio bundões e, afinal, quem nunca broxou? Para encerrar, você poderia pelo menos citar o Pepe Escobar, em vez do Paulo Francis.

Raphael Silvierri
Curitiba, PR

Gostei de sua coluna, apesar de não ir muito com a sua cara. Concordo com você: Madonna teve seu tempo! Quanto ao futuro do rock, acho que são aquelas bandas que estão no *Conexão Brasil*, que querem seu espaço com estilo próprio.

Hudson Taylor
Belo Horizonte, MG

Não entendo qual é a desse indivíduo. Quem ele pensa que é ao julgar a maior cantora e bailarina de todos os tempos?

Flávio Moura
Rio de Janeiro, RJ

Fiquei um pouco irritado com a prepotência de André Forastieri. Ele não se manca que Madonna é um peixe muito grande para a sua medíocre crítica? Nem o bom gosto do R.E.M. ele respeitou. Quantas asneiras!!

Roberto Mendonça
Rio de Janeiro, RJ

Acho que você está meio *out of time*. Já foi o tempo em que falar contra Madonna era "inteligente". O produto em que ela se transformou hoje não comporta opiniões fúteis. Quando a mídia entrar num processo de destruição da marca Madonna, você volta a conversar com a gente, falou?

Angélica Resende
Rio de Janeiro, RJ

Dizer que Madonna é um saco de mulher! Pergunto-lhe: não gostas do material? Vamos ver até quando esse cara vai ficar sem usar o cérebro.

Elenilson Araújo
Salvador, BA

Até que a *Melody Maker* tupiniquim é boa. Mas não dá para engolir figuras como esse André Forastieri. Você vem dizer que Steve Vai e Yngwie Malmsteen são pretensiosos. Os dois estão entre os melhores do mundo! Isso sem falar em Michael Stipe, comparado por você a bicha-padrão *made in Brazil*.

Sylvio Miceli
Rio de Janeiro, RJ

Tive que tomar uma caixa de calmantes para conseguir parar de tremer. Conheço caras que gostariam de tocar um oitavo do que o Steve Vai toca. O aval do Frank Zappa não te diz nada?

Alexandre Gomes
Inhaúma, RJ

A nova coluna do nosso amado e temido A.F. foi um grande lance da BIZZ. Desejo toda força para ele, que com sua batuta sabe diferenciar os verdadeiros dos falsos profetas.

Renato Dias
Bariri, SP

Quando li o nome conhecido, pensei: "Lá vem merda". E veio mesmo. Como você pode classificar como "animadinho" o massacre sofrido pelos curdos? Ou como "pentelha" a queda do muro de Berlim?

Alessandra Nunes
Rio de Janeiro, RJ

Antes de mais nada, queria parabenizá-lo pelo seu estilo supercrítico. Na sua coluna, você escreve de uma maneira muito diferente do que encontramos nas revistas brasileiras, colocando a música como reflexo de tudo o que acontece em termos políticos, sociais e econômicos. Gostaria muito que continuasse assim.

Ana Paula Aretti
Novo Hamburgo, RS

Fiquei chocado com alguns comentários do crítico André Forastieri. Será que o sofrimento causado pela Guerra do Golfo e toda a agonia da população curda são coisas "animadinhas"? Isso é crítica ou falta de respeito?

Paulo Galdino da Silva
Nova Iguaçu, RJ

Desejo sucesso ao meu tão adorado e ao mesmo tempo odiado André Forastieri. Pode ter certeza de que poderá contar conosco, leitores. Afinal, você é o máximo e merece seu próprio espaço.

Luciano Gama
Pindamonhangaba, SP

Achei legal sua coluna. Só que, no dia em que escreveu, estava passando mal? O salário está baixo? Sabe, o texto estava tão depressivo que se não fosse o finalzinho eu embarcava junto nesse atual marasmo.

Ricardo Lourenço
São Paulo, SP

Fiquei boba e sem te entender, cara! Falar da MTV daquele jeito! A MTV é a melhor coisa na TV atualmente. Ela ainda está começando e você já quer implicar?

Regiane Moreira do Carmo
Rio de Janeiro, RJ

Até que enfim uma crítica inteligente sobre a MTV. Temos que dar graças a Deus por ter uma MTV e ao mesmo tempo desgraçá-la. Realmente, falta alguma coisa.

Sérgio de Souza Pires
São Paulo, SP

Mr. André Forastieri não podia mesmo deixar de dar o ar de sua graça da maneira mais insólita possível. Dizer que o planeta anda fuleiro só porque uma "paz aparente" paira sobre o pobrezinho? Exclamar "que saco de mulher" sobre a Madonna? *You are losing your reason and we are losing our patience!!!*

Patrícia Haddad
Rio de Janeiro, RJ

Foi simplesmente deprimente a estréia da nova coluna. Beijos eu não vi, apenas muita esculhambação e falta de respeito.

José Antônio Maia
Belo Horizonte, MG

Dei ótimas gargalhadas com a inocência dos leitores, dizendo que o André é incoerente, hipócrita desmedido etc. Galera, vamos deixar a infantilidade de lado! As matérias de capa dessa revista são todas pagas pelas gravadoras. O André foi apenas... infeliz nessa jogada. Para falar a verdade, ele é o retrato da infelicidade. Sua nova coluna, então... Não contente em detonar Deus e o mundo, provou que é bicha; acha Mike Patton "um gatinho"...

Júlio César Medeiros
Brasília, DF

O novo editor-chefe responde: Atendendo a pedidos, *Tapas & Beijos* está de volta a partir desta edição. Caro Júlio César, se você acha que as capas da BIZZ são pagas pelas gravadoras, para que se dar ao trabalho de ler a revista? Gaste sua grana com algo mais útil. Que tal sabão para lavar a boquinha? Kiss kiss.

R.E.M. OBSESSIVO

Recebemos de nosso colaborador Arthur G. Couto Duarte os seguintes reparos à BIZZ de julho:

Queria fazer uns adendos à Discografia Oficial do R.E.M., publicada na BIZZ 72.

Peter Buck atuou junto a Keith Streng, do Fleshtones, numa banda-projeto chamada Full Time Men. Streng tocava bateria, baixo, violão, percussão e também era o cantor. Buck tocava violão de doze cordas, guitarra e banjo. Sua única gravação é o EP *Fast Is My Name*, de 85. O selo é o Coyote/Twintone (EUA) ou o Shigaku (Inglaterra).

Mike Mills faz uma aparição na faixa "One More Time", do citado EP, tocando órgão.

Peter Buck toca também noutro disco do Robyn Hitchcock And The Egyptians. É o *Queen Elvis*. Ao todo, ele participa de quatro faixas do LP. O selo é A&M, e o ano 89.

Sobre a matéria *O Novo Metal*, o Mary My Hope (box Buraco do Barulho) grava pelo selo Silvertone (BMG-Ariola).

P.S. obsessivo-compulsivo: Peter Buck toca *em mais uma* música do *Speed Conection II*, dos Fleshtones. Além da citada "Wind Out", ele dá uma canja em "When The Night Falls", de T-Bone Burnett.

R.E.M.
INXS
A-HA

Letra por letra.

A revista Letras Traduzidas deste mês traz letras no original e em português de: Guns N' Roses, Cindy Lauper, Roxette, R.E.M., Bon Jovi, Madonna, INXS, DuranDuran, A-Ha, e outros popstars, pra você cantar e curtir.

Letras Traduzidas de setembro: o rock falando a nossa língua.

LETRAS TRADUZIDAS
BIZZ

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE & VITAL
Prevenção e Saúde

CARICIA
Comportamento Jovem

HOROSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Video

SET-1000 VIDEOS
Seleção dos Melhores Videos

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANARIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Musica Sertaneja

FAMA
Musica e Idolos

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondencia: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05457, TEL.: (011) 211-7866, Telegramas: Editabril Abrilpress

Rio de Janeiro
Rua da Passagem, 123, 8.º andar CEP 22290, Fone: (021) 546-8282, RJ, Telex 2122674 EDAB BR

Los Angeles (EUA)
1840, N. Beverly Glen Dr., 90077, Phone (213)474-7851

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone (001212) 557-5990/5993, Telex (001) 237670, FAX (001212) 983-0972

Paris: 33 rue de Miromesnil, 75008, Paris, Phone (00331) 42 66 31 18, Telex (0042) 660731 ABRIL-PA, FAX (00331) 42 66 13 99

PUBLICIDADE

Brasília-DF: Espaço Com. Integrada e Cons. Ltda. Fones: (061) 223-2134 226-3644 FAX

Belo Horizonte: M. A. M. Public e Repres. Ltda., rua Timbiras, 1560, conj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140, Fone: (031) 222-5594

Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502, cj. 206, CEP 90060, Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 342-2204, Curitiba PR

Norte Nordeste: Toda-Midia Representacoes Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

BIZZ

SERVIÇO AO ASSINANTE, ÀS SUAS ORDENS.

Você conta com um Serviço de Atendimento pronto a resolver dúvidas e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Porque a sua satisfação é o nosso compromisso maior.
Se ocorrer algo que esteja em desacordo com esse compromisso, por favor, entre imediatamente em contato conosco por carta ou pelos telefones abaixo, fornecendo seu código de assinante, que você encontra na etiqueta da sua revista.
Estamos à sua disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

Como falar conosco

Escreva para:

EDITORA AZUL

Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Se preferir, telefone das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Porto Alegre - Tel. (0512) 29-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço _____

BIZZ-74

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: Andre Forastieri
Editor: Alex Antunes
Editores-Assistentes: Camilo Rocha (Showbizz), Celso de Sales Pupo (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adan Gil (Cone-xão Brasil), Antonio Carlos Miguel (Rio)
Editora de Arte: Antonella Namorado
Editor Assistente: Renato Yata
Coordenador de Produção: Wagner Almeida Silva
Diagramador: Antonio Fernando Mota
Colaboradores: Textos - Andre Barcinski, Arthur G.C. Duarte, Carlos Eduardo Miranda, Claudia de Souza Lima, Dario Ma-res, Eduardo Peixo, Eneas Neto, Jose Julio do Espirito Santo, Luiz Claudio Garrido, Luiz H. Romanholi, Marcel Plasse, Pedro Se, Rene Fern, Simone Magno. **Fotos:** Mariano Coelho, Ricar-do Siqueira, Rui Mendes, Silvio Viegas. **Revisão:** Alexandre Ono Ramos. **Arte:** Alexandre Matias. Correspondente (Lon-dres) Andmaria G. de Lemos

PUBLICIDADE

Diretor: Romeu Andreatta Filho
Supervisor: Rosangela Cassia
Contatos: Arthur Oliveira Neto, Lucio Zahoui
RJ-Contato: Lidia Camarati
Coordenação: Marcelo Pires

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Menendez Gomes
Gerente de Produto: Andre Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Fabio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE:
Diretor Geral: Carlos Afonso Araujo
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa

SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Goncalves
Estudio Fotografico-Gerente: Fabio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Bandini
Dpto. de Documentação-Gerente: Suzana Camargo
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana, Jose Emilio Rondeau

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazao
Diretora Responsavel: Liege de Lima Doria Castelli

BIZZ 74 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, tel. (011) 211-7866, CEP 05479, Caixa Postal 66254, CEP 05389, Telex (011) 83178, Fax (011) 813-9115, **Telegramas:** Editabril Abrilpress. **Rio de Janeiro:** rua da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22674, Fax (021) 275-9347, Telegramas: Editabril Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor da capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o prezo assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não foram entregues, devidamente corrigido de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial de vendedor e pague somente com cheque nominal. Data de circulação: setembro 91. **Numeros atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermedio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuida com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicacões. São Paulo. **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRAFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Olha o sorriso de quem lê Carícia.

Esta é a Roberta.
A partir de agora, ela
vai trabalhar com os
melhores fotógrafos do país
e se tornar uma modelo superconhecida.
É que entre milhares de leitoras, a Roberta foi escolhida
a GAROTA CARÍCIA 91. E virou capa da revista.

E mais: dicas infalíveis para conquistar aquele gato!
NAS BANCAS.

PATROCÍNIO

Chicletes

APOIO

DISCOTECA BÁSICA

THE KINKS

THE KINKS (1964)

Será possível recapitular a história do rock apenas com riffs de guitarra? Humm... talvez sim, talvez não. Mas, se tivermos de pinçar uma dezena destes, entre itens cult e grandes sucessos, o de "You Really Got Me" certamente não ficará fora.

A canção saiu num single em agosto de 64 e, a seguir, no primeiro álbum dos Kinks. E levou Ray Davies (voz, guitarra), seu irmão Dave (guitarra), Peter Quaife (baixo) e Mick Avory (bateria) — todos de Muswell Hill, norte de Londres — ao topo da concorrida cena beat.

Até então, eles e os Animals, Yardbirds, Zombies e afins formavam um bloco amorfo, cujo repertório era composto basicamente por covers (hits do r'n'r, standards do blues, novidades soul). Foi quando passaram a privilegiar material próprio que as diferenças apareceram.

Os Kinks largaram mal. Um pastiche de "Long Tall Sally" e, logo após, "You Do Something To Me", *début* de Ray como autor, que vendeu estrondosas... 127 cópias! Na terceira tentativa, porém, chegaram lá: "You Really Got Me" faturou o primeiro lugar nas paradas. Dois minutos e onze segundos de peso, vocais com sotaque cockney, mágica seqüência de posições — sol, fá, si — e um solo fuzz absolutamente desvairado de Dave (ou Jimmy Page, segundo a lenda, embora seu take realmente tivesse sido limado na hora H) garantiram imortalidade ao grupo. Sua influência reverbera até hoje, e foi a base (junto a "Rumble", do subestimado Link Wray) para o advento do heavy metal.

Difamadores insinuam que todas as canções que Ray fez depois de "You Really Got Me" são variações do tema. O que, se levarmos em conta várias faixas do LP em questão ("Revenge", especialmente), não é algo fácil de rebater. Por outro lado, tal "limitação" talvez tenha sido o maior mérito dos Kinks.

De outra forma, como instrumentistas tão precários tecnicamente poderiam ter gerado músicas tão geniais? A fieira de hits — "All Day And All Of The Night", "Tired Of Waiting For You", "You Set Me Free" — cravada no top ten britânico confirma a primazia do chunka-chunka antropofágico dos Kinks.

Um modelo perseguido pelo Who (em "I Can't Explain"), The Doors (o que é "Hello I Love You" senão uma reverência aos Kinks?), Velvet Underground (vide o épico de dois acordes "Sister Ray"), punks e epígonos de *Madchester*.

Mas *The Kinks* não é só "You Really Got Me". Produzido por Shel Talmy para o selo Pye, o LP bate de longe — exceto *The Rolling Stones* — todas as estréias de 64. De início, há "Stop Your Sobbing", primeira de uma série de memoráveis baladas de Ray Davies. Também seu notório senso de humor e algumas fantasias libidinosas surgiam em "I Took My Baby Home". Os Beatles ainda estavam naquela de "I Want To Hold Your Hand", mas o maroto Ray não só invertia papéis como terminava "objeto sexual" nas mãos de uma gatinha fálica.

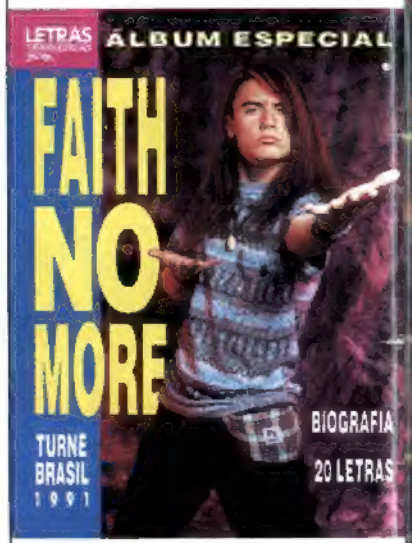
Como era de praxe na época, o disco tem muitas covers, mas o abandono com que os Kinks se atiram aos temas de Chuck Berry ("Beautiful Delilah", "Too Much Monkey Business"), Bo Diddley ("Cadillac"), Don Covay ("Long Tall Shorty") e Slim Harpo ("Got Love If You Want It") fazem a *diferença*.

Com o passar dos anos, os Kinks vivenciaram diversas guinadas de estilo (cronistas do *british way of life* em "Arthur", a mescla *Marx'n'roll* de "Preservation Act", a fase de operetas satíricas como "Village Green Preservation Society"), e ainda mantêm-se ativos com distinção.

Serão relembrados principalmente como protótipicos *thrashers*, e era assim que se mostravam em *The Kinks*.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

ENTRE NO MUNDO DO FAITH NO MORE



Esse foi feito especialmente para você. Álbum Especial Faith No More. São 20 letras no original e em português, além de uma biografia completa, para você ficar por dentro do que eles pensam, o que cantam, quem são eles, quais são seus planos. Você vai conhecer seus ídolos pra valer, desvendando o mundo que eles vivem. Não perca essa chance.

LETRAS TRADUZIDAS

BIZZ ÁLBUM ESPECIAL

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

LOJAS EXCLUSIVAS SETE SETE CINCO INFORMAÇÕES (011) 826 4288 PRONTA ENTREGA | R. GEN. JULIO MARCONDES SALGADO 2

SETE SETE CINCO